



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DIONSON FERREIRA CANOVA JÚNIOR

**O MANGÁ PELA DIDÁTICA DA HISTÓRIA: AS HISTÓRIAS SENSÍVEIS E OS
TRAUMAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A PARTIR DE GEN PÉS
DESCALÇOS**

RECIFE

2024

DIONSON FERREIRA CANOVA JÚNIOR

**O MANGÁ PELA DIDÁTICA DA HISTÓRIA: AS HISTÓRIAS SENSÍVEIS E OS
TRAUMAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A PARTIR DE GEN PÉS
DESCALÇOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História na área de concentração Sociedades, Culturas e Poderes.

Área de concentração: Sociedades, Culturas e Poderes.

Orientador (a): Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior

RECIFE

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

C227m Canova Júnior, Dionson Ferreira.

O mangá pela didática da História : as histórias sensíveis e os traumas da Segunda Guerra Mundial a partir de Gen Pés Descalços / Dionson Ferreira Canova Júnior. – 2024.

124 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2024.

Inclui referências.

1. História - Estudo e ensino. 2. Didática. 3. Japão. 4. Segunda guerra mundial. 5. Histórias em quadrinhos. I. Szlachta Junior, Arnaldo Martin (Orientador). II. Título.

907 CDD (22. ed.)

(BCFCH2024-029)

DIONSON FERREIRA CANOVA JÚNIOR

**O MANGÁ PELA DIDÁTICA DA HISTÓRIA: AS HISTÓRIAS SENSÍVEIS E OS
TRAUMAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL A PARTIR DE GEN PÉS
DESCALÇOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Sociedades, Culturas e Poderes.

Aprovado em: 29/01/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Junior (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Fábio da Silva Paiva (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof. Dr. Bruno Sanches Mariante da Silva (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco - UPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela fé e força em mais uma etapa da minha vida. Diversos foram os obstáculos, antes e durante a caminhada, e o Senhor esteve comigo.

A minha família por todo amor e força ao longo deste processo. Incontáveis vezes, estenderam a mão e puxaram a minha orelha desde o processo seletivo até a conclusão da dissertação. Estiveram comigo em cada passo dado e sempre foram um estímulo para os estudos. É neles em que me espelho na busca incessante pelo conhecimento e por ser a melhor versão de mim em tudo que almejo.

Aos laços de amizade que foram construídos ao longo do mestrado e que enriqueceram a pesquisa. Agradeço a todos os companheiros cujo tempo dividimos nas disciplinas que cursamos juntos e nos anseios de nossas pesquisas. Acredito que cada etapa que vencemos se deu pela união em torno de um único objetivo comum: o sucesso de todos. Em especial, a Tayane, pois compartilhamos o mesmo amor pelas histórias em quadrinhos e sempre estivemos apoiando um ao outro em nossas dissertações. A Ana Francisca, uma amiga a qual o mestrado me proporcionou conhecer e unir forças para superar cada etapa. E a Marcone, um amigo que a UPE me deu; agradeço por todas as conversas sobre a pesquisa, pelo tempo disponibilizado para discussões e nos debates sobre a disciplina de História.

Ao PPGH por todo apoio e incentivo a minha pesquisa. Aos professores com os quais pude cursar as disciplinas, agradeço cada conhecimento que pudemos partilhar ao longo desta caminhada. Cada texto compartilhado e cada sugestão para a pesquisa foram de altíssimo valor e contribuíram para a versão final. Á Sandra e Raquel, secretárias do PPGH, pela sua atenção e dedicação no trabalho, que fazem toda a diferença. Vocês, sem dúvida alguma, têm todo o meu carinho e respeito.

Á Arnaldo Martin Szlachta Junior, meu orientador, agradeço por acreditar em minha pesquisa e pela oportunidade de desenvolver a dissertação juntos. És o exemplo de profissional, professor e amigo que carrego em minha vida.

RESUMO

Essa dissertação discute a partir da Didática da História a compreensão da Segunda Guerra Mundial, no Japão, mediante o testemunho de experiência traumática por meio do mangá “Gen Pés Descalços” (はだしのゲン *Hadashi no Gen*) de Keiji Nakazawa (1939-2012). A memória produz conhecimento a partir da experiência daqueles que, a nível individual ou coletivo, deixaram suas vivências, permitindo, assim, que o passado esteja vivo no presente. É neste contexto que situamos as histórias sensíveis ou traumáticas, aquelas que estão politicamente carregadas de emoções e que são imprescindíveis para o debate referente ao Ensino de História. Desse modo, a presente pesquisa possui três capítulos que são pautados no objetivo principal: analisar o uso de mangás como fonte para o Ensino de História. Ao longo da pesquisa, investigamos a sociedade japonesa em relação aos seus discursos a respeito da guerra e o uso do mangá como ferramenta de aprendizagem histórica no processo de desenvolvimento da consciência histórica por meio do conhecimento histórico sobre a Segunda Guerra Mundial. Por fim, a pesquisa nos levou a compreensão de que o uso do mangá permite a construção da alteridade e identidade nos estudantes em relação ao outro, além de que, enquanto ferramenta de aprendizagem histórica, possibilita a formação de competências do pensamento histórico acerca do uso de fontes na elaboração da consciência histórica sobre as narrativas do passado e na capacidade de criticidade sobre a realidade.

Palavras-chave: ensino de história; didática da história; Japão; segunda guerra mundial; histórias em quadrinhos.

ABSTRACT

This dissertation developed in Brazil discusses, from the History Didactics, the experience of the World War II, in Japan, through the traumatic testimony through the manga “Gen Pés Descalços” (はだしのゲン *Hadashi no Gen*) by Keiji Nakazawa (1939-2012). Memory produces knowledge from the experience of those who, individually or collectively, left behind their experiences, thus allowing the past to be alive in the present. It is in this context that we place sensitive or traumatic stories, those that are politically charged with emotions and that are essential for the debate regarding the Teaching of History. Therefore, this research has three chapters which are based on the main objective: to analyze the use of manga as a source for History Teaching. Throughout the research, we investigated Japanese society in relation to its discourses regarding the war and the use of manga as a historical learning tool in the process of developing historical consciousness through historical knowledge about World War II. Finally, the research led us to understand that the use of manga allows the construction of alterity and identity in students in relation to others, in addition to that, as a historical learning tool, it enables the formation of historical thinking skills regarding the use of sources in the elaboration of historical consciousness about the narratives of the past and in the capacity for criticality about reality.

Keywords: history teaching; history didactics; Japan; world war ii; comics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Civil diante do líder comunitário do bairro.....	45
Figura 2 –	Coreano como vítima de xenofobia.....	66
Figura 3 –	Imperialismo japonês no Extremo Oriente.....	67
Figura 4 –	Nascimento da irmã de Gen pós bomba atômica em Hiroshima.....	93
Figura 5 –	Impacto da bomba atômica em Hiroshima.....	95
Figura 6 –	Soldados norte-americanos capturados pelos soldados japoneses...	100
Figura 7 –	Civis japoneses apedrejando soldados norte-americanos mortos pela bomba.....	101
Figura 8 –	Hiroshima Peace Memorial (<i>Genbaku Dome</i>).....	109
Figura 9 –	Cúpula da Bomba Atômica e arredores.....	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características e efeitos das bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki.....	97
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EUA Estados Unidos da América

HQ Histórias em Quadrinhos

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura

URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	O TESTEMUNHO: O TRAUMA DA GUERRA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS.....	17
2.1	Testemunho, trauma e história: o mangá como fonte histórica.....	29
2.2	A produção do mangá: o que o período dos anos 1970 tem a dizer?.....	37
2.2.1	<i>O meio ambiente, a industrialização e a memória nuclear.....</i>	<i>46</i>
2.3	O homem e a cultura.....	50
3	MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: CONSTRUINDO RELAÇÕES COM O MANGÁ.....	55
3.1	Memória e consciência histórica: quais aproximações?.....	68
4	A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA SOCIEDADE.....	85
4.1	O ensino de história por meio do mangá.....	91
4.1.1	<i>O monumento, a preservação da história e a consciência histórica.....</i>	<i>104</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
	REFERÊNCIAS.....	118

1 INTRODUÇÃO

Quais ecos permanecem no Tempo Presente¹ quando tratamos da Segunda Guerra Mundial? Uma pergunta reflexiva que transmite diversos pensamentos sobre o conflito. Nossa consciência nos remete, instantaneamente, para temas muito suscitados em qualquer esfera educacional e social: Nazismo e Fascismo. O enorme acervo de pesquisas que envolvem tais assuntos representa o interesse dos pesquisadores em compreender o motivo de determinado fenômeno ter existido. Suas consequências são perturbadoras em um contexto social e as causas são tão particulares quanto se imagina. A Segunda Guerra Mundial é um tema que atrai não só pesquisadores, mas a grande mídia como um todo. Quantos filmes, séries de TV e entrevistas não foram feitos devido à complexidade do ocorrido?

Os usos do passado são tão vivos quanto as memórias que permeiam a atualidade. Na verdade, tais usos são políticos, porque resultam em problemas no presente que precisam ser resolvidos. Seria, então, um diálogo entre passado e presente para vislumbrar futuros? Esse “passado-recente” - se podemos chamá-lo assim -, que não passa, traz que valor em suas memórias para o Tempo Presente? A construção das narrativas em torno das memórias de guerra reflete uma ânsia de buscar caminhos para se entender e interpretar a consciência social em relação à produção de sentido que as ações humanas desenvolveram no conflito.

Essa relação entre memória e história é extremamente importante, porém há divergências em sua estrutura. Situa-se entre o concreto e o abstrato, imaginário e relativo. Contudo, através do testemunho, podemos entender as experiências humanas diante das eventualidades pelas quais são acometidas. As lembranças que atuam no limite entre silêncio e esquecimento são imprescindíveis na reconstrução histórica do tempo passado. Entretanto, como fonte, apesar de sua particularidade no contexto individual de quem vivenciou, possui subjetividades que precisam ser tratadas no fazer historiográfico, ou seja, necessita entender quais intenções estão presentes no ato de testemunhar e na compreensão da experiência, que quando interpretada, promove o discurso. Quando se trata de memórias sensíveis,

¹ Segundo Delgado e Ferreira (2014) ao discutir sobre o termo, colocam que se refere a um passado em processo de atualização. Trata das experiências analisadas e projeções de futuro elaboradas por sujeitos ou comunidades. Para as autoras, esta temporalidade trata de processos históricos marcados por experiências vivas e relação entre memória e história.

traumáticas ou difíceis, tais lembranças precisam ser trazidas à luz para entender o processo social que permanece na contemporaneidade.

Esse liame entre experiência e interpretação é desenvolvido dentro de um tempo histórico criado na cultura de cada sociedade. O ser humano interpreta sua vida baseado na experiência à qual é submetido. É necessário desenvolver a orientação temporal por meio da consciência histórica para compreensão da realidade e de sua identidade. A consciência histórica assim, contribui para o entendimento do homem com suas ações no tempo. Nesse sentido, ela é formada pela narrativa histórica dando sentido ao passado em sua formulação no presente.

Uma das formas de perceber essa narrativa histórica é através do mangá (histórias em quadrinhos no Japão), um produto cultural que pode ser usado no Ensino de História como fonte para discutir determinados eventos históricos. Nesta pesquisa, utilizaremos o mangá Gen Pés Descalços (はだしのゲン *Hadashi no Gen*) de Keiji Nakazawa (1939-2012), sobrevivente da bomba atômica em Hiroshima, que narra, em sua obra, as memórias acerca da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos políticos, sociais e culturais no Japão. A partir do testemunho de Keiji Nakazawa (2011a; 2011b), analisaremos como as histórias sensíveis são discutidas e tratadas, e como o trauma da guerra, mediante sua elaboração em imagem e narrativa, pode contribuir para a aprendizagem histórica dos estudantes.

Entre 1973 e 1975, o mangá Gen Pés Descalços foi publicado pela Shōnen Jump após *Kuroi ame ni utarete (Black Rain Fell over Me)* de 1968, *Aru hi totsuzen ni (Suddenly, one day)* de 1970 e *Ore wa mita (I saw it)* de 1972, todos trabalhos anteriores de Nakazawa e sem tradução para o Brasil. Após três trabalhos, Gen Pés Descalços, na década de 1970, se torna uma das maiores obras autobiográficas acerca da guerra. A motivação que o levou a escrever a obra se deu a sua mãe, que morreu vítima de câncer em 1966. O autor começa a trabalhar em mangás com temática da guerra quando descobre que o césio radioativo (Césio-137) tinha transformado os ossos de sua mãe em pó, em vez de cinzas, após a incineração. Gen Pés Descalços é uma autobiografia crítica contra a política militarista japonesa e pela mensagem pacifista. Em 2012, o autor faleceu vítima de câncer de pulmão, diagnosticado dois anos antes.

A corrida armamentista, que culminou na Primeira Guerra Mundial, trouxe uma nova visão do Japão quando este consegue lidar com a Rússia na chamada Guerra

Russo-Japonesa, ocorrida entre 1904 e 1905. A derrota russa e o reconhecimento da soberania japonesa na Coreia, além do abandono do território da Manchúria, que serviria de palco em 1931, para invasão nipônica na região, levaram o Japão a estar com os holofotes sobre si. A posição estratégica do país contribuiria para lidar com o avanço do comunismo na região, se tornando aliado de parte dos países do Ocidente.

O Japão, na Segunda Guerra Mundial, foi movido por ações e intenções políticas que buscavam um domínio regional sobre seus vizinhos. A busca por recursos e a efetiva ação colonizadora, na China e Coreia principalmente, atraem os olhos dos Aliados que impuseram embargo comercial sobre petróleo, aço e ferro. Para o Japão, este ato era uma agressão e culminaria em uma queda acentuada do poderio econômico e militar na guerra. Assim, no ano de 1941, o país começava a lançar ofensivas em busca de retaliação. Em 1942, a ofensiva dos Aliados começou a interceder em partes da Ásia e Pacífico para tratar do Japão.

Em agosto de 1945, vem a derrota de forma esmagadora. Bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki demonstram o poderio dos Estados Unidos e a futura rendição japonesa. Era o fim da política imperialista nipônica e o início de uma ocupação norte-americana por sete anos, construindo novos alicerces políticos que se relacionam diretamente com as memórias da guerra. O trauma japonês de conviver com as consequências da bomba atômica e seu efeito radioativo, precisava ser “esquecido”, para um novo país que emergiria com o que Igarashi (2011) chamava de corpo nacional saudável, em japonês *kobutai*. O estudo dos corpos e da mídia traz consigo os papéis seletivos da memória.

Acerca do trauma, a pesquisa em si carece de autores japoneses que discutam sobre o conceito devido à ausência do domínio da língua nipônica. Reconhecemos essa fragilidade, no entanto, a dissertação possui potencialidades com autores renomados, no estudo sobre o Japão, independentemente de sua nacionalidade. Acreditamos que os autores trabalhados nesta pesquisa trazem um valioso conhecimento para o período abordado. Entendemos que, enquanto pesquisadores brasileiros, a ideia de trauma possui contexto histórico diferente para a nossa sociedade e a japonesa. Todavia, não podemos pensar o Ensino de História sem nos debruçar sobre os diversos e singulares contextos históricos que enriquecem o debate na sala de aula na produção do conhecimento histórico. Desenvolver a consciência histórica dos estudantes é refletir e analisar a produção do passado e seus significados.

O uso de mangás como fonte para refletir e questionar elementos importantes na construção da relação ensino-aprendizagem tem levado ao objetivo principal desta pesquisa, que foi analisar o uso de mangás como fonte para o Ensino de História. Esse objetivo perpassa por toda uma compreensão, aprofundada, da sociedade japonesa em sua produção de memória acerca do conflito e da construção do conhecimento histórico por parte dos estudantes. Os objetivos específicos que tratam desta pesquisa foram: a) discutir a relação entre trauma, memória e testemunho na construção da consciência histórica; b) compreender a sociedade japonesa no período da guerra através das narrativas apresentadas nos mangás; e c) analisar os mangás como ferramenta de aprendizagem histórica.

A pesquisa é qualitativa, no que se refere a agnição dos fenômenos sociais acerca das articulações da memória, por parte da sociedade japonesa, sobre a Segunda Guerra Mundial e a modalidade de pesquisa histórica é descritiva, documental e bibliográfica. Descritiva devido à pesquisa historiográfica levantada para tratar da temática, de modo a refletir sobre a sociedade escolhida e aprofundar o problema de pesquisa; documental porque o mangá constitui a fonte para o estudo e bibliográfica, pois trata do levantamento e utilização de referências para ajudar a tecer reflexões e análises para a pesquisa além da própria escrita.

A pesquisa consta em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos a relação entre trauma e testemunho nas narrativas que dialogam sobre o passado. A memória produz discurso, que em sua narração, objetiva uma ação que é o ato de testemunhar. A interpretação de uma experiência que, ao se transmitir, produz significado em contraposição ao silêncio e esquecimento. O homem que diante de um trauma “inenarrável” dá sentido a sua vida ao mensurar as ações de sua vivência no tempo. Mas, ao trazermos a obra *Gen Pés Descalços* de Nakazawa (2011a; 2011b), propomos analisar quais discursos políticos o autor quis imbuir na publicação do mangá. Assim, este capítulo inicial reflete uma análise da década de 1970, no Japão, e o processo de memória nacional que estava sob a sociedade ao compreender a política japonesa pós-guerra.

Para tratar deste recorte temporal, utilizamos os conceitos de Borries (2018) “*Burdening History*”, Koselleck (2006) acerca do “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, Igarashi (2011) sobre “*kobutai*”, Agamben (2009) sobre “contemporâneo”, Rots (2015) no que se refere ao “*chinju no mori*”, Grever e Adriaansen (2017) ao revisitar o conceito de “cultura e histórica” e Rüsen (2014) sobre

“cultura”. As escolhas destes autores trazem consigo um importante diálogo no entendimento da sociedade japonesa na guerra e como o mangá contribui para a compreensão deste processo.

O segundo capítulo trata da memória e consciência histórica, analisando as aproximações que ambas têm com o mangá e entre si. A construção da pesquisa segue em uma análise acerca das Histórias em Quadrinhos (HQ) e seu arcabouço teórico ao mesmo tempo em que analisamos a memória narrativa do testemunho em relação ao sentimento de reconstrução e pertencimento do sujeito ao tratar de suas memórias. Os conceitos trabalhados são os de Arfuch (2012) “valor memorial”, Groensteen (2015) acerca da estrutura dos quadrinhos, Rüsen (2009) sobre “memória responsiva” e “crise catastrófica”, Halbwachs (2003) “memória coletiva” e Pollak (1989) no que se refere ao “pertencimento da memória”. Os referidos autores foram utilizados para embasar o debate teórico sobre a formação da narrativa traumática e suas implicações na orientação temporal do ser humano.

O terceiro capítulo trata da obra *Gen Pés Descalços* a partir do conceito de consciência histórica, elaborado por Rüsen (2010), na sociedade e do uso do mangá em sala de aula. É importante destacar que o conceito, proposto pelo alemão, pode ser discutido com a proposta de Koselleck (2006) acerca de experiência e expectativa. Todavia, tal abordagem foi construída sobre o conceito de pensamento histórico de Rüsen (2015) que lida, diretamente, com a experiência vivida por determinada cultura histórica na qual se desenvolve a consciência histórica. Assim, a utilização do mangá *Gen Pés Descalços*, em sala de aula, relaciona-se, diretamente, com a aprendizagem histórica no processo de desenvolvimento da consciência histórica por meio do conhecimento histórico sobre a Segunda Guerra Mundial. Este capítulo, em específico, se evidencia na utilização de partes do mangá para abordar o tema da guerra numa perspectiva histórica, patrimonial e de empatia histórica, proposta por Lee (2003). A guerra em si, ao ser trabalhada com estudantes, a partir da obra, pode fornecer caminhos para refletir sobre a cultura e sociedade japonesa, no período de guerra, e das heranças patrimoniais que podem ser usadas para perceber o trauma e histórias sensíveis da vida humana.

Nesse sentido, como os mangás podem contribuir para a formação do conhecimento histórico, através das narrativas do passado, atentando para a formalização de novas identidades e sujeitos tanto no que refere ao ensino escolar de história, quanto na construção de metodologias que potencializam o trabalho com

mangás como material didático para a educação histórica? (Szlachta Junior; Ramos, 2021).

2 O TESTEMUNHO: O TRAUMA DA GUERRA ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS

Pensar o século XX é lembrar das inúmeras guerras, revoltas e atentados aos direitos humanos. Regimes totalitários, genocídios, revoluções para independências, ditaduras, autoritarismo, racismo e xenofobia, são questões imprescindíveis para o Ensino de História. Tais eventos e conceitos ainda persistem no século XXI, transformando o presente em um campo de batalha pelas memórias do passado, inquietando os vislumbres do futuro, continuando, assim, nas ocorrências de catástrofes do século anterior e que são sempre revisitadas. Mediante o horror, há discursos em torno de um negacionismo destes eventos, colocando a disciplina de História em constante duelo nas vias políticas; uma tentativa de distorcer os eventos traumáticos e de incitar a dúvida no trabalho da história. Deste modo, as ações do homem no tempo estão em constantes batalhas diante da luta pela verdade e pela negação dos fatos.

Koselleck (2014), em seu livro “Estratos do tempo: estudos sobre história” aborda acerca das duas guerras mundiais que causaram rupturas na experiência daqueles que participaram de forma impensável. A consciência social foi afetada e cada um experienciou, de forma particular, os traumas. As memórias e as narrativas são, por si só, exemplos das marcas que atingem a consciência. Silenciamento e esquecimento são consequências da experiência e interpretação do evento traumático. No atual século, notamos as diversas guerras e revoltas, mostrando que não houve uma interrupção do terror social do século anterior. As experiências que são elaboradas diante do conflito permitem elaborar as condições da consciência. Qual a fronteira entre o evento, o trauma e a interpretação da consciência em um contexto social? Como construir pontes na busca de uma transformação social das experiências do ser humano no tempo? Através do testemunho.

Construir narrativas sobre o passado, através dos questionamentos do presente, é essencial para compreender e interpretar as sociedades de forma crítica. O Século XX reivindica o tratamento de memórias individuais e coletivas. Mergulhar nas memórias e dar sentido a elas possibilita reconstruir um fato com o atesto da concretude. No meio de tantos documentos, o testemunho se faz uma fonte imprescindível no fazer historiográfico. A partir do século XX, um século de temores e incertezas quando imaginamos os conflitos no mundo, como também, um século de busca por democracias após tanto horror, percebemos, no testemunho, um

instrumento de representação ou rerepresentação do passado, principalmente contra o silenciamento/esquecimento.

Uma fonte viva, que permanece em silêncio até que a História o traga à luz, resgatando dentre as dúvidas, esperanças, interrogações e medos, quais crenças e expectativas trazem consigo. Um vestígio de determinado indivíduo, de determinada sociedade, cheio de experiências sobre o passado, de um mundo que já existiu, que fazia parte, mas que, agora, quer que outros façam desta memória, um integrante desta experiência. Vislumbram-se, assim, inúmeros passados não resolvidos, não dialogados, não questionados, que, por meio do testemunho, dessa operacionalização das lembranças, são um contato com os vestígios que lutam contra o esquecimento, gritando por anseios de que sua voz seja ouvida. E nos perguntamos: o que as memórias têm a argumentar? O que o autor quer que vejamos? Nas palavras de Ginzburg (2001), a relação de memória, história e esquecimento é crucial mediante o fato de que:

Nas últimas décadas a relação entre história, memória e esquecimento foi discutida muito mais intensamente do que no passado. Isso se deu, como tantos já disseram, em virtude de múltiplos motivos: o iminente desaparecimento físico da última geração de testemunhas do extermínio dos judeus da Europa; o surgimento de novos e velhos nacionalismos na África, na Ásia e na Europa; a crescente insatisfação com respeito à história, e assim por diante. Todos esses fatos são inegáveis, e justificam a tentativa de inserir a memória numa visão historiográfica menos estreita do que a visão corrente (Ginzburg, 2001, p. 178).

Nesse trilhar, discutimos a importância de testemunhar um fato, dar uma voz ativa ao passado e incitar o ouvinte a participar da lembrança partilhada. Testemunhar é poder atestar que pôde vencer o silêncio de si e daqueles que foram impossibilitados de narrar. A experiência do evento, agora, se torna uma narrativa para tratar do tempo passado. Ao pensarmos na Segunda Guerra Mundial e nas memórias que giram em torno deste evento, logo nos lembramos da imensa produção de mídia sobre o assunto. Ora, o Holocausto, o Nazismo e o Fascismo, precisam sempre ser lembrados, estudados e perpetuados na consciência do indivíduo. Contudo, há uma Segunda Guerra Mundial que, mesmo interligada a esse contexto, está mais ausente das ponderações sobre si, uma guerra ao leste do Ocidente, uma guerra no Oriente, mais especificamente, na região do Pacífico, que possui seus traumas e lutos e requer um olhar mais incisivo sobre si.

O que pode lembrar e o que pode esquecer? Estas duas palavras se conectam de tamanha forma que nos perguntamos quais chaves abrem determinadas memórias e o que delas podemos extrair. No que diz respeito aos processos mnemônicos, dois conceitos importantes precisam ser mencionados: o **esquecimento** e o **silêncio**. Pollak (1992, p. 203) afirma que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Cabe salientar, a própria individualidade da memória que molda a identidade do ser humano. O sociólogo Halbwachs (2003) discute que recorremos a testemunhos para sabermos de um evento. Contudo, nossa lembrança permanece coletiva porque nossas memórias estão interligadas ao grupo. Os testemunhos estão vivos devido às concordâncias de lembranças existentes entre o grupo específico. A pessoa tem seu ponto de vista em seu particular/singular, mas é uma perspectiva dentro do coletivo. A recordação do acontecimento se deve à memória viva na sociedade em que o evento esteja compartilhado.

São lembranças intransferíveis que expressam a própria relação do indivíduo com o fato. Nesse trâmite, há a vida autobiográfica em mangá de Keiji Nakazawa² através de sua obra “Gen Pés Descalços”. Ao narrar um acontecimento de sua vida por meio do mangá, ele pôde perpetuar os traumas que o perseguiram ao longo de sua existência, dando significado a sua inquietude. Era necessário expor, para que o acontecimento se tornasse uma prova, mediante suas memórias, da legitimação do seu discurso acerca do nacionalismo nipônico. Mas, o que é um acontecimento e como ele se conecta, inicialmente, à ideia de testemunho? Segundo Farge (2011, p. 71):

O acontecimento que sobrevém é um momento, um fragmento de realidade percebida que não tem nenhuma outra unidade além do nome que se lhe dá. Sua chegada no tempo é imediatamente partilhada por aqueles que o recebem, o veem, ouvem falar dele, o anunciam e depois o guardam na memória. Fabricante e fabricado, o acontecimento é inicialmente um pedaço de tempo e de ação posto em pedaços, em partilha como em discussão: é através dos farrapos de sua existência que o historiador trabalha se quiser dar conta dele. Em face do acontecimento encontrado, ou relatado, está diante de uma ausência de ordem. Com efeito, sua estrutura, percebida através dos textos, dos testemunhos ou das imagens, é já em si uma colocação em relação.

² O mangá Gen Pés Descalços (*Hadashi no Gen*) foi originalmente publicado pela Shōnen Jump nos anos de 1973 a 1975. No Brasil, a obra foi traduzida e publicada pela Conrad Editora entre 2011 e 2016, totalizando 10 volumes. Keiji Nakazawa (1939-2012), o autor, foi um sobrevivente da bomba nuclear em Hiroshima e através da obra, narra suas lembranças acerca do bombardeio e as consequências da guerra. Morreu em 2012 vítima de câncer de pulmão.

Como podemos perceber, a argumentação de Farge (2011) nos leva a questionar a posição que o testemunho se insere no acontecimento, mediante a captação do ato, e o partilhamento dele pelas memórias. Dividir uma lembrança do que passou e permitir que outros mergulhem nesse mar de fragmentos da realidade, que outrora foi um tempo de experiência, é nos conectar nas encruzilhadas das representações individuais e coletivas por meio das codificações do acontecimento, a memória.

Trujillo e Allende (2020) analisam, em seu artigo *“De la historia a la memoria. Desplazamientos para pensar el lugar de la ficción televisiva en la construcción de sentidos sobre el pasado”*, a representação do passado no audiovisual. Os autores tratam das narrativas ficcionais na indústria televisiva e seus diversos gêneros como biográficos e eventos específicos. Suas indagações referem-se à relação de sentido sobre o passado ao mesmo tempo em que se analisam a estrutura ficcional da obra e os critérios de veracidade utilizados na criação da obra. Porém, o ponto central do texto é pensar a ficção televisiva sobre o olhar da memória nos meios de comunicação e não propriamente da história.

Para Trujillo e Allende (2020), a importância da memória, neste campo específico das representações do passado em detrimento ao rigor historiográfico, se dá pelas múltiplas relações que o passado e sua representação articulam com o presente. Assim, se alocarmos o mangá no lugar da televisão, podemos perceber que ambos os objetos de análise, quando apropriados da memória e de sua evocação da rememoração do passado, discutem formas de refletir no presente as inquietações que a narrativa possui. Para referenciar sua análise, os autores utilizam o conceito “memória cultural”, desenvolvido pelos egiptólogos Jan e Aleida Assmann. Para tratar da rememoração, eles desenvolveram o conceito de memória cultural e comunicativa. Interação e comunicação cotidiana aborda a memória comunicativa enquanto memória cultural ocupa-se dos sistemas de comunicação da memória em âmbito social.

Assmann (2008) no capítulo *“Communicative and Cultural Memory”*, do livro *“Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook”* de Erll e Nünning (2008), aborda que a memória permite formar uma consciência de individualidade (identidade) tanto social quanto pessoal. Se considerarmos o testemunho de um evento traumático como uma produção pessoal de uma vivência no período e posterior interpretação desta experiência, temos a memória como um

sistema comunicativo que produz sentido narrativo. Para Assmann (2008), tratar de memória cultural é relacionar a própria memória com o tempo e a identidade. Assim, a temporalidade é uma particularidade para a memória porque ela busca recordar, o mais fiel possível, o passado, ao passo que este não é evocado inteiramente como foi.

Nesse sentido, Assmann (2008, p. 110) discute que o termo "memória comunicativa" foi cunhado para diferenciar "memória cultural" e "memória coletiva", este último, conceito proposto pelo sociólogo Maurice Halbwachs. Assim, o autor esclarece que "memória cultural" é uma forma de memória coletiva compartilhada por determinadas pessoas, na qual produz identidade cultural. A memória cultural é importante para entender o papel da testemunha e a transmissão das lembranças. Para Assmann (2008, p. 100-111, tradução nossa):

A memória cultural é um tipo de instituição. Ele é exteriorizado, objetivado e armazenado em formas simbólicas que, ao contrário dos sons das palavras ou da visão dos gestos, são estáveis e transcendem a situação: podem ser transferidos de uma situação para outra e transmitidas de uma geração para outra.³

Como frisado pelo autor, a memória pode ser transferida de uma geração para outra. Logo, um produto cultural como o mangá, é um investimento simbólico na formalização e perpetuação das memórias traumáticas. A experiência da Segunda Guerra Mundial só poderia ser passada para as gerações seguintes se símbolos memoriais fossem colocados. Então, o mangá é uma experiência compartilhada na qual se busca reconstruir um passado traumático capaz de modelar a sociedade sobre sua história.

Jelin (2012), socióloga argentina, em seu livro *“Los trabajos de la memoria”*, fala que o medo, o esquecimento e a presença do passado são simultâneos, ainda que haja tensões sobre eles. A autora discute que a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo estimularam os debates sobre memória na década de 1980. Para a autora:

Para além do clima da época e da expansão de uma "cultura de memória", em termos mais gerais, família ou comunidade, memória e esquecimento, comemoração e rememoração tornam-se cruciais quando estão ligados a

³ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Cultural memory is a kind of institution. It is exteriorized, objectified, and stored away in symbolic forms that, unlike the sounds of words or the sight of gestures, are stable and situation-transcendent. They may be transferred from one situation to another and transmitted from one generation to another.*

acontecimentos traumáticos de natureza política e a situações de repressão e aniquilação, ou quando são catástrofes sociais profundas e situações de sofrimento coletivo (Jelin, 2012, p. 45, tradução nossa).⁴

A posição de Jelin diante da temática se dá pela posição do trauma frente a sua própria posição interpretativa. O lembrar e o esquecer estariam em uma linha tênue devido à experiência da catástrofe social. Entre o testemunhar um fato e o relatar, há um horizonte de contrastes que emergem na própria evidência da lembrança que, por si só, já se digladia com a história, a partir do concreto e abstrato. Tampouco, há o receio de o próprio testemunho se tornar inquieto porque ainda não houve a sua busca no presente. Sua fala ficou evocada somente ao passado. Porém, diante de tantas incertezas e questionamentos que o testemunho traz, a indagação do historiador francês Rioux (1998, p. 307) quando ele aborda “por que surgem tantas lembranças e tantas rememorações nas nossas sociedades inquietas?”, nos coloca perante a capacidade de indagar o presente sobre as questões que envolvem o passado e que ainda não foram cicatrizadas. São tantas feridas, mas, partindo do testemunho, se pode codificar e transmitir quais invisibilidades ela desejava que viesse à luz.

O testemunho é um trabalho de memória diante de seu poder de transmissão da narrativa. A transformação do narrar, em uma produção testemunhal, é atestar a própria experiência diante do acontecimento e de sua sobrevivência em um contexto psíquico. É tornar o “indizível”, se assim podemos dizer, em um instrumento de reflexão social no decurso das memórias. O estatuto da ressignificação do testemunho vem por meio das experiências que, agora, são recordadas no ato de lembrar, expondo o lado doloroso da vida que ao ser lembrado, converte o acontecimento em um documento.

Nesse sentido, o que é ser uma testemunha? O que significa narrar seu próprio trauma?⁵ De antemão, pode-se afirmar que a testemunha é uma sobrevivente. Aquele que pôde compreender as suas experiências e transformá-las em um memorial acerca do passado. Indagamos os conflitos do século XX, as problemáticas que emergem no

⁴ No texto original, encontramos a seguinte grafia em espanhol: *Más allá del clima de época y de la expansión de una “cultura de la memoria”, en términos más generales, familiares o comunitarios, la memoria y el olvido, la conmemoración y el recuerdo se tornan cruciales cuando se vinculan a acontecimientos traumáticos de carácter político y a situaciones de represión y aniquilación, o cuando se trata de profundas catástrofes sociales y situaciones de sufrimiento colectivo.*

⁵ A orientação bibliográfica desta temática na qual será debatida é Bodo von Borries na ideia de “história difícil” e de Jorn Rüsen sobre luto e trauma.

século XXI, e nos questionamos como abordá-los, ao ponto de que o testemunho se torne um retrato de si em palavras. É dar sentido ao seu lugar de pertencimento enquanto ser humano sobre as práticas passadas, pois “o testemunho também é, de certo modo, uma tentativa de reunir os fragmentos do “passado” (que não passa), dando um nexo e um contexto aos mesmos” (Seligmann-Silva, 2005, p. 87).

Ao se debruçar sobre a batalha entre memória e esquecimento que há nos discursos de testemunho, Ginzburg (2012) problematiza a relação entre memória e história, pois quando a violência consegue silenciar a história, através da amnésia social, banaliza-se o horror e a desumanização. “O esquecimento é, nesse sentido, uma catástrofe coletiva.” (Ginzburg, 2012, p. 149). Percebemos o trauma e a própria questão psicológica que está inserida no corpo e mente do indivíduo. É importante mencionar que para trabalhar essa ideia de trauma, se faz necessário para a História, enquanto disciplina escolar, se relacionar com a psicanálise para dialogar sobre o quão impactante a memória se situa no ser humano mediante uma exposição de uma situação-limite, o que causa uma experiência dolorosa nas esferas do corpo e mente. Nesse horizonte, há os autores Roudinesco e Plon (1998) que discutem sobre a neurose de guerra, um importante conceito que contribuirá na discussão sobre trauma. Ambos mencionam que:

Historicamente, a questão da neurose de guerra é tão antiga quanto a guerra em si. A ideia de que as sangrentas tragédias da história possam induzir em sujeitos “normais” modificações da alma ou do comportamento remonta à noite dos tempos. Todos os trabalhos do século XX sobre os traumas ligados à guerra, à tortura, à prisão ou às situações extremas confirmam a formulação freudiana: esses traumas são, a um só tempo, específicos de uma dada situação e reveladores, em cada indivíduo, de uma história que lhe é peculiar (Roudinesco; Plon, 1998, p. 537-538).

A citação dos autores evidencia que as situações extremas, traumáticas, em que os indivíduos se situam, modificam seu comportamento devido à exposição de suas experiências individuais, como também, coletivas. Tais estudos se originaram, principalmente, após a Primeira Guerra Mundial, quando nomes como Sigmund Freud e Ernst Simmel debatiam acerca do transtorno, da consciência pesada, da luta entre as memórias dolorosas que permeiam a mente após o final do conflito e que debilitou corpos e mentes, trazendo ao ser humano que foi exposto uma sensação de caminhar entre o “indizível” e o “impossível”. A interrogação do que seria realmente o real, no meio de tanto sofrimento, faz descortinar o inimaginável como alcançável. O passado

não se torna distante devido à relação do que se pode lembrar e do que não se deve esquecer. Entretanto, é nessa simbiose que história e memória interagem nas ações humanas, fazendo do indivíduo testemunha de sua experiência enquanto narra e luta contra a perda/silêncio de sua memória, ao mesmo tempo em que, segundo Koltai (2016, p. 25):

[...] nas neuroses traumáticas em vez de se depararem com a já conhecida amnésia, precisavam lidar com um excesso de memória, uma vez que o problema dos traumatizados residia justamente em não poder esquecer nem a cena nem os acontecimentos dos quais foram vítimas [...].

Koltai (2016) traz o problema que o trauma proporciona além da amnésia. Um evento traumático que permite o ser humano experienciar um evento limite em seu corpo e mente, faz com que, ao invés de trazer um esquecimento, a pessoa vivencie em seu consciente a totalidade do horror. Ainda que lute contra o esquecimento, a memória da experiência permanece viva. Seria então o silêncio uma forma de negar a lembrança? Esse trauma originado pela guerra que confronta o ser humano diante de si e dos outros que testemunharam o mesmo evento, os obriga mesmo diante de tantas incertezas e silêncios, a arrancar as amarras do trauma e narrar o fato para que aqueles que não o presenciaram e estão distante deles, possam agora testemunhar, mediante as vozes ecoadas de sofrimentos daqueles que suplicam pela perpetuação de memórias, antes que o esquecimento recaia sobre si e sobre o evento histórico. Essa ação de testemunhar faz o indivíduo integrar e interagir novamente em sua sociedade, encarar sua realidade, pois, como menciona Koltai (2016, p. 24):

Confrontados ao extermínio individual e coletivo, alguns sobreviventes sentiram-se na obrigação de deixar uma marca, um traço, testemunhando a própria experiência e, apesar da maioria ter afirmado que pode-se dizer impressionantemente pouco sobre essas vivências extremas, tentaram assim mesmo tornar presente e manter atual aquilo que ali foi posto a nu, escrevendo justamente sobre esse ponto enigmático no qual foram reduzidos ao lixo do mundo, como se precisassem transmitir a verdade da realidade. O testemunho, ao confrontar a humanidade com sua parte maldita e chamar a atenção para a posição ética que consiste transmitir o indizível, se tornou a forma privilegiada de narrar uma experiência qualificada de intransmissível justamente por aqueles que tentaram transmiti-la. Essa escrita nasceu de uma proximidade anormal com a morte, uma tentativa encontrada por alguns para integrar, ainda que minimamente, o excesso de real em jogo na experiência traumática.

A argumentação da autora em relação ao confronto individual e coletivo diante da memória nos mostra a batalha em torno do ato de testemunhar, mediante a

concepção das experiências que representaram uma ameaça à vida. Diante do extremo em que esteve situado, tornaram-se um transtorno as consequências da guerra, acabando por conceber mentalmente e fisicamente implicações ao indivíduo que, agora, tem que lidar com a sobrevivência dupla: a primeira através do trauma e a segunda por meio do sentimento de exclusão, do seu pertencimento como ser humano individual, àquele grupo.

A necessidade de testemunhar uma experiência catastrófica por parte de alguns sobreviventes indica dizer e confrontar a realidade em que se situavam. Ao narrar, eles confrontam a humanidade com o trauma “inenarrável” e mantém o passado sempre atual no presente. Outro ponto a se destacar é que as escritas e transmissões destas experiências, ainda que não sejam narradas e mostradas em sua totalidade, evidenciam uma realidade mais próxima do próprio evento. Transmitir suas memórias é dialogar entre a verdade, moral e ética do evento e o trauma vivenciado.

Na Historiografia, sempre nos deparamos com os conflitos da Memória. Na verdade, um duelo entre lembrança e esquecimento. Diante do trauma exposto, há o que se quer esquecer e o que se busca manter vivo na mente. Esse processo de lidar com as memórias, de tratá-las no consciente, reflete na formação e construção de uma identidade. No tocante à relação entre memória e identidade, Candau (2021, p. 60-61), argumenta que “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”.

De fato, ao pensarmos na memória como uma reconstrução do passado, temos que ter consciência de que não é uma reconstrução fiel, e sim em constante atualização. A ideia de Candau (2021) mostra uma memória precursora da identidade, mas sem desvincular dela. A identidade é pautada nessa formação que a memória dá ao ser humano. O indivíduo se apropria do passado quando se formaliza o *eu*. Nesse raciocínio, trazemos à luz a perspectiva de Candau (2021, p. 19), quando menciona que “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”.

As memórias traumáticas, que exercem um alto teor psicológico no indivíduo, podem ocasionar uma batalha intensa, dentro de si, na própria forma de entendimento do que realmente foi o ocorrido. Entretanto, a ação de representar o trauma ao invés

de silenciá-lo não impede o desenvolvimento de traumas de guerra, mas recoloca o indivíduo como parte da sociedade.

Perceber o contexto político, cultural e social do tempo da escrita com seu valor de testemunho de um trauma individual e coletivo, nos leva a perseguir as formas de experimentação dos sentimentos de Nakazawa diante das experiências de narrativas, ao mesmo tempo em que se percebe a fuga do exílio de si diante da transmissão de memórias, em que o autor batalha contra a possibilidade de se silenciar e, assim, negar a narrativa pela perda da experiência mediante o silêncio. Sylla (2015) aborda os eventos traumáticos, categoria que abrange níveis individual e coletivo. Para o autor,

No que diz respeito ao evento traumático, incluem-se, na categoria 'evento traumático', tanto experiências violentas a nível estritamente individual, como abuso sexual, violação, tortura, atos de violência doméstica, como também experiências que podem ser partilhadas por mais do que uma pessoa, como assaltos, sequestro, ser tomado como refém, encarceração como prisioneiro de guerra ou em campo de concentração, ataques terroristas, acidentes rodoviários, catástrofes naturais, etc (Sylla, 2015, p. 462).

A exposição acima nos enseja a tencionar os níveis de traumas que recaem sobre o ser humano. Para Keiji Nakazawa, um menino sobrevivente da guerra, estar diante de um conflito, lidar com mortes na família, sobreviver a explosões e lidar com o passado sem esquecer da sua própria história, habilita possibilidades de refletir e mostrar condições estratégicas de tratamento de sua memória. Estar expostos a situações limite, expõe a mente a reações inevitáveis, seja o silenciamento, esquecimento ou testemunho. Quando se testemunha, o indivíduo passa a frequentar as zonas sociais que outrora percorria, a vida passa a ter mais sentido quando há uma normalidade das funções. É necessária uma experiência que distancie o passado para criticá-lo ao mesmo tempo em que se encarrega das atividades mentais e intelectuais acerca do evento.

Suportar esse fardo na história, se assim podemos dizer, é uma tarefa árdua. O conceito de *Burdening History* (histórias difíceis), de Borries (2018), é central para este debate. Tal ideia apresentada pelo autor se dá pelas histórias traumáticas que acabam por fazer aquele que vivenciou, se calar ou esquecer. O fardo mental, a culpa, a vergonha, o medo e a dívida, no sentido de compromisso e responsabilidade com o fato, são pontos levantados que incidem sobre o sobrevivente. E como conviver com essas “histórias difíceis”? O autor sugere quatro maneiras, que são:

- a) Histórias hostis em um sistema de vingança e 'rivalidade de sangue' (inimizade herdada), estudos empíricos na cultura da história (autobiografias, romances, entrevistas, narrativas históricas);
- b) A história dos vencedores e perda/esquecimento dos perdedores (cinismo do poder);
- c) A história oculta de perdedores e esperança por uma inversão (heroísmo de recordação);
- d) Perda da história hostil descartada devido à irrelevância (prioridade de sobreviver) (Borries, 2018, p. 33-34).

Todos estes argumentos levantados por Borries (2018) tratam, unicamente, de mentalidade e, mais ainda, da própria vida por meio da interpretação de sua experiência no tempo ao longo do evento. São operações mentais que são necessárias para enfrentar a temporalidade e as emoções que circulam na esfera do indivíduo. Lidar com o difícil, pesado, fardo, é particularmente um caminho que se articula com a consciência histórica. O desenvolvimento e o envolvimento do *burdening history*⁶ e da consciência histórica precisam inicialmente estar ligados à emoção. Esse vínculo que contribui para uma aprendizagem histórica é devido à compreensão da vida.

Esta visão, quando compreendida, nos traz outra percepção para a forma de encarar este passado que está em pedaços. Não evoco um olhar acerca de fragmentações e sim de rupturas sociais em torno de trauma. Se reconciliar com a "história difícil" requer um afastamento do passado enquanto permanece ligado a sua história. A "culpa"; a "impotência"; a "vergonha", são sujeitos atuantes que se solidificam na esfera mental do ser humano e que estão associados diretamente às atribuições de suas ações e causas. Então falamos de "empatia"? Ou de reconhecimento perante as problemáticas do passado evocadas no presente e que precisam ser sanadas? Como trabalhar tais emoções quando a própria nação causa um silenciamento?

O termo "questão sensível" refere-se a tópicos que são carregados de emoções, politicamente sensíveis⁷, intelectualmente complexos e importantes para o presente e o futuro em comum. Esses temas, geralmente, envolvem o confronto de

⁶ O termo *burdening history* vem do historiador alemão Bodo von Borries. Burden em português significa fardo. A expressão se refere a histórias sensíveis, pesadas, traumáticas, difíceis. Geralmente neste contexto, o termo trata de histórias que preferimos não contar, silenciar. Estes eventos do passado continuam a ter significância no presente e no futuro. Injustiça social e trauma intergeracional são alguns dos temas que o conceito aborda.

⁷ O termo politicamente neste sentido se trata do período de guerras.

valores e interesses, o que pode ser constrangedor para um grupo na tomada de decisões. Desde a década de 1990, esses temas são nomeados de diversas formas, como "questões quentes", "sensíveis" ou "difíceis", "vivas" ou "controversas", e "socialmente vivas".⁸

Entendendo o trauma como individual (situação limite vivenciada sob uma perspectiva solo dentro de um contexto macro) e coletivo (situação traumática vivenciada pelo grupo) e que perpassa por gerações, a responsabilidade de lidar com as memórias e tais sentimentos são imensuráveis. As respostas à condição psicológica social, que o ser humano exposto à situações-limite dá, podem ser terríveis dependendo da experiência ou libertadoras em relação ao tratamento de suas lembranças.

Ainda que um tema possa gerar controvérsia sem envolver situações extremas de violência, pode ser interessante abordar temas sensíveis com a especificidade de estarem relacionados à violação de direitos humanos. O conceito de "passado sensível" também pode ser útil na ampliação da abordagem de temas sensíveis ou controversos no ensino. Mével e Tutiaux-Guillon (2013) afirmam que as escolhas didáticas são escolhas políticas e que a liberdade do professor é a de fazer escolhas.

Além disso, Mével e Tutiaux-Guillon (2013) definem questão sensível como aquela que é importante para a sociedade, presente nas mídias⁹ e objeto de controvérsia, e que pode ser delicada em sala de aula, colocando o professor em dificuldades em relação aos conhecimentos necessários para ensinar ou em função das reações dos alunos. Falaize (2014) acrescenta que um tema de ensino é vivo quando está relacionado aos debates da disciplina ou é uma questão para a sociedade. Alberti (2014) destaca que a abordagem de temas sensíveis ou controversos no ensino implica o reconhecimento de injustiças cometidas no passado, o que pode provocar o choque de diferentes versões do passado ensinado na sala de aula com memórias familiares ou comunitárias.

Trazendo a luz para nosso objeto de pesquisa, destacamos que o caso de Keiji Nakazawa tem dois fatores importantes para se buscar entender o Japão pós-guerra. O primeiro se refere a como a nação nipônica lidou com o lançamento das bombas

⁸ Dessa maneira, pensando através de Borries, passaremos a tratar neste trabalho como "histórias sensíveis".

⁹ E no caso do mangá, além de possuir linguagem autônoma e ser um produto cultural, é uma forma de mídia que tem como base transmitir informações, ideias e entretenimento. Diversas obras tratam de questões sociais e políticas e influenciam a camada de leitores que usufruem de suas histórias.

nucleares pelos Estados Unidos da América (EUA) e ao período de ocupação e ocidentalização; o segundo, como aqueles que estiveram ligados ao trauma da guerra lidavam consigo, com outros e com seu lugar de pertencimento. A forma como uma sociedade responde ao evento histórico impacta, diretamente, no indivíduo e nas gerações futuras, pois

Países - devemos melhorar dizer: sociedades - tem as suas continuidades não ditas, verdades auto evidentes, respostas e tradições socialmente desejadas, transferidas pela socialização (como uma herança). Mesmo que ninguém possa herdar a culpa por um crime, ele ou ela pode herdar as consequências e os custos de um crime. É claro, os benefícios de crimes passados (pelo menos das últimas décadas) têm de ser devolvidos - e os danos recompensados, tanto quanto possível. Isso muitas vezes é chamado de responsabilização (Borries, 2018, p. 35).

Como lidar com um processo de luto, decepção e insegurança quando a própria nação, por meio de um “corpo nacional saudável” e de uma “narrativa fundadora”, molda o passado através de um muro em que tudo aquilo que aconteceu é passado e, agora, precisa olhar para o futuro, de acordo com as condições impostas pelos vitoriosos, ao ponto de que é necessário renegar um trauma? Diante de tantas incertezas, a década de 1970 trouxe eventos mundiais e lembranças da Segunda Guerra Mundial e, rapidamente, evocou aqueles que precisavam dar voz ao passado para aqueles que buscavam compreendê-lo. Por meio de sua obra, Keiji se reconectou consigo e com a sociedade, lidando com o trauma e com o silenciamento, para assim, mostrar a sua geração e a posterior, um passado não resolvido que buscava reconciliação.

2.1 Testemunho, trauma e história: o mangá como fonte histórica

A produção de mangás no pós-Segunda Guerra Mundial, mais precisamente no final dos anos de 1960 e na década de 1970, contribuíram para uma revisão sobre seu passado de guerra que impacta diretamente na própria cultura japonesa na qual transforma a própria experiência de trauma pós-bombardeamento nuclear em um processo de transformação cultural, político, social e histórico. Para o governo japonês, não se fazia mais necessário evocar um passado diante de um presente que permitia uma retomada econômica mas poderia vislumbrar futuros desde que se criasse, segundo Igarashi (2011), uma “narrativa fundadora” para conceder isto.

A história, em si, está imbuída de rupturas e continuidades através das ações do homem. Está cheia de drama e identidades que a permeiam e se relacionam. Nesse liame, há os acontecimentos. São eles que evidenciam nossos anseios, limites e intenções, visto que esta mesma história é eventual, marcada não por certezas e sim pela contingência, em que os eventos históricos são as façanhas do passado que sobreviveu em meio as migalhas dos fatos.

Esse passado é caracterizado por experiências e, dessas experiências, surgem as representações. Por representação, situamos a definição de Hall (2016, p. 31) que trata do conceito abordando-o como “[...] uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”. Neste caso, quais são os significados? O aspecto de construção social da realidade por meio das imagens. Essas imagens (o mangá) produzem um conteúdo narrativo que influencia a sociedade japonesa acerca das memórias de seu passado. Logo, essa narrativa visual carrega linguagem e sentido. Discutir as experiências traumáticas é poder utilizar as imagens para reflexão sobre o que as pessoas pensam acerca de seu passado. É uma forma de trazer o sentimento do trauma na exteriorização do que vivenciou e interpretou, em um sinal de pertencimento.

As catástrofes que geram o trauma são oriundas dos processos históricos e estão sempre transitando entre a memória e o esquecimento, entre o silêncio e o testemunho. Representar ou silenciar cabe ao indivíduo, diante das barreiras que são impostas pelo próprio fato de sobreviver. Narrar o trauma é se comprometer com a sociedade, através do compromisso com o passado histórico, sem esquecer dos possíveis futuros que estas memórias podem permitir vislumbrar. Nesse sentido, o ato de testemunhar é importante. Não podemos acessá-los novamente nem os recriar. O evento já está no passado e, por meio das fontes, o historiador busca desenvolver a narrativa mais próxima do que realmente houve. É aqui que o testemunho ganha notoriedade e poder. Sobre este conceito, Agamben (2008, p. 27) aborda que:

Em latim, há dois termos para representar a testemunha. O primeiro, *testis*, de que deriva o nosso termo testemunha, significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (**terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunha disso.

Se pensarmos em Keiji Nakazawa, sobrevivente da explosão atômica em Hiroshima, percebemos que ele está caracterizado conforme Agamben mencionou,

como *superstes*. Presenciou o evento, resistiu às consequências e resolveu narrar o trauma como forma de lidar com o passado. No entanto, não se pode fazer do testemunho simplesmente um mártir, mesmo que se configure no seio da narração, a ideia de veracidade. Narrar o inenarrável, torna o sobrevivente um porta-voz, um símbolo de resistência diante do trauma. A produção de memória do autor foi vinculada à verbalização e à imaginação; se utilizou de palavras e imagens para codificar a construção mental do próprio pensamento. E por que mangá? Segundo Macwilliams (2008, p. 5, tradução nossa):

Todos os ensaios neste livro presumem que mangá e anime são importantes para estudar por dois motivos: primeiro, eles são uma parte fundamental da cultura visual de massa japonesa contemporânea e, segundo, eles desempenham um papel cada vez mais importante na paisagem midiática global de eletrônicos e mídia impressa que está moldando a imaginação coletiva, as experiências e os sentimentos das pessoas em todo o mundo.¹⁰

O mangá se coloca como um propulsor de cultura contemporânea japonesa que se organiza em esquemas de representação que permitem captar uma identificação do leitor/autor, além de sua capacidade de comunicação com o público, o qual atrai leitores e desperta emoções. Ainda que o ser humano venha a utilizar suas histórias como forma paliativa, diariamente, determinadas obras conseguem se relacionar com a mente do homem permitindo refletir sobre o seu contexto político-social. Então, ele adquire uma carga de sentimentos, devido a imagens e narrativas que buscam moldar ou induzir os aspectos cognitivos do leitor. Outro fator importante segundo Ito (2008, p. 36) foi que, em 1957, um novo gênero de mangá surgiu, o *gekiga* (imagens dramáticas)¹¹. O tom do enredo é focar em dramaticidade tendo como ponto de partida imagens realistas. Tal oportunidade se deu pelos tratados entre Estados Unidos e Japão durante o período de ocupação e, posteriormente, com a Guerra Fria.

Neste contexto, houve o Tratado de Segurança entre Estados Unidos e Japão, em 1951,¹² que acabava por solidificar a influência norte-americana no país. O Japão

¹⁰ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *All of the essays in this book presume that manga and anime are important to study for two reasons: first, they are a key part of contemporary Japanese mass visual culture, and second, they play an increasingly important role in the global mediascape of electronic and print media that is shaping the collective imaginations, experiences, and feelings of people throughout the world.*

¹¹ O *Gekigá* surgiu no final da década de 1950 com intuito de atrair um público mais adulto através de histórias mais elaboradas e realistas. Se trata de histórias de cunho mais dramático.

¹² Para maiores informações sobre esse assunto, consultar as seguintes bibliografias: Hane e Perez, (2013), Mayo (2005), Gordon (2005) e Hane (1996).

iria se recuperar, economicamente, em troca das bases americanas em seu país. Era uma oportunidade única, para os Estados Unidos, de controlar as ações no Oriente com o advento da Guerra Fria. Um movimento contra o pacto surgiu conciliando interesses da direita e da esquerda no país. A Guerra da Coreia foi o ápice. O Japão se viu mergulhado em circunstâncias semelhantes quando percebeu a situação no país vizinho. Era um choque de realidade. Nesse contexto Nakar (2008. p. 177-78, tradução nossa) afirma que:

No entanto, existem outras maneiras igualmente poderosas de acessar as lembranças do povo japonês da Segunda Guerra Mundial. Um recurso chave, que os estudiosos geralmente negligenciam, é o mangá popular. No período pós-guerra, as editoras japonesas produziram muitos mangás que tratavam explicitamente com a guerra. O mangá japonês sobre a Segunda Guerra Mundial, que estou definindo aqui como histórias que ocorreram durante a guerra, apareceu pela primeira vez no final dos anos 1950. Tais trabalhos foram publicados e distribuídos pela primeira vez através do *kashihonya* (bibliotecas-pagas), e mais tarde nas revistas masculinas semanais que foram criadas já em 1959. Em ambos os lugares, as obras foram classificadas pelo termo japonês *senki mono* (registros de guerra), dando a ilusão de que as obras estavam transmitindo histórias reais de guerra. Na verdade, a maioria apenas combinava detalhes fictícios com lugares históricos, personagens, datas e figuras reais. Eles foram um recurso regular em revistas de mangá nos próximos vinte e cinco anos e ainda aparecem hoje.¹³

O termo *senki mono* (registros de guerra) foi a abertura e oportunidade que, anos mais tarde, Keiji Nakazawa tinha de transmitir seu passado às gerações posteriores à bomba. Como contemporâneo da Segunda Guerra Mundial, ele quis testemunhar os horrores do conflito e batalhar contra o processo de retomada japonesa, que ainda viria a crescer, mergulhar no esquecimento aqueles que foram afetados pela bomba. Percorreu, com um trauma, por mais de duas décadas, ciente das estruturas políticas e sociais que permeavam o país, esperando, assim, um momento mais oportuno para trabalhar novamente no país o horror que experimentou. Na metade da década de 1960, o Japão estava em crescimento econômico, pautado

¹³ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *However, there are other equally powerful ways to access the Japanese people's recollections of World War II. One key means, which scholars have generally overlooked, is popular manga. In the postwar period, Japanese publishing houses produced many manga that explicitly dealt with the war. Japanese manga about World War II, which I am defining here as tales that take place during the war, first appeared in the late 1950s. Such works were first published and distributed through the kashihonya (pay-libraries), and later in the weekly boys' magazines that were created as early as 1959. In both places, works were classified by the Japanese term senki mono (records of war), giving the illusion the works were handing down real war stories. In fact, most merely combined fictitious details with real historical places, characters, dates, and figures. They were a regular feature in manga magazines over the next twenty-five years and still appear today.*

pelo *sanshu no jingi* (três tesouros sagrados): geladeira, máquina de lavar e aparelho de TV¹⁴.

Essa melhoria de vida foi sentida pela população nipônica, atrelada ao Tratado de Segurança que, mais tarde, seria tencionada pelo governo nipônico em uma renegociação do pacto, tendo vista que sua abolição poderia causar ruptura na economia. Tais eventos citados condicionam a oportunidade que o autor precisava para, de fato, voltar ao passado que não foi resolvido e lidar no Tempo Presente com a situação. Segundo Nakar (2008. p. 196, tradução nossa):

No final da década de 1960, surgiram novas circunstâncias que transformaram a visão do Japão sobre seu passado. Os laços diplomáticos renovados com a Coreia e a China, a crise do petróleo da década de 1970 e a Guerra do Vietnã, que durou quase uma década (1965-1974), foram os eventos críticos dessa época.¹⁵

Segundo Nakar (2008), a década de 1960 contribuiu para a construção de uma mentalidade voltada ao passado devido a situações envolvendo nações e sua política externa com países do continente. Os eventos, na Ásia, atrelados a uma distância temporal do conflito, que já havia sido reformulada pelo *boom* econômico,¹⁶ ocasionaram uma percepção sobre o que tinha realmente acontecido, muito devido aos anos de ocupação que foram reformulados pelo Tratado de Segurança e pelas histórias de mangás que passaram a abordar temas mais dramáticos, ocasionando uma reflexão social.

A ação de Nakazawa (2011a; 2011b), de escrever sua própria experiência, se dá pela aproximação e imersão dos próprios fenômenos aos quais estava relacionado. Em seus roteiros, ele não se separa do passado, mas entende que, mesmo contemporâneo ao fato, é necessário manter uma distância para haver a criticidade. Um crescimento econômico sem um tratamento do passado é privar sua sociedade de sua história. Soube entender as demandas do presente, se afastou das barreiras impostas no pós-guerra, porém, não se distanciou das fraturas impostas pelo tempo

¹⁴ Os três tesouros sagrados são uma joia, uma espada e um espelho. São importantes para a coroação do imperador e datam de muitos séculos. Nesse caso em específico, tais eletrodomésticos estavam presentes em 90% dos lares japoneses. É uma forma irônica de mencionar o crescimento econômico e a inserção destes produtos na sociedade japonesa.

¹⁵ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *By the end of the 1960s, new circumstances emerged that transformed Japan's vision of its past. Renewed diplomatic ties with Korea and China, the oil crisis of the 1970s, and the Vietnam War, which lingered on for almost a decade (1965–1974) were the critical events of this time.*

¹⁶ Hane (1996, p. 102-103) fala que o grande crescimento econômico se deu nos anos de 1960.

e de si próprio, cabendo a ele se posicionar criticamente em busca de uma reparação individual e coletiva, pois:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo (Agamben, 2009, p. 58-59).

Essa relação que o termo “contemporâneo”, de Agamben, atua sobre Nakazawa está relacionada à forma como se conecta às ações do presente, sabendo separar e mergulhar diante dos fatos. A criação do mangá Gen Pés Descalços é uma forma de analisar o passado, interpretar o trauma e trazer para o presente a crítica necessária sobre o evento. Ser contemporâneo popularmente, é viver em sua época, estar diante dos fatos atuais que partilharam determinado momento em determinado período. Agamben (2009) vai além nesse significado. Para ele, contemporâneo é estar ciente de todas as questões que assolam o indivíduo, cabendo a ele saber se desvencilhar do fato. É não estar imerso na época em que se situa, se atendo de toda criticidade; e sim, podendo criticar o período, estando politicamente ciente de seu cotidiano e das ações dos homens, cabendo a si demonstrar as feridas do passado e batalhar pelo presente.

É percebido, assim, que, desde a ocupação norte-americana (1945-1952), a relação do Japão com os Estados Unidos e os Aliados sofre novas configurações. Entre a década de 1960 e 1970, diante de tantas situações em contexto nacional e global, o mangá com histórias dramáticas e sobre a guerra tem se pautado na cultura japonesa, transformando, novamente, a mentalidade do país e trazendo o passado que outrora foi fragmentado para um novo ideal de volta à luz. No pós-guerra e no processo de criação do mangá que veremos no próximo tópico, a “narrativa fundadora” que Igarashi (2011) discute tem a ver com a discussão pela inovação tecnológica proporcionada pelos Estados Unidos, como também, pelas guerras em países vizinhos que fazem os japoneses retomarem sua consciência após um período de afastamento do passado.

Entendemos, assim, a importância de um produto cultural como o mangá na reflexão social de um povo. As atrocidades que, na guerra do Pacífico,¹⁷ foram

¹⁷ A Guerra do Pacífico se refere aos conflitos na Ásia Oriental na Segunda Guerra Mundial. Há estudos que tratam do seu início em 1941 quando o Japão atacou a base norte-americana em Pearl Harbor, no

cometidas as bombas explodidas em suas cidades que causaram a desolação, agora retornam sob a forma de um espectro que busca entender seu passado e reconciliar as experiências outrora renegadas. Um produto cultural se torna uma peça importante neste tabuleiro de memórias interligadas entre o silêncio e o testemunho, pois:

No entanto, no final da década de 1960, um novo tipo de conto de mangá dominou o mercado. Essas histórias eram críticas tão transparentes à guerra quanto aquelas que haviam sido rejeitadas na década anterior. No entanto, eles chamaram a atenção para sua polêmica com histórias contundentes sobre a guerra terrestre e tramas que se concentravam não apenas na frente, mas também nos civis afetados adversamente pela guerra. Novos tópicos foram introduzidos que exploravam as ambiguidades morais e políticas da guerra. Algumas delas incluíram a bomba atômica, os ataques aéreos a alvos civis, as atrocidades do exército japonês na Ásia, a luta americana contra um nazismo totalitário na Europa, a participação da segunda geração de nipo-americanos (*nisei*) no lado americano e também os maus-tratos do exército japonês aos prisioneiros de guerra. O destino dos judeus nos campos de concentração nazistas, a retirada de civis japoneses da China, o destino de mulheres e crianças e até o destino de animais em zonas de guerra foram abordados (Nakar, 2008. p. 182, tradução nossa).¹⁸

A produção destes mangás que tratam dos conflitos e ações dos países que lutaram na guerra contribui para um novo olhar social para o seu passado. Desde o final da guerra, para a serialização de obras que atentem para um olhar mais imperativo acerca do conflito, foi possível emergir autores que vinculassem sua vida ao período do conflito e passassem a explorar as histórias sensíveis da Segunda Guerra Mundial. Essa relação da própria história e da memória através do testemunho

Havaí. É importante mencionar a Segunda Guerra Sino-Japonesa que iniciou em 1937 com o Incidente na Ponte Marco Polo, na China. Contudo, se pensarmos nas ações japonesas na Ásia, e especificamente na China, desde 1931 o Japão busca expandir sua influência política e militar, que acaba se concretizando com a invasão no país e a criação do Estado fantoche Manchukuo, na Manchúria. As “*Comfort Women*” (mulheres conforto) foram mulheres asiáticas forçadas à escravidão e prostituição em bôrdéis pelos militares nipônicos. Outro episódio traumático foi o Massacre de Nanquim entre dezembro de 1937 e fevereiro de 1938, também chamado de Estrupro de Nanquim. O Exército Imperial Japonês cometeu estupros, incêndios, saques e estima-se que entre 200 a 300 mil chineses morreram. O Tribunal Militar Internacional para o Extremo Oriente (1946-1948) julgou os crimes cometidos pelo Japão na guerra. Um trabalho sobre esta temática foi discutido por Dower (1999) em seu livro *Embracing defeat: Japan in the wake of World War II*.

¹⁸ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *However, by the end of the 1960s, a new kind of manga tale dominated the marketplace. These stories were as transparently critical of the war as those that had been rejected in the previous decade. However, they drew attention to their polemic with sharp-edged stories about the ground war and plots that focused not only on the front but also on civilians adversely affected by the war. New topics were introduced that explored the war's moral and political ambiguities. Some of these included the atomic bomb, the air raids on civilian targets, the Japanese army's atrocities in Asia, the American struggle against a totalitarian Nazism in Europe, the participation of second-generation Japanese Americans (nisei) on the American side, and also the Japanese army's mistreatment of prisoners of war. The fate of Jews in the Nazi concentration camps, the retreat of Japanese civilians from China, the fate of women and children, and even the fate of animals in war zones were addressed.*

colaborou com um afastamento de um vazio social do passado, podendo, assim, transmitir às próximas gerações os males da guerra, contribuindo para o que Koselleck (2006) chama de **espaço de experiência** e **horizonte de expectativa**, ao analisar o tempo histórico. Segundo o autor:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (Koselleck, 2006, p. 309-310).

E complementa abordando:

Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (Koselleck, 2006, p. 310).

O espaço de experiência são os legados do passado. O horizonte de expectativa é o futuro no presentismo, mensura algo que ainda pode acontecer. São dois recortes conceituais que trabalham o tempo. Ambos vivem interligados e são necessários para o desenvolvimento da consciência histórica. Como a consciência atua na interpretação temporal do ser humano acerca de si e do mundo, a experiência e a expectativa transmitem desde um passado que se faz no presente mediante vestígios, recordações, as próprias memórias que mencionamos por meio do testemunho, até um presente que ainda não foi mensurado, experimentado, mas que se faz presente para projetar o que está por vir.

São condicionadas no tempo histórico para tratar da vida temporal do homem e são passíveis de interpretações e inquietações, já que se configuram como uma forma de compreensão do homem. Rüsen (2012, p. 120) aborda que “aprender é adquirir competência por meio de processamento de experiência”. Assim, o passado é formulado por meio da relação e assimilação da experiência e da expectativa que permitem a orientação da vida humana. Ao tratarmos da obra de Nakazawa (2011a; 2011b), encontramos um homem que busca dialogar com o passado, esse cheio de

interrogações e traumas, e que, contudo, almeja, no futuro, respostas que permitam questionar o próprio entendimento dos japoneses com o tempo e com seu passado.

A **experiência** está consumada e a **expectativa** é uma incerteza. Ela pode acontecer, já que é uma previsão do fato. A experiência do autor mostra que há expectativa diante do cenário japonês, da década de 1970, e da relação política entre o país e os Estados Unidos. Obviamente, tal cenário de escrita foi possibilitado pelas transformações políticas no cenário asiático e na própria forma de questionamento dos japoneses pelo seu passado após o crescimento econômico. No tópico a seguir discutiremos sobre a produção do mangá, na década de 1970, por meio de questões políticas em que o Japão estava inserido.

2.2 A produção do mangá: o que o período dos anos 1970 tem a dizer?

Abaixo, segue um testemunho de Nakazawa (2010) sobre a bomba atômica de 6 de agosto de 1945. *Little Boy*, como era chamada, foi a primeira bomba usada pelos Estados Unidos, antecedendo a *Fat Man*, em Nagasaki, três dias depois.¹⁹ Keiji Nakazawa, além de ser meramente um homem sobrevivente de uma guerra, é um homem que sofreu os mais diversos traumas durante o conflito. Perdeu o lar, o pai, dois irmãos na explosão e um irmão que nasceu durante o conflito e, ainda bebê, se desfaleceu pela desnutrição. Se torna um *hibakusha*, termo utilizado para se referir àquele que foi afetado pela bomba. Cabe destacar, os efeitos de radiação com que estes sobreviventes e suas gerações seguintes tiveram que, além de certo desprezo pelas marcas físicas, como se já não bastassem as psicológicas. Todavia, Keiji quis contar seu passado, não o jogou nas esferas do esquecimento. Em suas palavras:

6 de agosto de 1945. Eu era aluno da primeira série. Naquela manhã eu estava no muro que cercava a escola, conversando com a mãe de um colega que havia me parado quando a bomba atômica caiu. Ela morreu instantaneamente. Eu estava preso sob a parede e sobrevivi milagrosamente. Da minha família, papai, a irmã mais velha Eiko e o irmão mais novo Susumu morreram naquele dia. Dos meus outros dois irmãos, o mais velho — Koji — foi para Kure como aluno-soldado, e o irmão seguinte — Akira — foi evacuado com sua turma para o campo e saiu ileso. Mamãe também sobreviveu, mas a partir de então sua saúde ficou fragilizada devido aos efeitos colaterais da

¹⁹ Hiroshima e Nagasaki foram bombardeadas em 06 e 09 de agosto de 1945, respectivamente. Hiroshima foi atingida por uma bomba de urânio chamada "*little boy*" e Nagasaki por uma bomba de plutônio chamada "*fat man*". Essas bombas foram desenvolvidas pelos Estados Unidos em 1942 através do Projeto Manhattan, ficando prontas em julho de 1945. Sobre as bombas atômicas, Miranda (2015) escreveu um verbete específico acerca da temática.

bomba. O bebê nasceu naquele horror logo após o bombardeio e morreu logo após o nascimento de desnutrição. Perdi papai, Eiko, Susumu, e o bebê no bombardeio atômico e fui morar com parentes, onde fui tratado como um “estranho”. É verdade. É a mesma vida como em *Barefoot Gen*. Eu sou o modelo do *Gen*. O *Barefoot Gen* é baseado em fatos. É por isso que dei a este livro o título, *The Autobiography of Barefoot Gen* (Nakazawa, 2010, p. 23-24, tradução nossa).²⁰

É notório que escrever um mangá, elaborar uma história e, angariar sentimentos de reciprocidade pelo trabalho, é uma tarefa árdua para qualquer profissional. Evidentemente, surgem dúvidas sobre qual personagem e enredo desenvolver e, possivelmente, sobre sua aceitação na indústria cultural e na sociedade. Assim, aqueles que seguem a profissão de autor de quadrinhos, chamado *Mangaká* pelos japoneses, têm uma tarefa árdua acerca do objetivo central de sua obra. Não obstante, desenvolver uma parte de sua vida de forma autobiográfica, expondo o trauma de sobreviver a uma guerra, é se colocar contra o silêncio. O que eu quero dizer? A quem eu quero me direcionar? Perguntas como essas podem parecer superficiais quando analisamos sem criticidade. A profundidade de tal obra também coincide com os usos políticos do passado em determinado período. Ao usarmos a palavra “se” para refletir esta situação em específico, sabendo que para a História enquanto disciplina, tal conjunção é inapropriada, percebem-se alguns pontos importantes na reformulação das perguntas.

Se eu escrever minha vida usando a história em quadrinhos será mais fácil entender? Se eu abordar o trauma da Segunda Guerra Mundial, que afligiu minha vida, de meus familiares e da população nipônica, vão entender? Se eu escrever, após 25 anos de guerra, vão compreender minha informação? São vários os “se” que permeiam a mente do ser humano, que já está abalada pelos traumas psicológicos, físicos e sociais de sobreviver e expor uma guerra. Quantos permanecem em silêncio

²⁰ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *August 6, 1945. I was a first grader. That morning I was at the wall that enclosed the school, talking with the mother of a classmate who had stopped me when the atomic bomb fell. She died instantly. I was pinned beneath the wall and survived miraculously.*

Of my family, Dad, older sister Eiko, and younger brother Susumu died that day. Of my other two brothers, the oldest—Koji—had gone to Kure as a student-soldier, and the next brother—Akira—had been evacuated with his class to the countryside and was unharmed. Mom, too, survived, but from then on, her health was fragile from the aftereffects of the bomb. The baby was born into that horror right after the bombing and died soon after birth of malnutrition.

I lost Dad, Eiko, Susumu, and the baby in the atomic bombing and went to live with relatives, where I was treated as an “outsider.”

It's true. It's the same life as in Barefoot Gen. I'm the model for Gen. Barefoot Gen is based on fact. That's why I've given this book the title, The Autobiography of Barefoot Gen.

diante do horror exposto? Nessa relação entre a escrita do trauma e o silêncio da barbárie, o grande questionamento que fica é: por que na década de 1970? O que estes anos têm a dizer? Buscaremos nos atentar a duas vertentes que dialoguem com o tópico anterior.

No que diz respeito à situação da sociedade japonesa, após a Segunda Guerra Mundial, em sua relação de trabalho e produção da memória, podemos presumir dois trabalhos de perspectivas distintas, em relação ao objeto de sua pesquisa, mas que evidenciam como os anos posteriores ao conflito trouxeram batalhas políticas em torno de uma construção de narrativa pós-guerra e para as questões contemporâneas da época.

O primeiro texto se chama “Corpos da Memória: narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970)” de Igarashi (2011). O segundo texto se intitula “*Sacred Forests, Sacred Nation: The Shinto Environmentalist Paradigm and the Rediscovery of Chinju no Mori*”, do autor Rots (2015), um artigo publicado que discute uma conferência internacional e inter-religiosa no Japão, em 2014, nos santuários de Ise. Localizado na área mais sagrada para o *Shinto*, esse evento trata de como a religião e o meio ambiente podem estar interligados. Diferentes religiões como, por exemplo, Budismo, Catolicismo e Hinduísmo, estiveram presentes. De fato, a crença religiosa estava diante das problemáticas que envolviam a sustentabilidade ambiental.

Igarashi (2011) nos mostra, em seu livro, como a memória do pós-guerra pode ser dialogada através dos corpos. Diante de uma cultura japonesa que atrai diversos indivíduos, seja pela forma única de detalhar suas artes e imagens, seja pela indústria cultural com a disseminação de mangás e animes, a recepção da cultura do Japão, no século XXI, é reverberada pelo fascínio. Ainda assim, é notável a proposta do autor de trazer as memórias da guerra através do estudo sobre um “corpo nacional” que, naquele momento, estava fraco e precisava se fortalecer. Entender o Japão no pós-guerra sem compreender o processo que foi construído desde a Restauração Meiji, em 1868, impede a reflexão sobre a transformação de um país com política de expansão colonial, muito devido, inicialmente, ao pensamento de saber sobreviver e lidar com o imperialismo europeu do final do século XIX e início do XX a um país que ocupa a segunda maior economia do mundo, desde a pós ocupação dos Estados Unidos até meados dos anos 1990, tendo, em média, 40 anos de crescimento e fortalecimento econômico.

Mas o que faria tal ato acontecer? O que houve com o Japão imperial, colonialista e xenófobo da Segunda Guerra Mundial? Igarashi nos responde a partir das narrativas desenvolvidas no pós-guerra sobre a “derrota japonesa”. Primeiro, o autor aborda a recuperação econômica japonesa para, em seguida, confrontar a narrativa da pré-derrota. Este é, de fato, o imperialismo nipônico, e nesse contexto é que a obra do autor toma forma, ou melhor, corpo. A sociedade japonesa se utiliza de seus corpos para tratar do passado traumático. Para Igarashi (2011, p. 23), o corpo é uma forma de mapear as memórias, pois

O conceito de memória pode também desestabilizar o sistema do conhecimento histórico, no qual a qualidade da informação é determinada pela distância entre os eventos originais (medidos por fontes primárias, secundárias e terciárias). As memórias dos eventos passados podem ser completamente subjetivas, mas, elas existem como realidades íntimas e inerentes de seus contempladores. Mesmo tendo bases factuais ou não (pode-se ter memórias de um evento mesmo sem tê-lo sentido na pele), é ainda um fato que essas memórias aconteceram e tiveram impacto em vidas individuais. Minha posição é que ao invés de criar uma hierarquia de autenticidade histórica (e julgar algumas memórias como fantásticas ou até falsas), devemos analisá-las na medida dos efeitos causados por elas em nossa sociedade.

Aqui, Igarashi (2011) nos atenta que o pós-guerra é uma relação individual do homem com as memórias e que o corpo está se apropriando das narrativas históricas para lidar com esse passado. Esse discurso corporal é uma maneira de relembrar o passado se utilizando da linguagem do corpo para trazer, segundo o autor, um corpo nacional saudável, chamado de *kobutai*. Ou seja, o silêncio do pós-guerra foi um caminho para lidar com as experiências do conflito, ainda que essa supressão de memórias provoque um esquecimento na sociedade, em prol do sucesso econômico, o que faria o Japão ascender, novamente, aos holofotes. Um Japão imperialista, agora, se torna um Japão pacifista. O discurso, que outrora era agressor, é reconsiderado para essa nova fase da nação. Sai o discurso político e entra o social e cultural. Tudo seria transformado sob a ótica norte-americana.

Thomson (1997, p. 56) fala que “compomos nossas reminiscências para dar sentido à nossa vida passada e presente”. A memória age na forma de dar significado às experiências do passado através de um sentido que seja baseado em uma apresentação e interpretação das imagens e particularidades da experiência pessoal. O pós-guerra japonês foi internalizar as memórias para produzir uma outra experiência memorial de que o novo corpo saudável era necessário para criar um padrão social

novo, perante as reminiscências, para produzir, dessa maneira, novas formas de compreensão da sociedade ao se escolher o que quer recordar e como relatar. O discurso produzido, após 1945, trouxe uma nova forma de materialização do passado enquanto forjava novas idealizações, ainda que o desconforto deste passado seja concreto.

O ponto central do trabalho de Igarashi (2011) é analisar essa relação entre Estados Unidos e Japão e o próprio Japão enquanto corpo nacional do pós-guerra. Enquanto nação imperialista, na Ásia, e uma nação pacífica, temos a mudança de estrutura de identidade. Os Estados Unidos, após a ocupação no Japão por quase uma década, após a rendição na Guerra do Pacífico, reconfiguram a sociedade japonesa sob o viés norte-americano. A prosperidade econômica ocorreria sob a tutela dos EUA que além de ocupar, produzem uma narrativa histórica que coloca a derrota japonesa como necessária, já que os militares estavam ameaçando a sociedade. De mesmo modo, essa relação traria um corpo saudável e higiênico para o novo Japão, onde os corpos marcados pela guerra teriam que ser “limpos” para essa nova democracia. E no centro desta nova narrativa estaria Hirohito²¹, imperador japonês.

O primeiro ponto trabalhado pelo autor trata da mudança de narrativa da derrota japonesa para o bem da nação, na qual o autor chama de “narrativa fundadora”. A ideia de Igarashi (2011) é trabalhar os corpos através dos gêneros masculino e feminino como papéis de dominação nessa nova formatação política do pós-guerra. O pensamento para tal afirmação se dá pela forma construída da colonialidade nipônica na Ásia, sua operação com os *kamikazes*²² na guerra e a mentalidade de que tudo é em prol da nação, sacrificando até os próprios indivíduos do país. Em contrapartida, uma bomba atômica arrasa o ímpeto japonês, mostrando a força dos EUA como inimigo e, por meio desta reconfiguração de forças, os norte-americanos se tornam ex-inimigos e agentes de sobrevivência japonesa, que mudaram a experiência das memórias, após a bomba, para tratar dos corpos japoneses que precisavam ser saudáveis, pois:

²¹ Segundo Ruoff (2006, p. 193), Hirohito (1901-1989) foi o imperador do Japão durante e após a Segunda Guerra Mundial na Era Showa. Para o autor, o ex imperador foi o líder constitucional e espiritual de seu país e com o término da guerra, colaborou com General Douglas MacArthur e outras autoridades aliadas da ocupação, que o protegeram de ser processado como criminoso de guerra. O autor fala que muito se discutia o papel de Hirohito na guerra e que em trabalhos documentais recentes disponibilizados após sua morte, enfatizaram seu papel ativo, embora não necessariamente decisivo, no processo de tomada de decisão.

²² Foram os pilotos de aviões japoneses carregados de explosivos que realizavam ataques suicidas contra o Exército dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

A demonstração de poder sem precedentes dos armamentos atômicos detonados em Hiroshima e Nagasaki forneceu o ímpeto para a reconfiguração das memórias coletivas dos EUA e do Japão. No final da guerra, os EUA e o Japão, em certo sentido, escalaram a si mesmos como personagens de um melodrama que culminou na demonstração de um poder atômico nunca antes visto. Através da bomba, os EUA, classificados como um sujeito masculino, salvaram e converteram o Japão, classificado como um objeto feminino. A chamada de decisão divina de Hirohito de encerrar a guerra participou deste drama ao aceitar o poder superior dos EUA (Igarashi, 2011, p. 59-60).

Para se reconstruir, era necessário aceitar as imposições e a força dos EUA. A imagem do imperador japonês diante deste processo é fundamental para transformar a narrativa do pós-guerra. As memórias coletivas da guerra e o trauma como *hibakushas* (pessoas afetadas pela bomba) estavam sendo suprimidas pela construção de uma “narrativa fundadora” além do entendimento do que foi o conflito para si. O ato de se render, de Hirohito, tornou-se peça fundamental na prosperidade japonesa pela conservação de seu poder. Um ato divino, mesmo que para si. Hiroshima e Nagasaki foram destruídas pelo bem do Japão. A Declaração de Potsdam (1945), em julho, finalmente foi aceita, e os termos do imperador foram cruciais para moldar a narrativa e suas memórias no pós-guerra.

Após o Édito da rendição²³, lido pelo imperador, tornaram-se ainda mais benevolentes a imagem, as ações e o sacrifício de Hirohito pelo Japão. Neste Édito, Hirohito não é responsabilizado pela guerra e sim pela guerra em si. Sua rendição é a ação que salva o país, sendo assim, um herói. E por último, os militares foram responsabilizados e, Hirohito, iria liderar o povo nipônico para a prosperidade que resultaria na segunda maior economia do mundo. Segundo Tsurumi (2011, p. 31, tradução nossa):

No período pós-guerra, três fatores contribuíram para seu caráter único. De acordo com Tominaga Ken'ichi em *The Class Structure of Japan*, a sociedade japonesa passou por uma transformação nos anos de 1955 a 1975. Devido à Guerra da Coréia, a economia japonesa se recuperou da Segunda Guerra Mundial em 1955. Desde então, a inovação tecnológica e alto crescimento econômico tornaram-se características marcantes.

Em 1955, 41,1% do total da população trabalhadora trabalhava na indústria primária; 23,8 por cento estavam envolvidos na indústria secundária em 1955, 34,1 por cento em 1974; e 35,1 por cento estavam envolvidos na indústria terciária em 1955 e 51,8 por cento em 1975. As ocupações altamente profissionais representavam 4,9 por cento em 1955 e 7,6 por cento em 1975.

²³ É o discurso do imperador Hirohito em agosto de 1945 anunciando a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial.

As ocupações em cargos gerenciais representavam apenas 2,1 por cento em 1955 e 4,3 por cento em 1975. Assim, em 1975, apenas 12,8 por cento das pessoas nascidas na era Taishō poderiam esperar uma posição gerencial quando chegassem aos quarenta anos, enquanto 16,1 por cento das pessoas nascidas no início da era Shōwa, entre 1925 e 1935, poderiam a esperança de posições semelhantes quando chegassem aos quarenta anos em 1975. Isso aliviou a atmosfera de depressão na fase inicial do período pós-guerra e explica em parte a prevalência de gerentes de classe média no Japão hoje. É claro que, junto com isso, houve um aumento no padrão de vida e também nos padrões educacionais, que têm sido a base da discriminação social no Japão desde o Período Meiji.²⁴

Nesse processo de prosperidade econômica, havia um homem que foi designado pelos EUA, o general Douglas MacArthur, Supremo Comandante das Forças Aliadas entre 1945-51. O papel de colonizador, de masculino, de herói que o Japão tinha, agora se inverte diante da força norte-americana, que, mediante sua imposição, tornava o Japão e Hirohito dóceis e femininos. Quando Nakazawa (2011a; 2011b) emerge com sua obra *Gen Pés Descalços* e trata das memórias difíceis, percebemos o quanto a “narrativa fundadora” remodelou a sociedade japonesa. Essa remodelação centra-se no corpo enquanto saudável e não contaminado. O país precisava se reerguer diante das bombas e necessitava de uma normalização mediante um sistema de rigor corporal que representasse a pátria. Era um sistema de vigilância que, desde a guerra, tornava o japonês obediente, pois:

Os corpos japoneses estavam no coração do discurso nacionalista anterior a 1945. O regime de guerra os submeteu a regulamentos rígidos, em uma tentativa de criar corpos obedientes e patrióticos forjando laços entre a ideologia nacionalista e as funções do corpo. Todas as funções dos corpos das pessoas deveriam se dedicar aos esforços da nação em guerra (fossem esforços de natureza ideológica, biológica ou econômica) (Igarashi, 2011, p. 123).

²⁴ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *In the postwar period, three factors contributed to their unique character. According to Tominaga Ken'ichi in The Class Structure of Japan, Japanese society went through a transformation in the years 1955 to 1975. Owing to the Korean War, the Japanese economy had recovered from World War II by 1955. Since then technological innovation and high economic growth have become marked characteristics.*

In 1955, 41.1 per cent of the total working population was engaged in primary industry; 23.8 per cent was involved in secondary industry in 1955, 34.1 per cent in 1974; and 35.1 per cent was involved in tertiary industry in 1955 and 51.8 per cent in 1975. Highly professional occupations accounted for 4.9 per cent in 1955 and for 7.6 per cent in 1975. Those in managerial positions amounted to only 2.1 per cent in 1955 and 4.3 per cent in 1975. Thus in 1975 only 12.8 per cent of people born in the Taishō era could hope for a managerial position when they reached their forties, whereas 16.1 per cent of people born in the early Shōwa era, between 1925 and 1935, could hope for similar positions when they reached their forties in 1975. This eased the atmosphere of depression in the earlier phase of the postwar period and partly accounts for the prevalence of middle-class managers in Japan today. Of course, together with this there has been an increase in the standard of living and also a rise in educational standards, which have been the basis for social discrimination in Japan since the Meiji Period.

Essa citação evidencia o processo de controle dos corpos que impacta, diretamente, tanto na mentalidade durante a Guerra do Pacífico e a colonização na Ásia, quanto na narrativa do pós-guerra. Segundo Igarashi (2011, p. 132-137) havia os corpos antipatrióticos, aqueles que não estavam de acordo com o treinamento nipônico. Era necessário o sacrifício para o bem nacional e, após a derrota, estes corpos mais uma vez seriam revisitados para averiguar se estavam incapazes de dar prosseguimento à nova “narrativa fundadora”. Tendo como base a vigilância dos corpos comunitários em bairros de grandes e pequenas cidades, chamados respectivamente de *chōnaikai* e *burakukai*, o Estado vigiava e regulamentava suas ideias por meio dos grupos de bairro, intitulados *tonarigumi*. Ou seja, um policiamento social que fazia os vizinhos das comunidades vigiarem uns aos outros em prol do Estado japonês.

O corpo que outrora era vigiado para o bem comum do Japão, permanece no pós-guerra para ser, novamente, investigado e manipulado nas ideologias que se centram na união entre o país e os EUA. O corpo, agora traumatizado e marcado pelas consequências da guerra, mais uma vez seria utilizado pelo Estado para dar crença à prosperidade que viria após a rendição. Se tornaram, então, os corpos dóceis, limpos e democráticos que seriam a imagem do novo país perante o mundo. Sai o corpo nacionalista e entra o corpo regulamentado pela narrativa dos EUA em comum acordo com o Japão.

Na Figura 1, vemos uma cena referente ao mangá Gen Pés Descalços de Nakazawa (2011a; 2011b) que evidencia esse processo de vigilância dos corpos antes da bomba em Hiroshima e Nagasaki. Ao percebermos a imagem, notamos um teor cômico através da flatulência diante da seriedade do processo de treinamento dos corpos para uma possível batalha contra o exército norte-americano. Se percebe uma alta concentração aliada à frequência dos exercícios, o que implica no desenvolvimento muscular e mental do corpo. Em contrapartida, o pai de Gen, personagem autobiográfico de Keiji, pondera acerca das varas de bambu diante do arsenal bélico inimigo, trazendo um belo contraste do poderio nipônico, na Ásia, diante dos vizinhos e sua incapacidade de duelar com as mesmas forças diante de um inimigo que possui mais recursos.

Na imagem, o pai de Gen ainda enfatiza a ação dos militares, que dotados de ações ultranacionalistas, impactam na sociedade civil. Importante frisar a palavra “doença” para mencionar a guerra no contexto em que se opor à ação japonesa no

Pacífico é ser antipatriota. Percebemos o detalhe que Keiji trás do conflito em sua forma de escrever e desenhar. O autor quer que venhamos a captar uma mensagem pacifista diante das atrocidades em prol do Estado. A contribuição com a guerra é dar seu corpo para o uso do Estado japonês que não necessariamente devolve com a mesma proporção, porque era preciso um corpo saudável e adestrado. A lembrança de Keiji durante seu processo de escrita no Japão, nos anos de 1970, nos mostra que há uma batalha entre o silêncio e o testemunho do trauma. Kingston (2017, p. 7, tradução nossa) neste contexto aborda que:

O esquecimento é crucial para a Ideia de nação no sentido de deixar de lado ou enterrar tudo o que contradiz ou solapa o cerne da identidade unificadora e inspiradora. Esquecer é expediente, engenhoso e necessário, servindo para preencher lacunas, forjar uma consciência compartilhada e superar memórias e experiências divisivas. Mas essas concessões são difíceis de sustentar, apodrecendo dentro da nação, preparando o terreno para futuras batalhas. Existem boas razões para deixar de lado as lembranças dolorosas e não resolvidas, mas as correntes ocultas associadas também puxam o tecido da identidade e geram tensões.²⁵

Figura 1 - Civil diante do líder comunitário do bairro



Fonte: Nakazawa (2011a, p. 16-17).

²⁵ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Forgetting is crucial to the Idea of nation in the sense of putting aside or burying whatever contradicts or undermines the core of the unifying and inspiring identity. Forgetting is expedient, artful and necessary, serving to bridge gaps, forge a shared consciousness and overcome divisive memories and experiences. But such concessions are difficult to sustain, festering within the nation, setting the stage for future battles. There are good reasons to put aside the unresolved and painful memories, but associated undercurrents also pull at the fabric of identity and generate tensions.*

Através da “narrativa fundadora”, o processo de esquecimento em prol de uma prosperidade iria remodelar a mente da sociedade e, diante das ações de Hirohito, juntamente com os EUA, uma nova nação domesticada e democrática surgiria e elevaria o país a um patamar mais aceitável para os propósitos que eram acordados e bem-vistos pelos norte-americanos, o que traria uma imagem bem-vista do país após a guerra. Essa nova imagem segundo Kingston (2017, p. 39, tradução nossa) mostra que:

A Ideia coletiva que molda uma nação e unifica seu povo articulando um propósito comum e valores compartilhados não é necessariamente a mesma que a imagem projetada, a Marca, embora possa haver sobreposição considerável. As imagens geralmente se baseiam em estereótipos enganosos e podem não refletir a realidade, mas afetam a substituição e, como tal, as nações trabalham duro para melhorar suas imagens enquanto lidam com impressões indesejadas. A marca global de uma nação está se definindo e, portanto, os governos trabalham duro para torná-la deslumbrante e atraente. É um mercado competitivo, pois as nações competem entre si para chamar a atenção, atrair turistas e investidores e estabelecer uma identidade coletiva atraente para seus próprios cidadãos.²⁶

2.2.1 O meio ambiente, a industrialização e a memória nuclear

Outra perspectiva que se coloca é a ideia do meio ambiente a qual Aike P. Rots trata sobre as florestas-santuário (*chinju no mori*). Segundo Rots (2015), desde a década de 1970, há, por parte dos cientistas, uma percepção mais incisiva acerca das *chinju no mori* como recursos ecológicos que necessitam de conservação, sendo assim, ligando o *Shinto*²⁷ a questões de meio ambiente. Ao pensarmos na ideia de um corpo nacional saudável que lida diretamente com as políticas de memória para a sociedade após a guerra, o meio ambiente se torna um ponto crucial devido à questão nuclear, após a industrialização da década de 1950 e 1960, que vai além da perspectiva política, permeando os valores tradicionais e da memória da guerra.

Nesse mesmo estudo, o autor discute que, durante o jornal semanal *Jinja shinpō*, há artigos da década de 1980, que tratam de conservação florestal. Aqui, a

²⁶ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *The collective Idea that shapes a nation and unifies its people by articulating a common purpose and shared values is not necessarily the same as the projected image, the Brand, although there may be considerable overlap. Images often draw on misleading stereotypes and may not reflect reality, but they influence perceptions and, as such, nations work hard to improve their images while contending with undesired impressions. A nation's global brand is defining and thus governments work hard to make it dazzling and attractive. It's a competitive market as nations vie with one another to get attention, attract tourists and investors, and establish a collective identity appealing to their own citizens.*

²⁷ *Shinto* ou *Xintoísmo* é a religião tradicional do Japão.

ideia central não é tratar da religião especificamente e sua relação para o meio ambiente, nem discutir o *Shinto* e sua relação com o Estado nipônico na Segunda Guerra Mundial, mas refletir que havia, durante as décadas de 1970 e 1980, discussões sobre religião e meio ambiente que consistem em uma forma de conservação ambiental por meio de práticas religiosas que liguem o homem à tradição de um cuidado do meio ambiente. Apesar disso, quando percebemos o processo de desenvolvimento da obra *Gen Pés Descalços* de Nakazawa, não somente vislumbramos um Japão em crescimento pela produção de consumo em massa, como também, um Japão preocupado com questões ambientais ligadas à conservação de suas florestas sagradas, tendo o *Shinto* como um ponto essencial de ligação a tal ideia, visto que:

A rápida industrialização no Japão durante as décadas de 1950 e 1960 teve consequências ambientais terríveis, resumidas no que o mundo conhece como Doença de Minamata, uma doença do sistema nervoso central causada pela ingestão de metil mercúrio. A Chisso Corporation despejou efluentes industriais não tratados na Baía de Minamata, que foram absorvidos pelos peixes, causando um terrível surto entre aqueles que comeram os frutos do mar contaminados. Essa terrível saga e outras levaram o Japão a estabelecer regulamentos ambientais mais rígidos a partir da década de 1970, levando a melhorias significativas na qualidade do ar e da água, a um custo considerável. A campanha de industrialização da Coreia do Sul na década de 1970 refletiu a experiência japonesa de crescimento a todo custo, o que significa pouca consideração pelas consequências ambientais. Também fez progressos significativos na limpeza de seu meio ambiente, mas os problemas de poluição da China se tornaram os de Seul e Tóquio devido à proximidade e aos padrões climáticos predominantes (Kingston, 2017, p. 43, tradução nossa).²⁸

Essa emergente e importante industrialização impulsionou, desde a metade da década de 1950, ainda que para fins pacíficos, uma reserva financeira para a energia nuclear. O país, marcado por atividades sísmicas frequentes, se dispõe à atividade nuclear como forma de economia. É evidente que as consequências da crise do petróleo, na década de 1970, conforme abordado anteriormente, também

²⁸ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Rapid industrialization in Japan during the 1950s and 1960s had dire environmental consequences, epitomized in what the world knows as Minamata Disease, an affliction of the central nervous system caused by ingestion of methyl mercury. Chisso Corporation dumped untreated industrial effluent into Minamata Bay, which was absorbed by fish, causing a horrific outbreak among those who ate the tainted seafood. This grisly saga and others led Japan to establish stricter environmental regulations from the 1970s, leading to significant improvements of air and water quality, at considerable expense. South Korea's industrialization drive in the 1970s mirrored the Japanese experience of growth at all costs, meaning little regard for the environmental consequences. It has also made significant progress in cleaning up its environment, but China's pollution problems have become Seoul's and Tokyo's due to proximity and prevailing weather patterns.*

impulsionaram a busca dos japoneses por outra energia de consumo. Nessa mesma década, os reatores de água leve foram construídos com ajuda dos Estados Unidos e a Usina Nuclear de Tokai foi construída pela *General Electric Company*, do Reino Unido. Aqui, temos duas perspectivas de análises bastante interligadas. Em primeiro lugar, o pós-guerra está ligado à industrialização, que impacta, diretamente, no meio ambiente e na relação do japonês com sua memória das bombas nucleares. Em segundo, o próprio Japão começa a utilizar usinas nucleares, trazendo a si algo que outrora o prejudicou e que transformou em ruínas duas cidades.

Todavia, Rots (2015) tenta mostrar a importância das florestas para o país. O autor aborda o paradigma ambientalista xintoísta na relação do que é ser japonês propriamente, ou seja, cabendo uma questão própria de identidade. Ele cita que o discurso ambientalista de *Jinja Honchō* (Associação de Santuários Xintoístas) se refere a uma associação a crenças utópicas no renascimento de uma sociedade japonesa caracterizada pela coesão social, “harmonia com a natureza” e valores tradicionais como o respeito pelos ancestrais e o orgulho nacional. O meio ambiente se tornou de um valor imensurável para o país ao mesmo tempo em que usinas nucleares começam a ser criadas, sugerindo a hipótese que há uma separação na relação Estado-Religião no pós-guerra desde a rendição e a criação da “narrativa fundadora” para um discurso mais íntimo de valorização da identidade nacional por meio das florestas, ligando o “ser japonês” a sua ancestralidade/espiritualidade, pois:

Representando a continuidade espiritual, ecológica e cultural entre o presente e o passado ancestral imaginado (e, se bem preservado, o futuro), o santuário passou a ser visto como o ponto focal número um de uma comunidade local - tanto física quanto ponto de encontro e centro de atividades culturais e comerciais, e simbólico, significando coesão social e pertencimento espacial. Não é de surpreender, então, que chinju no mori agora apareça com destaque nos textos xintoístas contemporâneos que tentam renegociar o secularismo pós-guerra e defendem a importância contínua dos santuários no Japão do século XXI - não como instituições religiosas privadas, mas como pontos focais da comunidade, localizados em o centro do espaço público literal e metaforicamente (Rots, 2015, p. 219, tradução nossa).²⁹

²⁹ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Representing spiritual, ecological, and cultural continuity between the present and the imagined ancestral past (and, if preserved well, the future), the shrine grove has come to be seen as the number one focal point of a local community—both physical, as meeting place and center of cultural and commercial activities, and symbolic, signifying social cohesion and spatial belonging. Not surprisingly, then, chinju no mori now feature prominently in contemporary Shinto texts that try to renegotiate postwar secularism and argue for the ongoing importance of shrines in twenty-first century Japan—not as private religious institutions, but as community focal points, located in the center of public space both literally and metaphorically.*

O termo *chinju no mori* se forma como um elemento natural no discurso de identidade japonês ao mesmo tempo em que indica um pertencimento local ao indivíduo no pós-guerra. Individualmente e coletivamente, se forma uma comunidade local de consciência ambiental que busca vincular as florestas sagradas à própria vida da sociedade no que se concerne às estruturas básicas sociais, que incluem logicamente, a religião, no sentido de que:

Como mencionado anteriormente, a associação de *chinju no mori* com a ecologia e a conservação da natureza data do final da década de 1970, quando cientistas como Miyawaki Akira e Ueda Atsushi começaram a fazer pesquisas sobre o tema. Eles conseguiram chamar a atenção para o valor ecológico das florestas dos santuários e para a importância da conservação, graças à qual a preservação das florestas dos santuários tornou-se agora uma questão de interesse nacional (Rots, 2015, p. 218, tradução nossa).³⁰

Buscar se desvencilhar da questão imperialista faz do *Shinto* uma importante religião no desenvolvimento espiritual da sociedade, interligando-os como uma comunidade única. O sentido de pertencer àquela determinada localidade, com características em comum, influenciaria a sensibilidade de se relacionar com seus ancestrais ao mesmo tempo em que as florestas-santuário agiriam como uma bússola moral e social para a população. Essa hipótese pode ser dialogada a partir da perspectiva de um novo Japão que se estruturou economicamente, como também, um Japão que passa a olhar mais ao seu entorno visto que o período do pós-guerra estava sendo revisitado.

Essa relação do homem com o meio ambiente acaba por ativar questões morais sobre conservação e preservação ambiental diante das novas situações que eram confrontadas por meio da industrialização. O sentimento de estar unido ecologicamente com a natureza contribui para esse novo olhar mais incisivo do *Shinto* a espiritualidade, se separando da conotação de um “Estado *Shinto*” na Segunda Guerra Mundial, pois:

Hoje, poucas pessoas no mundo dos santuários negariam a tríplice importância (ecológica, sociocultural e moral) atribuída a *chinju no mori*, agindo sobre ele ou não. Além disso, uma nova geração de sacerdotes do santuário veio à tona, a maioria dos quais tem pouca ou nenhuma conexão

³⁰ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *As mentioned previously, the association of chinju no mori with ecology and nature conservation dates from the late 1970s, when scientists such as Miyawaki Akira and Ueda Atsushi started doing research on the topic. They have succeeded in drawing attention to the ecological value of shrine forests and to the importance of conservation, thanks to which shrine forest preservation has now become an issue of nationwide concern.*

peçoal com questões relacionadas à guerra ou ao imperialismo do “Estado Xintoísta”, mas que estão bem familiarizados com o conceito *chinju no mori* e o paradigma ambientalista Xintoísta. Quando questionados, muitos padres expressam preocupação com a conservação da natureza e outras questões ambientais, mesmo que não se envolvam ativamente com essas questões (Rots, 2015, p. 221-222, tradução nossa).³¹

Essa separação entre Estado e a religião serve para revelar as condições impostas pelos EUA na rendição, mas também é uma forma de o povo japonês seguir em frente sem lembrar do passado. A religião seria vetor de condução a uma prosperidade ambiental, social e econômica e sua ligação com a guerra teria ficado para trás quando o imperador discursou o fim do conflito por parte do Japão no radiofone. Ainda haveria problemas como as usinas nucleares, contudo, o meio ambiente seria um ponto forte na retomada social da nação. Identidade e espiritualidade renascidas seriam a marca da década de 1970 e 1980.

2.3 O homem e a cultura

O contexto da escrita reflete o posicionamento do autor diante das demandas sociais e culturais nas quais estava inserido. A produção do mangá, atestando as memórias da guerra e trazendo elementos significativos para a sociedade por meio do trauma, mostra as experiências do autor perante a construção temporal de sua vida. O ato de testemunhar é, também, refletir sobre o tempo na medida em que o indivíduo, diante da memória, interage com a cultura histórica na qual está inserido.

A narrativa contida na obra é a resposta que se dá ao enredo que está imerso na temporalidade do sujeito. Lidar com as continuidades e rupturas que as ações do homem provocam e refletir sobre elas, é uma forma de aprendizagem que se denota na própria historicidade. Para tal, a cultura é um fator determinante. Nesse ponto, Rüsen (2014) nos insere nesse conceito através da interpretação do homem em relação a si e ao mundo. É importante destacar que esta interpretação proporciona

³¹ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Today, few people in the shrine world would deny the threefold (ecological, sociocultural, and moral) importance attributed to chinju no mori, whether acting upon it or not. Moreover, a new generation of shrine priests has now come to the fore, most of whom have little or no personal connection with war-related issues or “State Shinto” imperialism but who are well familiar with the chinju no mori concept and the Shinto environmentalist paradigm. When asked, many priests express a concern for nature conservation and other environmental issues, even though they may not actively engage with such issues.*

uma aprendizagem, que é mediada pela relação com o passado, por meio da memória. Acerca da cultura, o autor aborda que:

[...] é a resposta que os seres humanos atuantes e sofredores dão a si próprios ao lidarem com a natureza, com o seu próprio mundo social e consigo mesmos e com os outros seres humanos, quando perguntam pelo sentido de sua vida e querem organizá-la de um modo que faça sentido [...] (Rüsen, 2014, p. 196).

A cultura é a essência dos homens que possibilita a orientação no tempo. Diante do cenário em que o Japão se encontrava na década de 1970, resgatar as memórias que, por anos, sufocaram a si e a sociedade, e que estavam trancafiadas no modelo social e econômico adotado pelo país para se reerguer, se torna num discurso histórico que ora está demasiado vivo e ora está altamente sensível, pois não sabe quais possíveis pertencimentos a suas memórias serão anexados por seu testemunho, nesse caso, por quem compreenderá o relato. A cultura dá sentido a como as experiências são interpretadas e orientadas, permitindo o agir do ser humano.

Uma das formas de entender a cultura é a memoração, discutida na perspectiva da Didática da História. Para Rüsen (2014, p. 199) a memoração “[...] trata-se também de identidade, de pertencimento e delimitação pessoais e coletivos e, desse modo, das questões do etnocentrismo e da comunicação intercultural”. Em outras palavras, é a forma que interpretamos o passado, que damos valor a ele e o questionamos no presente. A memória é, de fato, uma forma importante de orientação para o ser humano. Ela nos permite lembrar de experiências passadas e utilizá-las para tomar decisões no presente e no futuro. Através da memória, somos capazes de interpretar o passado e entender como chegamos aonde estamos, o que nos permite planejar e agir de forma mais consciente.

A relação do homem com o tempo é complexa e multifacetada, envolvendo tanto a nossa capacidade de lembrar do passado quanto a nossa expectativa em relação ao futuro. Através da nossa experiência com o tempo, aprendemos a agir e a sofrer e, muitas vezes, enfrentamos situações em que sentimos falta de orientação. Nessas situações, a memória pode ser uma ferramenta poderosa para suprir essas carências de orientação. Quando estamos enraizados no tempo e construímos consciências históricas, somos capazes de obter informações valiosas sobre o passado que nos permitem tomar decisões mais informadas no presente e no futuro.

Em suma, a memória é fundamental para a nossa capacidade de compreender e agir no mundo que nos cerca, sobre a qual Rüsen (2014, p. 201-202) menciona que “sem uma memoração com a qual podemos carregar a nós mesmos para dentro do futuro não teremos futuro. O futuro só é capaz de viver a partir da memoração e atua como força motivadora e mobilizadora em nosso presente”.

A memoração é uma marca e, quando se pronuncia pelo testemunho, se torna uma luz que permanece acesa levando o inimaginável à posição de dizível. Porém, a memória tem poder, carrega determinada visão de mundo e possui a capacidade de selecionar o que mencionar e o que esquecer. Ou será silenciar? A memória está entre a evidência e a experiência. Diante dos extermínios do século XX, o testemunho se dá como um dever, aquele que transpassará a memória de geração em geração para que se conheça o passado e que se possibilite trabalhar a memória, havendo assim, um reconhecimento.

Keiji Nakazawa, diante de sua reflexão ao examinar a si e o mundo na década de 1970, entendeu que não bastava lembrar, precisava entender seu lugar no mundo e em qual presente queria viver. As narrativas discursivas no mangá são respostas para o tempo presente e vivem de expectativas futuras, evidenciando como o autor, um sujeito social, negocia sua memória com as problemáticas do presente. E, nesse ponto, adentramos a relação do mangá com a experiência do sujeito no tempo, buscando, a partir dos processos de construções de consciência histórica, entender o autor a partir de si e do contexto social a que está vinculado.

Quando pensamos na cultura histórica, temos que perceber a particularidade de cada sociedade. As memórias coletivas, que formam a identidade de cada indivíduo, são marcadas sob uma perspectiva nacional, por tensões acerca da construção do passado. Se entendermos a cultura histórica como a relação da sociedade com seu passado, então que tipo de memória está sendo ou foi forjada e como a consciência histórica se evidencia nesse meio? Assim, como tratamos de uma aprendizagem histórica nas escolas, por meio das histórias sensíveis, quando a memória é a fonte de disputa e por ela a cultura histórica é construída?

Rüsen (2014, p. 13) aborda que:

Trata-se do contorno da vida cultural em que a formação humana de sentido se apresenta como um todo, marcado por multiplicidade, divergência, permanente mudança e, ao mesmo tempo, unido pela necessidade vital, comum a todos os seres humanos, de produzir a sua própria natureza em forma de cultura.

Com a Didática da História, na Alemanha, na década de 1970, a compreensão do conhecimento histórico se transforma numa prática social onde o extracurricular, o público, se torna uma forma de tratar o passado (Bonete; Freitas, 2015). A mídia, um instrumento da esfera pública, é um componente que permite tal prática devido à forma como os usos públicos do passado são dialogados, compreendidos e analisados. Grever e Adriaansen (2017, p. 75) abordam que, somente na década de 1990, a cultura histórica se tornou uma categoria central com conceito e metodologia própria para a didática da história.

Para os autores, a importância deste fato se deve aos estudos de Rüsen (2014) que, ao discutir sobre a aprendizagem histórica, afirmou que ela possuía dois lados: o lado interno, individual e cognitivo, pertencente à consciência histórica e o lado externo, a cultura histórica, que trata de instituições que formam a infraestrutura do aprendizado histórico, possibilitando a instrução coletiva para a aquisição de conhecimento históricos.

Assim, segundo os autores, essa relação interna e externa da aprendizagem histórica implica em uma articulação da consciência histórica por meio da cultura histórica. Logo, essa consciência não é somente pela memória coletiva, embora ela seja o centro de disputa das formas de compreensão do passado e de como moldá-lo ou instituí-lo na sociedade, mas sim por todo uso público da história, como escolas, museus, mídia e livros, por exemplo, pois estão dentro da cultura histórica. Destarte, segundo Grever e Adriaansen (2017, p. 78) expressar experiências históricas é, ao mesmo tempo, narrar e representar o passado. A transmissão de informações significativas do passado e o compartilhamento das experiências, segundo os autores, são articuladas em mito, historiografia, livros escolares de história, memórias e guias de viagem, por exemplo. Assim,

A grande maioria das representações do passado apoiam-se num enredo que faz o passado significativo para seu criador e seu público. Este é o caso autobiografias, memórias coletivas, historiografia acadêmica, mídia popular, reconstituições históricas e até peças musicais (Grever; Adriaansen, 2017, p. 78, tradução nossa).³²

³² No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *The vast majority of representations of the past rely on a plot that makes the past meaningful to its creator and his or her audience. This is the case for autobiographies, collective memories, academic historiography, popular media, historical re-enactments and even musical pieces.*

O uso do mangá para o ensino de história trata de uma autobiografia que busca produzir sentido a partir da experiência e interpretação do tempo por meio da narrativa. O enfoque da cultura histórica é uma compreensão do passado em um determinado presente e possibilidades de projeções de futuro. É pertinente abordar que formas de silêncio ou esquecimento também atuam na cultura histórica. A posição de Keiji Nakazawa foi lidar com as memórias traumáticas de modo que tornasse acessível para a sociedade e suas gerações futuras as ações da Segunda Guerra Mundial.

3 MEMÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: CONSTRUINDO RELAÇÕES COM O MANGÁ

Uma obra desenvolvida por meio de imagem e narrativa sobre as experiências de si ao longo do tempo, retratando e analisando determinado conflito, e esmiuçando as lembranças que ainda permeiam mediante um trauma difícil de passar e mais ainda, longe de ser respondido, é parte de uma consciência histórica que foi desenvolvida. Essa consciência histórica se dá não somente pelo resgate do passado e sim, das atribuições de sentido no presente.

Através de imagens, o visual enriquece a percepção de quem lê, navegando a fundo na obra e usufruindo cada vez mais da narrativa. Entretanto, qualquer obra é fruto de uma posição do autor. E uma obra que trata de memórias e experiências traumáticas, tanto individual quanto coletiva, parte de um lugar que além de pautar exclusivamente do ponto de vista de quem elaborou, ele quer atrair um público alvo. E mesmo com tais condições, é uma fonte imprescindível para o ensino de história, quando emergimos de uma história ocidental, com tantas rupturas e continuidades, e que majoritariamente está nos livros didáticos, para uma história oriental, com tantos atores envolvidos e que conecta com as grandes temáticas da nossa história, principalmente a Segunda Guerra Mundial, um evento que ainda suscita maiores discussões, principalmente com o advento dos neofascistas e da extrema direita no mundo.

Ao pensarmos nas HQ como produto cultural, com sua própria estrutura, temos que avaliar sua interlocução com o ensino de história. É cabido mencionar o seu processo de aceitação ao longo dos anos na comunidade acadêmica, o que influencia ainda mais as pesquisas sobre esse objeto. Contudo, do que podemos falar quando tratamos de memórias envolvendo um evento histórico, e além disso, o que a consciência histórica pode dialogar no que refere a construção destas memórias num produto cultural?

De início, o que se trata ao mencionar memória? Qual a necessidade dela para a história? Primeiramente, falamos de memória quando nosso presente está envolvido em um longo passado ou quando é necessário se instalar novamente na sociedade. Um presente com respostas fraturadas ou sem perspectivas de resolvê-las. Um futuro ameaçado devido a inconsistência do tempo presente. Logo, o desafio da história é entender essas mentalidades temporais, seja permanente ou de mudança, para

compreender o meio que está inserido. E o mangá é uma ferramenta que pode contribuir nesta análise. Como fonte para a História, seu objetivo será mapear as possibilidades e construções de seu uso para o ensino de história, analisando as ações dos indivíduos em sua produção.

Nesse caso, o mangá serve como uma referência para o estudo das representações do passado, sejam elas por discursos ou imagens. Evidente que uma obra que trate de testemunho, se coloque como uma “voz do passado” ainda que venhamos a tentar entender a forma que este passado é representado. Outro ponto é seu diálogo com o Tempo Presente. Quais são os anseios do autor para tratar desta obra em seu período de produção e qual seu valor hoje para o debate historiográfico? A escrita da obra reflete as intenções na temporalidade ao mesmo tempo que produz em seu discurso, caminhos para dialogar com as cicatrizes do trauma, cabendo ao historiador desvencilhar as concepções do passado para a construção do conhecimento histórico.

A ideia de entender o passado e a busca por sua representação se deve à necessidade de transpor os vestígios que a lembrança proporciona. As reminiscências desse passado outrora “voz do passado” com sua essência pura, se transforma em objeto quando elaboramos proposições acerca do valor da memória no Tempo Presente. Assim, cabe entender como o ensino de história se articula e absorve a memória e seus usos políticos. Entender esta relação propriamente do passado com a disciplina de História se dá pela busca de uma construção historiográfica através da representação. Essa construção nada mais é do que uma articulação entre as lembranças e esquecimentos, onde os vestígios se tornam como vagalumes, na qual o historiador precisa de seus rastros luminosos para tratar da memória histórica. O lembrar, o rememorar, não trata aqui de ser uma memória cultuada, e sim, passível de análise crítica, onde o mangá mesmo como produto cultural, não se torne mercadoria, e sim um vestígio - as reminiscências que dão sentido à vida por meio da experimentação e interpretação do tempo - que guiará por meio de Keiji Nakazawa, um caminho para lidar com os traumas coletivos.

Logo, a história em quadrinhos é um documento que emerge com suas particularidades estruturais possibilitando analisar discursos no fazer historiográfico. Entretanto, até que ponto o mangá é um documento para o ensino de história? Segundo Le Goff (2013, p. 495), renomado historiador francês, em seu livro “História e Memória”, aborda que “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do

passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Então, se o documento é um produto, ele faz parte da cultura de um povo. É o modo de interpretar e se orientar que possibilita o mangá tornar vivo diante de sua sociedade. É a forma que o autor encontrou de incitar no presente os traumas do passado. A obra é uma voz portadora de significados, que trouxe oportunidade para seu tempo e novos significados para a contemporaneidade.

Os documentos portadores de memória são vestígios que tratam de um pensamento outrora histórico para lidar com os acontecimentos, como no caso de Gen Pés Descalços, onde o ser humano compreende a relação do tempo consigo e sociedade, agindo assim, numa manifestação de si para tratar do mundo a qual vive. O documento se fez como uma experiência pessoal, ainda que imbuída de posicionamentos, sejam eles silenciados/esquecidos/omitidos que culminam num desenvolvimento de historicidade para socializar com os homens de seu tempo as emoções vinculadas ao período. Nesse ponto, segundo Pesavento (2007, p. 14), discorre que:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro.

Assim, a obra emerge com significados que personificam uma ação, uma vontade, uma busca por comunicação e valorização daquilo pela qual ela está sendo destrinchada. A imagem é, antes de tudo, uma representação da realidade ou dos símbolos de uma imaginação que se codificam ao transformar o imaginário numa partilha da memória adquirida no dia-a-dia, uma biblioteca de simbolismos ganhando vida ao ser representado. E quando olhamos para o século XX, num período de extremos, a imagem como reflexão de uma memória que está abaixo dos escombros de um sobrevivente, num liame entre trauma e esperança, dor e alívio.

Rüsen (2010) ao tratar da metodização da relação com a experiência, discute sobre a credibilidade da história. Esse pressuposto discute a experiência enquanto validação das sentenças históricas. O testemunho se dá pela análise empírica que essa experiência entre a narração e seu destinatário pode conceber enquanto produto

de uma efetivação do passado e atribuição de significado deste tempo enquanto legitima a própria experiência. Nesse sentido,

Testemunhos do passado com relevância experiencial - os historiadores costumam chamá-los de "fontes" - têm de ser dados factuais contemporâneos, que possam ser apreendidos como tais por qualquer sujeito humano capaz de apreensão e identificados como tais por qualquer sujeito humano pensante como testemunhos do que foi o caso, no passado (Rüsen, 2010, p. 101-102).

Validar a experiência do testemunho, sob uma análise empírica requer que as narrações sejam argumentadas pois a fonte revela a verdade e o conhecimento é colocado à prova como sentido de orientação da vida humana. Assim, esse conhecimento pela experiência precisa ser constatado. Rüsen (2010, p. 56-57) fala da consciência histórica como uma interpretação do mundo e de si mesmo. É necessário que o homem interprete a si e o mundo para entender os processos da temporalidade a qual está vinculado. Propor-se a agir em sua reflexão sob o seu processo social - a vida -, é tomar por base as decisões no seu processo temporal, pois

Pode-se descrever a operação mental com que a consciência histórica se constitui também como *constituição do sentido de experiência no tempo*. Trata-se de um processo da consciência em que as experiências do tempo são interpretadas com relação às intenções do agir e, enquanto interpretadas, inserem-se na determinação do sentido e do mundo e na auto-interpretação do homem, parâmetros de sua orientação no agir e no sofrer (Rüsen, 2010, p. 59).

Pensar o mangá como produto da consciência histórica é perceber que o testemunho se deu no âmbito da qual a barbárie era representada como uma forma ainda sem explicação. A população japonesa em sua maioria ainda não tinha entendido o final da guerra e como se deu o uso das bombas em Hiroshima e Nagasaki, em 06 e 09 de agosto, respectivamente. O uso de bombas nucleares e a dizimação de duas cidades em três dias, impacta diretamente no psicológico do ser humano. A memória de uma testemunha, ainda que criança, diante de uma insuportável inaptidão do fato, busca através do que é mais plausível, se comunicar com seu meio para compreender a experiência por qual lida. Compreender a testemunha é perceber em seu retrato de experiência, quais orientações e interpretações ele lida, para em suas memórias, ainda que "bastante sensíveis e indizíveis", transformar a lembrança em um rosto, mesmo que deformado, pois:

Mas, certamente, as imagens são, e têm sido sempre, um tipo de linguagem, ou seja, atestam uma intenção de comunicar, que é dotada de um sentido e é produzida a partir de uma ação humana intencional. E, nessa medida, as imagens partilham com as outras formas de linguagem a condição de serem simbólicas, isto é, são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado (Pesavento, 2008, p. 99).

A memória, parte da função psíquica do ser humano, está sempre em disputa. A memória individual lida com diversas lembranças do indivíduo que se configuram na experiência dele no tempo e em sua formação de identidade. Sua configuração ou sua atuação lida diretamente com a relação da história e os eventos passados. A rememoração do fato é a forma na qual se enfrenta os colapsos que permanecem na sociedade, ainda fraturadas pelo passado em constante recordação. A memória buscará dar luz aos fragmentos enquanto a história lida com a realidade. O testemunho é uma perpetuação do elo entre o indivíduo e a sociedade, servindo por meio da memória, uma continuidade de servidão para o homem, pois a história sendo uma ciência que busca o concreto em suas análises, a memória permanece no abstrato, pois, segundo Halbwachs (2003, p. 102), ao discutir o que é memória, aborda que “[...] é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.

Esse posicionamento do autor traz reflexões importantes para a construção do debate sobre memória por meio dos mangás. Partindo do pressuposto que cada memória traz uma sensibilidade, onde cada indivíduo e/ou grupo está cheio de emoções, ela se fixa nas ações do ser humano em meio às suas experiências e interpretações do mundo. Outrossim, ao testemunhar, a pessoa está produzindo uma ação que é um produto de sua experiência, que é a narração, e dialogando com o passado e suas feridas para a sociedade, trazendo uma interpretação destas experiências, podendo assim, influenciar os outros através das transformações do passado em fontes para o presente. E aqui entra o mangá como propulsor desta memória.

Ao olharmos para as imagens, vemos diversos significados que remetem a ações do homem em seu tempo. A imagem é uma representação da realidade carregada de simbolismos, cheias de significados que querem ou não ser trazidos à luz. Contudo, o ser humano dotado de sua capacidade cognitiva, ao poder ler,

entender, mensurar, todos os eventos que impactam sobre si, ele transforma a experiência de sua vida em um documento, que nada mais é do que um produto carregado de sentimentos que foi mobilizado pelas determinações ao qual foi lido em sua formação de identidade. Assim, uma imagem biográfica tem um valor diferente pois carrega várias ações práticas do homem em sua vida, sendo uma construção discursiva a partir das experiências e com uma identidade narrativa moldada pelas interpretações. Nesse sentido, Arfuch (2012, p. 47, tradução nossa), aborda que:

[...] há também, no espaço biográfico, o que poderíamos chamar de *valor memorial*, que traz para o presente narrativo a rememoração de um passado, com sua carga simbólica e muitas vezes traumática na vivência individual e/ou coletiva. Um valor duplamente significativo quando a história biográfica se centra precisamente *naquele passado* pela sua própria qualidade, pelo que deixou como marca, como marca indelével numa existência.³³

O pensamento da autora sobre um valor memorial das biografias da subjetividade do ser humano ao contar de como viveu e da batalha contra o esquecimento encontra por meio da narrativa um posicionamento que visa transformar a sociedade em que vive. Assim, o testemunho assume dupla função: narrar e atestar. Ele narra através das lembranças do passado, evocando das memórias os vestígios do que um dia aconteceu, ao mesmo tempo que ele atesta o passado, trazendo questionamentos e reflexões para lidar com o presente, temendo que o futuro seja tão fraturado quanto o trauma. Assim, ele testemunha de si para o outro que se torna uma testemunha do “impossível”, “inenarrável”. O testemunhar é transmitir para que não se esqueça.

Nesse liame entre a memória e testemunho, o mangá assume o papel de interlocução entre indivíduo e sociedade. Como linguagem autônoma, os quadrinhos possuem suas próprias especificidades na representação da narrativa, compactuando com a ideia de Groensteen (2015, p. 10), teórico e pesquisador belga acerca dos quadrinhos, que aborda sobre “[...] um conjunto original de mecanismos produtores de sentido”. Assim, os quadrinhos produzem sentido devido a intencionalidade do autor diante do tempo em que está inserido. A construção desse sentido nos revela

³³ No texto original, encontramos a seguinte grafia em espanhol: [...] *hay también, en el espacio biográfico, lo que podríamos llamar el valor memorial, que trae al presente narrativo la rememoración de un pasado, con su carga simbólica y menudo traumática en la experiencia individual y/o colectiva. Un valor doblemente significativo cuando el relato biográfico está centrado justamente en ese pasado por su cualidad misma, por lo que ha dejado como marca, como huella imborrable en una existencia.*

uma camada de valores alocado no sistema de desenvolvimento da narrativa que implica na articulação do tempo e espaço da obra.

Então, as HQ possuem códigos que são desenvolvidas para explicitar uma intenção e para constatar o valor de sua totalidade narrativa. Logo, ao possuir intencionalidades, eles são produtos que condizem com as ações do homem no tempo e sua forma de perceber o mundo através da imagem. A imagem, portanto, é reflexo da junção de fragmentos de uma concepção de mundo, seja ele contínuo ou fraturado que liga por meio de um discurso de produção de sentido, uma ligação com o leitor, fazendo-o habitar e refletir na obra.

As HQ, portanto, são implantações de códigos visuais e discursivos que emergem pautados de simbolismos e ideias, sejam elas de cunho biográfico ou de heróis, onde a imagem em sua predominância, busca produzir conteúdo e sentido. Para Groensteen (2018, p. 16) os quadrinhos seriam uma das espécies narrativas dentro do gênero narrativo, como romance, filme, teatro por exemplo. Para o autor, enquanto se configura dentro do gênero narrativo, há um sistema de pensamento que é inerente à forma do homem de se apropriar do mundo ao longo do tempo. Através da narrativa, os seres humanos são capazes de criar, transmitir e compartilhar significados, experiências e conhecimentos. Através das histórias, podemos explorar questões sensíveis, expressar emoções, refletir sobre nossa condição humana e construir conexões socioculturais.

A análise do gênero narrativo envolve examinar os elementos estruturais, temáticos e simbólicos presentes nas histórias. Podemos observar os personagens, enredos, cenários, conflitos, símbolos e arquétipos que compõem as narrativas. Ao analisar esses elementos, podemos compreender melhor as mensagens subjacentes, os valores culturais, as questões sociais e psicológicas abordadas nas histórias. No contexto da análise nacional e cultural, Luyten (2011, p. 23), pesquisadora brasileira de HQ, destaca a importância de considerar uma análise de conteúdo mais significativa em relação ao enredo das HQ, sendo perceptível mensurar como a história de uma obra dá margem a estereótipos, tanto em relação a representações de diferentes nacionalidades (como africanos, asiáticos, árabes), quanto em relação a representações culturais (como família, trabalho, juventude, velhice).

Por exemplo, ao analisar uma história em quadrinhos ou qualquer outra forma narrativa, podemos observar se certos grupos étnicos ou culturais são retratados de maneira estereotipada, reforçando preconceitos ou perpetuando ideias falsas. Essa

análise também nos permite entender como as narrativas refletem ou moldam as percepções e valores sociais de uma determinada época e contexto. Nesse caso, a forma como um estrangeiro é retratado em uma história pode revelar as expectativas culturais em relação aos papéis de xenofobia, às relações internacionais ou à estrutura social.

Assim, ao analisar os elementos estruturais, temáticos e simbólicos presentes nas narrativas, podemos examinar as representações de diferentes grupos e culturas, bem como as questões sociais e psicológicas abordadas nas histórias. Isso nos permite compreender melhor as mensagens e os valores culturais transmitidos pelas obras e contribuir para uma análise crítica e reflexiva das narrativas.

Além disso, a narrativa desempenha um papel fundamental na forma como nos relacionamos com o mundo e com os outros. As histórias nos permitem conectar experiências individuais e coletivas, fornecendo um senso de identidade, empatia e compreensão mútua. Elas nos ajudam a explorar diferentes perspectivas, estimulam a imaginação e nos convidam a refletir sobre nossa própria existência e o significado da vida, pois, a luta contra o esquecimento e a negação é fundamental quando se trata de prevenir a repetição de horrores passados. Segundo Gagnebin (2006, p. 110):

O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito. Ora, depois das duas Guerras Mundiais e, sobretudo, depois da Shoah, a temática do trauma torna-se predominante na reflexão sobre a memória. Ao que parece, as feridas dos sobreviventes continuam abertas, não podem ser curadas nem por encantações nem por narrativas. A ferida não cicatriza e o viajante, quando, por sorte, consegue voltar para algo como uma "pátria", não encontra palavras para narrar nem ouvintes dispostos a escutá-lo.

A argumentação da autora traz a questão sobre a falta de testemunhas dispostas a ouvir o "inenarrável". O mangá é uma ponte que une testemunhas. Aquele que escreve e aquele que ouvirá o acontecimento. Lutar contra o esquecimento e a negação envolve várias ações. É importante preservar e estudar documentos históricos, testemunhos, registros e evidências relacionados aos eventos traumáticos. Além disso, é necessário promover a educação, especialmente entre as gerações mais jovens, sobre os erros do passado, incentivando a empatia, a tolerância e o respeito pelos direitos humanos.

Rüsen (2009) fala de uma **memória responsiva**. Para o autor, a memória pode ser classificada em alguns critérios, incluindo a forma como o passado é representado.

Nesse caso em específico, a **responsiva**, “[...] é acionada pela intensidade de uma experiência específica que grava a si mesma nas mentes das pessoas, por assim dizer” (Rüsen, 2009, p. 167). Assim, cabe a pessoa interpretar e superar tal fato. Tal memória pode ser vinculada a situações limite como o Holocausto, mas podemos utilizar para tratar de Hiroshima, já que tratamos de trauma e sua busca pela representação de um passado persistente, conflituoso e sensível para o presente. Ainda que a memória pertença ao passado e dialogue com o presente, a consciência histórica se situa também no futuro. A **memória responsiva** quando tratada a partir do entendimento de si como memória histórica, pode fornecer uma orientação para expectativas de futuro.

A obra de Keiji mergulha nas sensibilidades da sociedade, dialogando com a testemunha e ouvinte, através da conscientização pública e a participação ativa na defesa dos valores sociais. Isso inclui denunciar discursos que visem a negação do fato, combater as barreiras impostas pela supressão do evento e atuar para preservar a memória histórica e promover a reconciliação entre o povo e seu passado. Keiji Nakazawa entendeu que a luta contra o esquecimento e a negação é, sem dúvida, responsabilidade de si para que as atrocidades passadas não sejam esquecidas ou negadas, mas sim confrontadas, compreendidas e usadas como lições para construir um futuro melhor. E que futuro é esse? Rememorar e agir sobre as máculas do passado.

Segundo Gagnebin (2006, p. 55),

A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.

A rememoração, ou o ato de lembrar-se e refletir sobre o passado, não se limita apenas a recordar eventos ou informações passadas. Ela também envolve prestar uma atenção precisa ao presente e às maneiras pelas quais o passado ressurgir nele. No entanto, a rememoração não se trata apenas de uma reflexão passiva. Ela envolve agir sobre o presente com base na compreensão do passado. Ao examinar criticamente o passado, podemos identificar padrões, tendências e erros que podem ser corrigidos ou transformados no presente. A fidelidade ao passado não é um

objetivo em si mesma, mas sim um meio de promover a transformação e a mudança no presente.

Ao compreender as lições aprendidas com o passado, podemos tomar decisões informadas e evitar repetir os mesmos erros. A rememoração, portanto, desempenha um papel crucial na evolução e no progresso pessoal e coletivo. É importante ressaltar que a rememoração não se trata apenas de olhar para trás, mas de aplicar esse conhecimento no momento atual. O momento atual para o autor se deu durante as produções de outros autores ao elaborarem mangás sobre a temática da guerra e biográficos, e as fraturas que outrora permeiam sua sociedade, estavam sendo construídas em países vizinhos.

Assim, ele estava construindo as experiências do tempo mediante as interpretações do passado no presente. Ele se tornou contemporâneo a partir do momento que rompe com as estruturas vigentes e reflexiona sobre as demandas sociais do Tempo Presente ao qual está inserido. Ele critica o passado ao evocar no presente os esquemas de significações de sua sociedade, que seriam os valores coletivos para um futuro moderno e livre dos ecos da guerra e a ausência do individual no que tange a rememoração do ser humano sobre a própria guerra.

Essas experiências estão ligadas às emoções que aprisionam o indivíduo em seu passado, mas quer se libertar ao testemunhar. Segundo Albuquerque Júnior (1994, p. 43),

A organização da experiência requer uma consciência do tempo, no sentido de demarcar claramente o presente que foi e o presente que é, esta demarcação na verdade significa a criação de um novo tempo saturado de vivências.

Ela estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente. É este nível das memórias que fixa as experiências e inventa as tradições, portanto, nada conserva do “passado puro”, ela é produto do trabalho e da inteligência em que o narrador incorpora sempre o acontecimento na sua vida, e o narra como sua experiência individual. Ela é pois um ponto de vista sobre o passado.

A consciência do tempo é fundamental para a forma como percebemos e organizamos nossas experiências. Ao distinguir o passado do presente, podemos refletir sobre nossas vivências anteriores e aprender com elas, ao mesmo tempo em que nos envolvemos plenamente no momento atual. Logo, ao evocamos representações do passado, estamos tratando de memória histórica e do enquadramento da memória a nível social. Contudo, vimos que o mangá se apropria

do passado e que está repleto de intencionalidades, refletindo aspectos do autor e sociedade.

Nesse sentido, Vilela (2018), pesquisador brasileiro sobre HQ, menciona sobre o uso de quadrinhos em suas particularidades, que contribuem para o debate sobre a memória, experiência, interpretação e a consciência histórica. Para Vilela (2018, p. 109-110), ao analisar o uso dos quadrinhos é necessário se atentar a três conjunturas: a primeira se dá para fornecer aspectos da vida social de comunidades do passado, ao qual ele cita os quadrinhos “históricos”, que trata especificamente de época anterior à sua produção.

Para o autor, esse embasamento reflete a situações de ambientação na qual os registros de informações de determinado período são retratados. Ao explorar temas históricos, os quadrinhos históricos podem oferecer informações sobre a vida cotidiana, as práticas culturais, os costumes, a política, a economia e outros aspectos sociais das comunidades do passado. Eles podem abordar eventos históricos específicos ou retratar personagens fictícios inseridos em contextos históricos. No entanto, é importante lembrar que os quadrinhos históricos, ainda que tratem sobre uma autobiografia, são uma forma de entretenimento e, como tal, podem tomar liberdades artísticas e simplificar certos aspectos da história para torná-la mais acessível ou dramática.

O segundo ponto trata sobre o uso para ler e estudar como registros da época em que foram produzidos. A escrita da obra posterior ao conflito nos fornece subsídios para entender o ponto central da obra: mensagem pacifista, antinuclear e contra o nacionalismo exacerbado. Evidente, que no tempo de sua criação, o Japão passava por um redirecionamento através do *kobutai* e os conflitos da Guerra Fria eram notórios na Ásia por meio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e Estados Unidos. Assim, entender “Gen Pés Descalços” é perpassar sobre vislumbres de uma Hiroshima arrasada e tentando se reerguer, como também, do sistema social nipônico durante e após a Segunda Guerra Mundial.

O último tópico trata os quadrinhos como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História. Dos três apontamentos, talvez seja este o mais pertinente para sala de aula. É iniludível que a Segunda Guerra Mundial esteja presente na malha curricular de qualquer estudante a nível mundial, principalmente pelo lado inquestionável que os desdobramentos do Fascismo e Nazismo obtiveram no mundo e que ainda são ressignificados, reconstruídos, revistos e que sofrem de

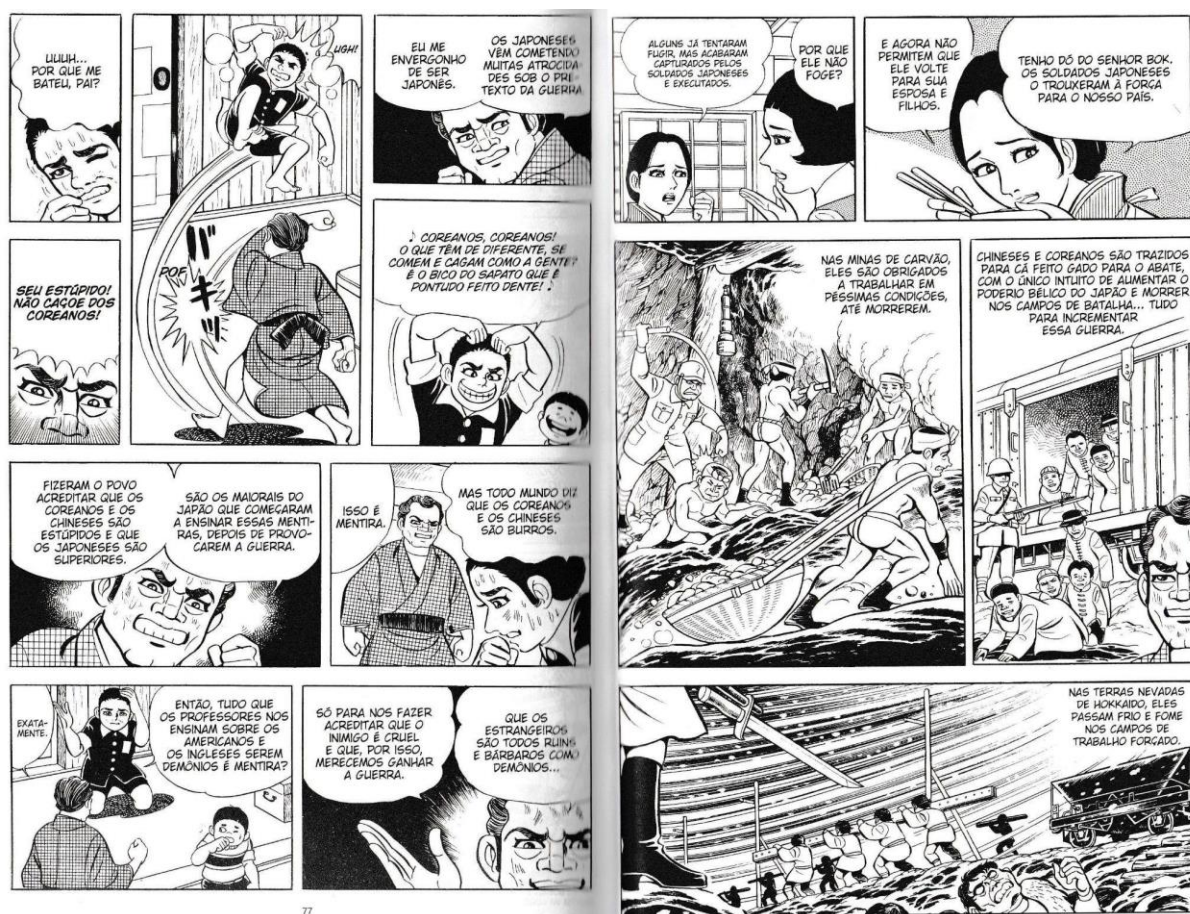
revisonismos históricos alarmantes devido a posicionamento político na configuração dos partidos atual. Contudo, se aludimos somente a estes dois conceitos de forma ampla, deixamos de compreender a complexidade de temas que transitam no conflito. Em relação ao nosso objeto de estudo, temos na Ásia, um grave problema sobre imperialismo e raça, conforme imagens abaixo.

Figura 2 - Coreano como vítima de xenofobia



Fonte: Nakazawa (2011a, p. 64).

Figura 3 - Imperialismo japonês no Extremo Oriente



Fonte: Nakazawa (2011a, p. 76-77).

As imagens acima refletem a condição do Senhor Bok, coreano, que é acometido por pedradas na cabeça e ainda escuta música que zomba do estilo de calçado de seu país. A argumentação de Bok acerca do pai de Gen, um homem pacifista e contra o militarismo japonês, ressalta o alívio e felicidade que ele tem ao saber que existem indivíduos que recriminam a atitude do país, envolto por um sentimento de patriotismo que culmina no desenvolvimento por parte do Japão de um entendimento que na Ásia, eles são superiores a qualquer asiático e através da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, criar um bloco liderado pelo Japão e que se colocasse contra qualquer influência ocidental.

Durante a Guerra do Pacífico na Segunda Guerra Mundial, japoneses invadiram países do Extremo Oriente e Sudeste Asiático para fins imperialistas em sua missão de expansionismo e controle asiático. Enquanto expansão, destacamos China e Coreia, vítimas dessa ação do Estado nipônico a qual na figura do Senhor Bok, percebemos tal situação. Todavia, pelo exemplo deste personagem, podemos

discutir em sala de aula acerca do que venha a ser imperialismo e sua relação com a modernização, expansão e formação dos Estados nacionais, a ideia de raça através da análise sobre diversas culturas, refletir sobre nacionalismo e seus usos por parte do governo e das Forças Armadas. Quando pensamos nos elementos conceituais construídos do Ocidente como Fascismo e Nazismo durante a guerra, notamos que possuem semelhanças no Oriente de acordo com o regime de governo estabelecido. Assim, o mangá permite dialogar com a Segunda Guerra Mundial e trabalhar a contextualização de determinados conceitos na formação do aprendizado histórico do aluno, sendo as memórias de Keiji Nakazawa a fonte para tratar de memória histórica, identidade e consciência histórica.

3.1 Memória e consciência histórica: quais aproximações?

O passado requer um tratamento mais atencioso porque está sempre envolto de problemas. A história anseia pelos vestígios que nem sempre são confiáveis, cabendo-a interrogar a fonte para que tais reminiscências possam de fato se tornar palpáveis. O testemunho enquanto produto da História, carrega em si discursos puros de um passado que em disputa, pertence ao indivíduo e ao grupo. No sentido singular, ele carrega a experiência e a interpretação de sua vida na temporalidade, e de modo plural, traz consigo toda relação social que permeia a sociedade ao evocar determinado tema.

Por meio da memória coletiva, as experiências compartilhadas de um grupo se tornam parte integrante da identidade coletiva. Essas lembranças podem se referir a momentos históricos importantes, como conquistas, lutas, eventos traumáticos ou marcos culturais significativos. Ao recordar e compartilhar essas memórias, o grupo reafirma sua coesão e conexão com o passado, fortalecendo sua identidade comum. Contudo, a memória individual está ligada à experiência coletiva. Embora a lembrança seja seletiva, ela se integrou a um sistema de compartilhamentos que envolve todo o grupo. A identidade do indivíduo necessita de reconhecimento e reconstrução. O tempo de vida da memória está inserido na proporção em que ela vive tanto no coletivo quanto individual.

Se trabalharmos na condição de que a memória é uma construção de sucessivos acontecimentos que passam por um sistema de interpretação, percebe-se assim que numa formação de consciência de pertencimento social por grupo e por

indivíduo, é o ato de lembrar e de fazer parte daquele contexto que o torna inserido naquela sociedade. Logo, através da memória coletiva, as experiências compartilhadas de um grupo se tornam parte integrante da identidade coletiva. Nesse contexto, Schmidt (2008, p. 193-194, tradução nossa) aborda que:

A lembrança precisa de *ocasiões* e é seletiva por necessidade. O que é lembrado e o que é esquecido depende, antes de mais nada, da gestão da identidade, que por sua vez é dirigida por emoções, necessidades, normas e objetivos. Diante desse playground de possibilidades para a elaboração de lembranças, o ator que recorda e narra deve decidir em uma política de identidade (ou seja, que tipo de gerenciamento de lembrança e narração ele irá realizar) com vários graus de consciência.³⁴

Tal argumento ainda enfatiza dois termos: produção e performance. Para Schmidt (2008, p. 194) a lembrança precisa de “[...] uma *produção* que requer ocasiões, demandas e gratificações, que por sua vez são dirigidas por cognições, emoções e orientações morais e que são especificadas em histórias e discursos”. Nesse sentido, as cognições, emoções e orientações morais desempenham papéis importantes na formação e recuperação das lembranças. As cognições, como as expectativas, crenças e interpretações, moldam a maneira como percebemos e interpretamos os eventos. As emoções também têm um impacto significativo na codificação e recuperação das memórias, pois eventos com alto teor de emoções tendem a ser lembrados com mais facilidade ou silenciados dependendo da imersão do trauma. Além disso, as orientações morais, que são os princípios que guiam o comportamento ético por meio da razão, também podem influenciar a lembrança, por meio de nossas perspectivas e julgamentos morais.

Em relação a “performance”, o autor trata do uso de esquemas narrativos como modos de produção e performance socialmente aceitáveis de lembranças, de instrumentos verbais, como metáforas e imagens, e de simbolizações óticas, como estereótipos ou esquematizações. Desse modo, as narrativas de lembranças são poderosas formas de comunicação que nos permitem compartilhar experiências passadas e dar sentido às nossas vivências. Essas narrativas muitas vezes fazem uso

³⁴ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Remembering needs occasions and it is selective by necessity. What is remembered and what is forgotten first of all depends upon the subjective management of identity, which in turn is steered by emotions, needs, norms, and aims. Facing this playground of possibilities for the elaboration of remembrances the actor who remembers and narrates must decide on an identity policy (that is, what sort of management of remembering and narrating he will perform) with various degrees of consciousness.*

de esquemas narrativos, que são estruturas mentais que organizam e dão forma às histórias que contamos.

Os esquemas narrativos são estruturas que nos ajudam a organizar nossas memórias e a construir uma narrativa coerente. Essa organização permite ao final do processo, compreender a própria existência pela experiência. As metáforas nos permitem expressar uma ideia complexa ou abstrata relacionando-a a algo mais familiar e concreto. E por fim, as imagens, e aqui sendo a partir do mangá, desempenham um papel importante na narração de lembranças. Podemos criar imagens mentais vívidas para descrever pessoas, lugares e eventos, fazendo com que o leitor se sinta mais envolvido na história. As imagens visuais podem tornar as lembranças mais tangíveis e fáceis de serem imaginadas. Assim, o testemunho do horror, à memória "inenarrável", torna por intermédio das imagens, uma conexão mais rápida entre autor e leitor para transmitir as informações.

Assim sendo, as narrativas de lembranças fazem uso de esquemas narrativos, instrumentos verbais como metáforas e imagens, e simbolizações óticas para produzir histórias que permitam serem compreensíveis e passíveis de críticas, nos ajudando a transmitir nossas experiências passadas e compartilhar significados pessoais com os outros, tornando as lembranças mais envolventes e impactantes. Entretanto, a memória precisa do chamado do presente para responder às demandas do presente. As narrativas fazem parte de uma esquematização a qual corresponde, os elementos construtivos da memória.

E para a construção destes esquemas, percebemos a singularidade na qual o mangá de Gen Pés Descalços se encontra. Em sua produção nos anos de 1970, ele traz consigo uma mensagem de pacifismo, ainda que coberto com a violência da guerra em sua narração. A luta diária por sobreviver a uma bomba nuclear é projetada num período em que há conflitos mundiais no Oriente durante a Guerra Fria. Sentimentos antinucleares, ambientais e políticos estavam com grandes proporções na época, sendo enfatizados pelos discursos do pai de Gen, Daikichi, e posteriormente por si próprio. Assim, a figura paterna de Gen, que moldura o primeiro volume, um homem de sentimentos pelo país, mas não pelas ações imperialistas e ideológicas, torna Gen numa criança que se adentra nestes ideais, contribuindo para a narrativa em prol do antimilitarismo. Logo, a obra de Keiji trata de como essa visão pacífica pode moldar o leitor sobre o evento histórico como também, influenciar os japoneses acerca da guerra em sua nova forma de vida.

Um dos jornais mais renomados do Japão, *Asahi Shimbun*, publicou em 17 de fevereiro de 2023, uma matéria sobre o mangá Gen Pés Descalços e sua utilização nas escolas de Hiroshima. A matéria jornalística discorre acerca do conselho municipal de Hiroshima que decidiu remover partes da obra em seus materiais didáticos especiais nas escolas por conter determinadas ações que podem passar despercebidas pelas crianças (Kuroda, 2023). Como alternativa, será colocada testemunho de uma mulher que perdeu familiares durante o processo da bomba atômica no país. No discorrer do texto é falado que cenas como Gen cantando “*rokyoku*”, uma arte cênica tradicional e que geralmente é acompanhada pelo “*shamisen*”, instrumento de três cordas, e pela cena em que pesca carpas na casa de um vizinho, podem trazer uma visão errônea para os jovens estudantes japoneses em sua formação.

Ainda que a obra esteja no currículo da “educação para a paz” de Hiroshima, determinadas cenas agora sofrem um novo olhar. De acordo com o texto, desde o ano letivo de 2013, o conselho de educação publicou o livro didático, chamado “Nota de Paz de Hiroshima”, onde sua utilização se dá na primeira a terceira série do ensino médio nipônico. Contudo, desde 2019 professores pedem uma revisão no material didático e que algumas partes devessem ser trocadas por outro material devido a condição do conteúdo em sua proposta para de fato ser um transmissor de conhecimento sobre Hiroshima na Segunda Guerra Mundial e se de fato, era apropriado para as turmas em questão.

A matéria termina tratando das alterações em 26 das 36 unidades do material especial a ser utilizado a partir do ano letivo de 2023. Essa atualização será colocada nas doze séries desde o fundamental ao médio. No lugar das partes retiradas serão atribuídas novas histórias que tratem especificamente de testemunho. Para a terceira série e primeiro ano do médio haverá duas formas diferentes presentes no material. Primeiro, a história se concentra numa filha que fala da perda dos pais e da irmã mais nova da mãe aos 16 anos no bombardeio atômico, enquanto que a outra narrativa trata do resumo da obra de Nakazawa e um testemunho dele, respectivamente.

Nesta matéria citada acima podemos ver uma batalha pelo passado e seu uso político. A interpretação de uma obra no Tempo Presente como uma disputa pela forma em que ela é representada, atingindo camadas de estudantes mais novos e como eles lidarão com as mensagens por trás do enredo. A substituição da história original do mangá em que determinadas partes são retiradas por outras narrações,

independente do objeto testemunhal em que se colocam, nos mostra a memória histórica sendo conscientemente moldada por propostas que revelam implicitamente um tratamento não genuíno com o passado, na qual o mangá é reverberado como uma fonte plausível para mudar as opiniões acerca do passado e levar ao leitor uma opinião política que seja mais adequada, onde a relação sociedade-indivíduo mais uma vez se torna fragilizada pela forma de lidar com a representação e interpretação da vida e dos eventos no tempo.

Segundo Otmazgin (2018, p.2, tradução nossa), sobre a situação acima:

A decisão do conselho acabou sendo anulada, mas o episódio demonstra as maneiras pelas quais as memórias do passado continuam a assombrar a sociedade japonesa do pós-guerra, passando de questões de livros didáticos e discurso da elite para mangá. Mangá, como um meio altamente popular que é lido por amplas seções de sociedade japonesa, é visto por grupos e indivíduos como um meio eficaz para moldar a memória histórica sem ter que abrir caminho através do discurso acadêmico mainstream que está amplamente fechado diante deles. Enquanto nas primeiras décadas após a Guerra do Pacífico, os mangás normalmente lidavam com a história nacional e internacional, particularmente traumas de guerra, em um forma implícita e indireta, muitas tentativas conscientes foram feitas recentemente por editores de mangá e pelos próprios mangakás (artistas de mangá) eles mesmos usam este meio popular para transmitir mensagens políticas que não são representadas na grande mídia.³⁵

Os mangás se possibilitam como uma ferramenta acessível para explorar questões sensíveis do passado, incluindo os traumas da guerra e a memória coletiva do pós-guerra. Obras como a de Keiji Nakazawa que lidam diretamente com o testemunho e o impacto da guerra na sociedade, buscando por discursos pacíficos ao mesmo tempo que evidencia a política beligerante do Japão, podem alcançar uma ampla audiência, incluindo jovens leitores, e fornecer uma perspectiva alternativa que pode ser negligenciada ou não representada em outros meios de comunicação. Ao usar o mangá como meio de expressão, grupos e indivíduos podem contornar as

³⁵ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *The board's decision was eventually overturned but the episode demonstrates the ways in which memories of the past continue to haunt postwar Japanese society, moving from textbook issues and elite discourse into manga. Manga, as a highly popular medium that is read by wide sections of Japanese society, is viewed by groups and individuals as an effective means to shape historical memory without having to pave their way through the mainstream academic discourse which is largely closed before them. While in the first few decades after the Pacific War, manga had typically dealt with national and international history, particularly wartime trauma, in an implicit and indirect manner, many conscious attempts have been made recently by manga publishers and by mangaka (manga artists) themselves to use this popular medium to convey political messages that are not represented in the mainstream media.*

restrições impostas pelo discurso acadêmico ou pela mídia *mainstream*, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e suas perspectivas sejam compartilhadas.

Essas tentativas de transmitir mensagens políticas através do mangá têm despertado discussões e debates acalorados na sociedade japonesa. Alguns veem essas abordagens como uma forma de reescrever a história ou manipular a memória coletiva, enquanto outros argumentam que é uma maneira legítima de abordar questões históricas e políticas de forma mais acessível e inclusiva. A atitude do conselho municipal de educação da cidade reflete num posicionamento em que a configuração da memória está mais ligada à construção de uma sociedade mais projetada ao futuro sem contornar as limitações e cicatrizes do passado.

Logo, o papel do mangá se torna num disseminador de reflexão sobre o passado ao mesmo tempo que a memória histórica em torno de si se torna uma expressão do passado que pode vir a ser um simbolismo intelectual, se assim podemos dizer, na formação dos leitores. É a sua aproximação com o evento histórico que propicia a disputa entre a representação do passado e a construção da memória nacional em torno dele. Ao lidar com imagens antes de ter o conhecimento de conceitos históricos podem moldar o pensamento de um estudante, assim, contornar com outras narrativas é uma proposta para imbuir discursos nacionalistas.

O mangá de Nakazawa se tornou um ponto específico na qual se redescobre e se interpreta o passado. A contestação das memórias é fruto da busca por tornar o “inenarrável” presente. Assim, as esferas simbólicas que moldam o discurso nacional precisam romper com aquilo que não é convencional. É importante destacar que o uso do mangá, conforme Ito (2008, p. 46) aborda, é muito avassalador no país. O autor menciona que nos anos 2000, um em cada três livros publicados no Japão era um mangá. Ou seja, o gênero está presente em toda sociedade, desde livrarias e cafeterias a aplicativos de celulares para leitura online. As indústrias de quadrinhos lucram enormemente e proporcionam lazer para o povo japonês por meio da leitura, mencionando também, o alto nível de alfabetização do Japão. Nesse sentido,

Na verdade, o mangá é um meio popular feito principalmente para entreter. No entanto, a representação da história no mangá oferece uma perspectiva interessante sobre como o passado é construído e além do mais exemplifica a complexa relação entre história e historiografia. Semelhante ao trabalho de historiadores profissionais, o mangá histórico envolve a construção seletiva de narrativas baseadas na opinião de seu autor, nos detalhes que ela/ele escolhe incluir e aqueles que ela/ele escolhe deixar de fora, o histórico e contexto político no momento da escrita, e o contexto histórico e intelectual

“estilos” da época. Como tal, o mangá fornece suas próprias interpretações de eventos históricos, que podem ser contestados e disputados. No entanto, mangá também é um meio altamente popular com uma gramática distinta e lógica interna composta por pictogramas, texto escrito e molduras visuais, que tem forte potencial para influenciar a opinião de massa. Em outras palavras, no contexto japonês mangá é especialmente importante já que é um mecanismo diário que traduz “história” em memória e experiência coletiva. Como as pessoas que viviam no passado estão tornando-se escassas, os testemunhos diretos são substituídos pela interpretação daquilo que o faz mediação – o texto, os filmes e a própria mangá (Otmazgin, 2018, p.4, tradução nossa)³⁶.

Essa narrativa que envolve a obra de Keiji Nakazawa lida diretamente com a forma que é manipulada/acessada/discutida/averiguada as memórias coletivas da nação. Maurice Halbwachs (2003), sociólogo, discute entre as décadas de 1920 e 1940, trabalhos sobre a memória. Em seu livro póstumo, “A memória coletiva”, trata da memória coletiva e do sujeito. Em suas análises, o autor trata da consciência social a partir da memória. É a relação entre o social e o mental que Halbwachs (2003) trata em sua abordagem do ser humano. Para ele, a memória está inserida no grupo, mas também como parte do indivíduo. O sujeito aqui é tido como referência devido a lembrança que abstrata, pode ganhar a vida, dependendo obviamente, da construção da memória que pode ausentar ou referenciar por meio do coletivo. Assim,

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo (Halbwachs, 2003, p.41).

Ao tratar das memórias coletivas como ferramenta de ensino de história, é essencial que o historiador considere tanto a memória individual dos relatos quanto a percepção coletiva daqueles que vivenciaram o evento em questão. É imprescindível

³⁶ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *Indeed, manga is a popular medium primarily made to entertain. Nevertheless, the representation of history in manga provides an interesting perspective on how the past is constructed and moreover exemplifies the complex relationship between history and historiography. Similar to the work of professional historians, historical manga involves the selective construction of narratives based on the opinion of its author, the details s/he chooses to include and those s/he chooses to leave out, the historical and political context at the time of writing, and the historical and intellectual “fashions” of the time. As such, manga provides its own interpretations of historical events, which might be contested and disputed. However, manga is also a highly popular medium with a distinct grammar and inner logic made of pictograms, written text, and visual frames, which has a strong potential to influence mass opinion. Put differently, in the Japanese context manga is especially important since it is a daily mechanism that translates “history” into collective memory and experience. As people who lived in the past are becoming scarce, direct testimonies are replaced by the interpretation of what mediates it—text, films, and manga itself.*

reunir os fatos e analisar as memórias que ainda estão vivas, buscando entender não apenas as narrativas individuais, mas também como a sociedade como um todo compreendeu e interpretou determinado evento histórico. Se tratando das memórias japonesas de guerra, é necessário compreender como a sociedade lidou e compreendeu esse período histórico. A obra de Nakazawa é uma resposta ao modelo político adotado frente ao passado, tendo assim, através das narrativas individuais de pessoas que viveram durante a guerra, como ele, uma proposta de reflexão para as experiências e interpretações do passado.

É preciso mencionar que o grupo/coletivo se dá como referência ao indivíduo quando este faz parte da comunidade em questão. A ideia de pertencimento a um local, detêm a maneira como este interage e molda a partir da experiência que tem com determinado grupo. Para Halbwachs (2003) é esta experiência que reflete na transformação das imagens em memórias. É o sentir pertencente ao grupo, o compartilhar, ainda que não seja físico, mas mental, que constitui numa afetividade capaz de forjar as memórias que fazem parte deste grupo em questão. Assim, Hiroshima é compartilhada por meio do mangá escrito e desenhado pelas memórias de Keiji Nakazawa que contém toda essa relação e identificação com o grupo, sejam elas os afetados pela bomba, os sobreviventes sem mácula, os japoneses em si e a geração futura, todos envolvidos em um passado que necessita ser compartilhado para reconhecer e reconstruir, dois termos usados pelo autor para tratar da sociedade ao passo que atualiza as lembranças da guerra pelo mangá, interagindo com o seu grupo, pois:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 2003, p. 39).

A argumentação do autor ressalta a importância do reconhecimento e da reconstrução da memória. Segundo o autor, não é suficiente que as memórias existam apenas como lembranças isoladas, elas devem estar em constante diálogo com o indivíduo e com o grupo ao qual pertence. Em relação ao reconhecimento, o autor destaca que as memórias devem ser reconhecidas tanto a nível individual quanto

coletivo. Isso significa que elas devem ser valorizadas e compartilhadas pela sociedade em que estão inseridas. Esse reconhecimento trata do sentimento de lembrar novamente aquilo que já aconteceu. Além do reconhecimento, o autor também enfatiza a necessidade de reconstrução da memória. Isso implica em interpretar e contextualizar novamente as memórias à luz das relações sociais presentes. A reconstrução da memória envolve um processo contínuo de dar significado às experiências passadas, relacionando-as com o contexto atual. Essa reconstrução se dá pela evocação da memória para atingir determinado interesse. E quando são experiências traumáticas?

Em sua pesquisa intitulada “Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história”, Rüsen (2009) aborda sobre as questões envolvendo memória e pensamento histórico. Em sua análise, o autor percorre diversos conceitos onde pairamos sobre a “crise catastrófica”. É neste termo que nos atentamos para a ideia de trauma a partir do testemunho. É por ele que entendemos a relação da consciência histórica com a memória histórica, ainda que seja uma forma desta, para analisar as experiências vivas do passado, ao ponto que nesta temporalidade específica, seja atribuído ao passado a sua formalização histórica enquanto memória viva. Assim,

Uma “crise catastrófica” destrói o potencial da consciência histórica de processar a contingência em uma narrativa portadora e provedora de sentido. Nesse caso, os princípios básicos da geração de sentido em si mesmos, que permitem a coerência da narrativa histórica, são desafiados ou mesmo destruídos. Eles precisam ser transgredidos em um aqui e agora cultural ou mesmo abandonados. Por isso, é impossível dar a essa crise um lugar na memória daqueles que precisam sofrê-la. Quando isso ocorre, a linguagem do sentido histórico silencia. Ela torna-se traumática. Leva tempo, algumas vezes mesmo gerações, para se encontrar a linguagem na qual seja possível articulá-la (Rüsen, 2009, p. 171, grifo do autor).

A reconstrução do trauma pelo testemunho encontra na narrativa uma construção de sentido que ao recorrer ao passado para tratar de reconstrução pessoal e de problema sociais, encontra na fala - e aqui numa narrativa imagética - a possibilidade de demonstrar a singularidade do evento. Então a narrativa torna-se parte da consciência histórica quando recorre à lembrança um atesto do passado enquanto se torna vivo no presente ao ser invocado. A consciência histórica não lida somente com o passado, o presente e o futuro também são relacionadas enquanto houver uma representação das ações no tempo e na perspectiva que este ocasionará no futuro, nesse caso, o fardo das experiências traumáticas da Segunda Guerra

Mundial na sociedade. Assim, a memória é parte inerente da consciência histórica porque lida com o indivíduo e com o grupo e a orientação do ser humano faz parte enquanto mantém este elo no presente. A narrativa contribui para dar significado à própria identidade humana.

A narrativa histórica dá sentido ao passado enquanto ela mesma dá articulação e formação ao presente. A junção entre pertencimento e reconstrução que Halbwachs aborda perpassa por um olhar mais crítico do sujeito enquanto produtor de sua narrativa que é pautada sobre suas memórias num sentido de orientação e interpretação destas lembranças no presente. Só assim o vislumbre do futuro é possível pois não lhe falta o referencial do passado já que para a memória é inerente ser ligada a continuidades temporais, onde se mantém viva num abstrato que lhe é particular.

Pollak (1989) aborda sobre o pertencimento da memória na elaboração do passado. Para o autor a memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. A nação assim, é um lugar de pertencimento porque também atua como reconhecimento e reconstrução. Quando há o referencial do passado, não há caminhos sem coesão para o próprio grupo que é conectado. Assim, o mangá se torna um referencial que é mantido pelo testemunho do autor, ao mesmo tempo que se coloca como um discurso do passado para ser referência para sua sociedade.

O mangá atua como uma memória permanentemente viva onde capta o sentimento de pertencimento do indivíduo ao passo de conjuntamente ser ponto de referência social para aqueles que compartilharam da mesma experiência traumática e os que são afetados por ela independente de ser da geração familiar ou social. A ideia é entender porque como estas imagens no mangá podem transmitir aquilo que almeja já que o presente precisa da coesão do pertencimento do passado assim como cada grupo tem sua memória coletiva experimentada.

Conforme Pollak (1989) aborda, a memória é seletiva. Para tratar de um “trauma coletivo” ou de uma “história sensível”, há três elementos constitutivos da memória, que o autor discute em seu artigo Memória e Identidade Social (Pollak, 1992), que são: **acontecimentos**, **pessoas/personagens** e **lugares**. É adequado mencionar que tais elementos são pautados a nível individual e coletivo. Assim, reforça a teoria de Halbwachs (2003) quando discute sobre os grupos terem sua

memória localmente definida e representada, pois ainda que haja uma memória individual, ela também faz parte da coesão de seu grupo.

Tomando essa referência como base, o que Pollak (1992, p. 201-202) realmente quer dizer sobre estes conceitos? De início, os **acontecimentos**, são os eventos que se presenciam e vivem pessoalmente. Nesse caso, Keiji Nakazawa enquanto criança presenciou as bombas em Hiroshima e o horror de suas consequências social, ambiental, física e psicológica. A experiência do evento, levou através do acontecimento, o trauma pela quantidade de perdas e consequências. A interpretação do autor pelo evento é marcada não somente pela identificação com o passado, e sim pela tentativa de moldar o presente com a projeção deste passado como condutor de uma socialização histórica em sua sociedade. O mangá se insere como um lugar de discurso que problematiza e ensina sobre o tempo passado com um ideal pacifista e humanitário em que se objetiva pela construção de um conhecimento de sua sociedade por meio de um dos maiores produtos culturais, que é o mangá. Dentre os termos, temos **pessoas/personagens** que tratam de personagens que são encontradas no decorrer da vida ou que não necessariamente o encontramos no nosso espaço de vida, mas que fazem parte de nossa contemporaneidade.

Essa proposição de Pollak é pertinente porque acaba mostrando o quão social a memória pode ser no que tange o pertencimento a um grupo. Como Halbwachs (2003) discute, independente do indivíduo, a sua memória faz parte de um contexto social e que tem relação com o passado que constantemente se faz presente e que gera um sentido de pertencimento. A memória é carregada de sentimentos e o mangá de Keiji Nakazawa é um recurso metodológico baseado numa interpretação histórica do fato. Como produto cultural do país, a obra acaba sendo uma narrativa baseada numa catástrofe que possibilita interpretar e se orientar ao longo do tempo, construindo assim, uma concepção de história produzida sobre uma dimensão cognitiva e que formam uma identidade mediante a uma perspectiva interpretativa temporal.

Rüsen (2015), em sua obra “Teoria da História”, aborda em um capítulo específico, sobre os fundamentos da cultura histórica, isto é, o pensamento histórico na vida humana, onde emerge das carências de orientação e assim, consegue manejar o passado. Contudo, a cultura histórica é capaz de viabilizar as experiências passadas quando se pode interpretar o agir e sofrer do homem, cabendo assim,

entender a vida e vislumbrar futuro, logo a memória emerge como uma manifestação que é suscitada pela e para a consciência histórica. É importante frisar que a identidade é moldada pela memória histórica e consciência histórica, na qual o terceiro elemento constitutivo de Pollak, os **lugares**, é um termo que propicia dimensionar o mangá como um lugar particular da memória que traz o passado para ser manifestado no presente.

Pollak (1992), quando traz a ideia de **lugares**, menciona sobre lugares de memórias, vinculados à lembrança. Essa memória é particularmente marcante e se insere no contexto individual, mas pode ser pública a partir da experiência ou forma como ela foi propagada. Estes lugares de memória são formas de manejo do passado e se constituem como parte fundamental da orientação temporal do indivíduo e de seu grupo social. Nora (1993) aborda que os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea e que é necessário criar arquivos, ou seja, é essencial criar vigilância sobre a memória para que ela não se dissipe. Então, o mangá pode ser um lugar de memória?

A história em quadrinhos quando trata de questões sensíveis nos possibilita ver a história ou a representação do passado de uma outra maneira. Mesmo sabendo que uma obra testemunhal possui posições políticas e ideológicas, elas carregam mensagens que afetam nossa percepção do passado. Entretanto, este passado não pode somente ficar em sua temporalização e sim utilizar deste tempo em específico para as demandas do presente.

As imagens, as falas, os gestos, as cores, por exemplo, produzem sentido e geram valor como objeto de estudo. Logo, a história em quadrinhos é um produto com significações que traz a ideia de um visível (o próprio contexto da obra) e invisível (o que está por trás da obra e precisa ser analisado à luz da historiografia) para ser debatido. A representação de um trauma evoca ou deixa ausente um passado a partir da seleção de imagens que se utiliza no enredo. O imaginário da obra faz parte de um processo de expressão do pensamento, sendo o mangá um produto que discursa principalmente por imagens, trazendo as lembranças de um trauma e a experiência e interpretação deste, como uma definição mais próxima da realidade.

Todavia, a consciência histórica que atua tanto na experiência quanto na interpretação, tem a memória como um fenômeno inerente a seu processo conceitual através do entendimento humano acerca de seu passado. O trauma é visto como uma situação limite que molda a identidade humana e a percepção do homem no seu

entendimento da vida. Se pensarmos nas consequências disto, a escrita de Gen Pés Descalços é uma resposta a um desgaste psicológico e de grande quantidade de emoções que podem oprimir gerando o silenciamento/esquecimento ou permitir um encorajamento ao testemunhar.

Rüsen (2022) em seu livro “Cultura Histórica, Formação e Identidade”, dedica alguns capítulos em especial para tratar sobre memória, consciência histórica, trauma e luto. É oportuno frisar que o trauma é um tema fundamental de um passado-recente no que compete ao entendimento da história humana por meio da orientação e interpretação de sua vida ao longo do tempo. Logo, o tempo é fundamental para entender as narrativas de vida que propõem a explicar, por exemplo, o conceito de *burdening history* (histórias difíceis) proposto por Borries (2018). Assim, as “histórias difíceis” se conectam através da consciência histórica e cultura histórica quando estudamos a sociedade e sua forma de compreensão do mundo e é pela memória que a análise do passado se torna imprescindível quando precisamos a partir do presente, vislumbrar possíveis futuros.

Desse modo, Rüsen (2022) instiga o debate acerca das experiências traumáticas do século XX, em particular do Holocausto, no que se compete aos desafios que esta experiência proporcionou e que para o autor, tal fenômeno ainda não recebeu uma resposta convincente. Destarte, enquanto pesquisa e narrativa contemporânea, o Holocausto necessita, segundo o autor, examinar seu caráter traumático e catastrófico para abordar sua interpretação histórica. Contudo, a ideia de Rüsen (2022) não se aplica somente ao Holocausto enquanto fenômeno, e sim, fenômenos semelhantes e que fincaram sua forma destrutiva na sociedade. Desse modo, Hiroshima é uma experiência histórica traumática tanto para o Japão devido às bombas nucleares quanto para o Tempo Presente, para tratar das ressignificações do acontecimento, onde determinada catástrofe moldou as políticas externas do país e sua identidade nacional.

A ideia do autor remete a três formas de apreender o passado, que são: uma **normal**, uma **crítica** e uma **catastrófica** ou **traumática**. Neste estudo, nos apropriamos do último conceito pois remete a uma experiência única, que por sua forma particular,

[...] destrói a capacidade da consciência histórica de integrar acontecimentos passados em uma história que faça sentido. Nesse caso, são postos em

xeque os próprios critérios de sentido que, usualmente, garantem a coerência de uma narrativa histórica (Rüsen, 2022, p. 91).

A memória assume a função de acesso à experiência do passado. Uma linguagem particular condicionada a ser desafiada no presente a rememorar o passado para que se possa entendê-lo, para encontrar uma resposta às experiências traumáticas que por serem histórias difíceis, negativas, se apresenta como o elemento para trazer o acontecimento “inenarrável” à luz. A experiência traumática e genocida de Hiroshima é inexorável no que se confere a sua estrutura histórico-temporal, tal como o Holocausto, e serve como paradigma, assim como a exterminação dos judeus pelos alemães.

Todavia, como experiência mais significativa para o povo japonês, o entendimento das bombas nucleares possibilita tratar tal fenômeno como problema fundamental do Ensino de História ao buscar engajar a sociedade com a temáticas das históricas sensíveis/vivas. O mangá Gen Pés Descalços cria um sedimento capaz de preservar a memória enquanto orienta a sociedade sobre seu passado, elaborando uma constituição histórica do sentido do seu tempo, proporcionando formar identidades humanas.

Alexander (2012), sociólogo, em seu livro “*Trauma: a social theory*”, propõe uma “teoria social do trauma cultural”. Em sua pesquisa, propõe analisar como os grupos infligem ferimentos a outros grupos e como tais sequelas são interpretadas e afetam suas percepções. Ou seja, como o sofrimento é recebido, quais emoções são concebidas durante o processo e quais respostas à experiência são desenvolvidas. O que Alexander (2012) instiga a pesquisar é uma sociologia cultural de uma trauma coletivo com base na forma em que as sociedades se estabelecem diante de um processo sensível.

O autor continua sua análise tratando dos traumas como uma construção simbólica e emocional que são pautadas pelas experiências individuais e principalmente coletivas, visto que o tecido social após um contato com um trauma, pode afetar a sociedade, causando feridas em sua estrutura identitária. Nesse ponto, o mangá seria uma representação dessa construção simbólico-emocional que atua como um processo projetado a transformar moralmente os japoneses ao passo que lida com o passado por meio de imagens e discursos que canalizam o sofrimento e trazem a mensagem pacifista em seu seio.

A história de Hiroshima contada por Nakazawa é fruto de uma resposta social aos processos externos em que o país estava lidando no que se refere à política e conflitos externos enquanto ainda permanecia fragmentado/dividido diante da postura governamental durante e após a ocupação dos Estados Unidos. Logo, a obra de Keiji além de ser uma crítica antiguerra é um produto material carregado de simbolismos que atuam no processo de identidade nacional acerca do conhecimento do passado. Assim,

O trauma cultural ocorre quando os membros de uma coletividade sentem que foram submetidos a um evento horrendo que deixa marcas indeléveis em sua consciência de grupo, marcando suas memórias para sempre e mudando sua identidade futura em aspectos fundamentais e maneiras irrevogáveis (Alexander, 2012, p. 6).³⁷

O trauma é uma experiência que não se apaga socialmente das memórias coletivas e deixa cicatrizes profundas no psicológico do ser humano. A prática do testemunho é poder aliar a narrativa e a representação do passado. Obviamente, abre diversas discussões para propor lócus teórico acerca da escrita da narrativa e sua consciência no que condiz entre o dizível/visível e o indizível/invisível na forma em que a experiência é compartilhada. Todavia a dicotomia que o testemunho exerce na forma de HQ/mangá se dá pela própria linguagem autônoma do gênero e a forma de narrativa empregada. A materialização do passado pelo trauma em mangá é uma tentativa de elaboração do passado, onde dialoga com a questão psicológica e histórica em expressões silenciadas ou testemunhadas.

Keiji Nakazawa (2011a; 2011b) em *Gen Pés Descalços* se torna a voz de seu testemunho porque valida a própria história. É uma questão singular de prestar conta à sociedade a forma como as memórias do passado eram manipuladas. Essa validação produz uma documentação sobre o ocorrido e torna o passado ampliado para sua compreensão. Conforme Alexander (2012, p. 6) discute sobre o conceito de “trauma cultural”, o autor menciona que “[...] é um fenômeno empírico, conceito científico, sugerindo novas relações significativas e causais entre eventos, estruturas,

³⁷ *Cultural trauma occurs when members of a collectivity feel they have been subjected to a horrendous event that leaves indelible marks upon their group consciousness, marking their memories forever and changing their future identity in fundamental and irrevocable ways.*

percepções, e ações previamente não relacionadas”³⁸. Contudo, não quer dizer que não haja uma responsabilidade social sobre o trauma, o compartilhamento dele além de expandir o sofrimento da experiência sensível, permite o reconhecimento da dor e a busca pelo tratamento do ocorrido.

Agamben (2008), em seu livro “O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (*Homo Sacer III*)”, já discutia a ideia do testemunho como documentação histórica ao analisar a relação entre narrativa e testemunha no campo de concentração de Auschwitz, propondo através de Primo Levi, sobrevivente, uma reflexão sobre o ato de narrar o “inenarrável”. Assim, conhecer os trâmites da Segunda Guerra Mundial e na relação humanista da relação com o próximo, para desenvolver uma atitude reflexiva entre o eu e o outro, permite uma construção ontológica através da rememoração onde a narração traumática conduz a uma reflexão e responsabilidade com o *outro*, a experiência agora é compartilhada na organicidade da sociedade.

As ressonâncias do testemunho que sempre recaem sobre Segunda Guerra Mundial e Holocausto, devido a filmes, séries, HQ e pesquisas acadêmicas de fôlego, também se mostra versátil ao evidenciar que a problemática do trauma é uma questão sensível para todos contextos em que envolvem histórias difíceis. Hiroshima é tão fundamental quanto qualquer outra experiência traumática onde envolveu conflitos de guerra, índice elevado de mortes e dizimações de cidades. Por exemplo, os sobreviventes foram marginalizados pelas consequências da bomba, houve um período de tentativa de esquecimento/silenciamento do ocorrido, e do ponto de vista do testemunho, uma larga produção que trata da visão japonesa do fato, na qual concede fontes documentais para tratar da Segunda Guerra Mundial em sala de aula.

Rüsen (2002, p. 92-93) fala que as experiências traumáticas não fazem sentido algum porque aniquilam as concepções de sentido. A orientação humana fica perturbada e somente uma interpretação pode superar tal fato. Um evento que está além da condição humana e que precisa processar, interpretar, para depois se orientar na vida. As carências têm que ser suprimidas de modo que haja uma resposta ao trauma. O mangá foi uma solução que produz uma identificação ao passado ao esclarecer as temporalidades que a sociedade se situava. Um passado não resolvido,

³⁸ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: [...] is first of all an empirical, scientific concept, suggesting new meaningful and causal relationships between previously unrelated events, structures, perceptions, and actions.

um presente incógnito e um futuro sem perspectiva. Keiji Nakazawa foi um homem contemporâneo quando emergiu as memórias da guerra para trazer a sua significação. Ele não se ausentou do discurso enquanto testemunha mas possibilitou evocar as reminiscências que outrora estavam invisíveis.

Nesse sentido, torna-se necessário entender a importância das experiências traumáticas para o Ensino de História para que haja uma aprendizagem histórica por parte dos estudantes em seu desenvolvimento da consciência histórica. A relação passado-presente ou passado-recente se intensifica paulatinamente em sala de aula, demonstrando sua importância para a compreensão da realidade social das ações do homem no tempo, onde os estudantes podem entender o fato histórico em suas múltiplas interações: político, cultural, social, econômico e religioso.

Quando propomos entender eventos traumáticos no Ensino de História, se refere a forma com que os alunos compreendem os conteúdos de História, como também, como produzir esse conhecimento em sua formação. Os livros didáticos são somente o único meio de ensinar História em sala de aula? A contribuição dos mangás sobre um evento histórico influencia diretamente na dinâmica do assunto em questão. Um documento autobiográfico que se utiliza de imagens e narrativa de um trauma, nos mostra quais possíveis representações da história podemos ver, além do que seria a verdade na história.

Portanto, o ensino de uma história sensível, a partir de uma memória que produz uma consciência histórica é fundamental para entender as demandas do Tempo Presente. A obra *Gen Pés Descalços* é um produto cultural que remete a uma apreensão individual sobre uma experiência rememorável, mas traumática. É com essa interpretação da Segunda Guerra Mundial no Japão que propomos discutir os usos do passado por meio do mangá através da Aprendizagem Histórica.

4 A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NA SOCIEDADE

A Didática da História a partir dos estudos didático-histórica alemã tem permitido nortear seu conceito de modo que enquanto disciplina especializada, seu código disciplinar orienta a teoria e a práxis do historiador (Szlachta Junior, 2021). A partir dos anos 2000 seu conceito e área de atuação tem sido ampliado e questionado, respectivamente, para que seu objeto de investigação, a consciência histórica, possa ser analisada por meio de sua constituição na sociedade. Antes de debatermos o que seria a consciência histórica e como está associada ao ensino de história, buscamos trabalhar os meios em que a didática da história opera para mapearmos como o mangá pode vir a ser uma fonte para a aprendizagem histórica.

Saddi (2012) ao analisar o objeto de pesquisa e campo de atuação da didática da história, nos revela as reduções em que se encontra, como também, a partir de sua configuração como disciplina da ciência histórica, os meios de sua ação para a história. Nesse caso, abordaremos seu campo de investigação para entendermos como a utilização do mangá é importante para se debruçar a respeito da consciência histórica na sociedade.

Para o autor, há três campos na qual a didática da história atua. O primeiro campo se refere ao ensino escolar de história, onde o ser humano analisa as formas vivas do passado, onde professor e aluno tem sua consciência histórica formada pelos meios sociais e a didática atua para interrogar as necessidades/funções do ensino escolar de história antes da práxis do ensino (Saddi, 2012). O segundo campo compete a partir da ciência da história numa análise reflexiva dos historiadores na didática presente na sua práxis, sendo indispensável devido a sua racionalidade no produto da pesquisa e da metodização das fontes com a ciência histórica, que trata de análise empírica produzindo uma orientação temporal e relevância da investigação. Por último, do uso público da história, que trata dos elementos extraescolares e extracientíficos da consciência histórica. É deste último ponto que buscamos debruçar a investigação da consciência histórica nos meios de comunicação de massa e como o mangá se insere neste contexto.

Entendemos que a materialização do conhecimento da história está além do espaço escolar onde a disciplina atua. A formação do conhecimento extraescolar que confere aos sujeitos a partir de instituições, discursos e mídia se configura como aprendizado social que vai além das paredes da escola e além da produção científica

com base numa teoria da história racional. Não há filtro para este tipo de aprendizado porque está imerso na sociedade quando socializamos. Mas a questão é como a consciência histórica atua neste processo em que a produção do conhecimento histórico fora da escola e da ciência histórica exerce influência sobre os indivíduos.

Quando tratamos de uso público da história é necessário compreender que toda concepção de temas históricos é tratada sob diversos prismas. Primeiro, o presente é um espaço onde se discute as formas de compreensão do passado e se projeta futuro. Nesse caso, os temas históricos a qual debruçamos na sala de aula ou nas universidades, se tornam alvo de disputa em torno de sua narrativa. Quem debateu? Em que veículo institucionalizado? Quais públicos pretendiam alcançar? Quais ideias foram tratadas e objetificadas?

Em segundo, qual a relação entre interpretação e experiência se deu nessa relação de autocompreensão do presente sob afirmações históricas e o interesse em pautar determinada narrativa? Se a temporalidade é a questão, então discutir uma didática da história pública é perceber quais memórias estão em disputa pois a determinação de diversos sujeitos em mediar temas históricos, é por uma centralidade política. Logo, a consciência histórica é o conceito que permite entender as estruturas sociais que lidam com as ações sobre o passado (Bonete, 2013).

Como objeto da didática da história, a consciência histórica atua numa compreensão do passado por parte dos indivíduos a partir de sua experiência e interpretação. É a capacidade de garantir e moldar uma identidade histórica nos sujeitos de modo que perceba a História como um processo em que as ações ou o agir sob esta compreensão lhe garante a possibilidade de intervir historicamente e socialmente. Segundo Rüsen (2010, p. 56-57):

A consciência histórica será analisada como *fenômeno do mundo vital*, ou seja, como uma forma da consciência humana que está relacionada imediatamente com a vida humana prática. É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.

A argumentação de Rüsen em exprimir que tais operações mentais se dão pelo âmbito da interpretação e experiência, trata unicamente da constituição da consciência histórica e dos fenômenos comuns do pensamento histórico. O pensamento é inerente e habitual a todo homem e precisa ser visto inserido no agir

do indivíduo em sua vida corrente. É nesse sentido que a consciência histórica se manifesta, quando há a interpretação na capacidade de pensar historicamente o cotidiano e no agir do homem. É pela consciência histórica que se entende o que é a história como ciência e sua necessidade na vida prática humana.

Conforme abordado anteriormente, Koselleck (2006) ao tratar dos tempos históricos nos mostra que entre "espaço de experiência" e "horizonte de expectativa", há a reflexão do historiador sobre seu ofício. Evidentemente que ambos conceitos são categorias antropológicas - se assim podemos dizer - de tratar o tempo na sociedade ao analisar sua historicidade. Ao partir do presente como centro temporal, ele analisa em como o passado está referenciado no presente e como este presente projeta futuros. A ideia de Koselleck (2006) é que ambas categorias podem ser aplicadas em qualquer sociedade humana. Rüsen aborda que a consciência histórica é inerente ao ser humano. Então, todo ser humano ao compreender seu passado e interpretá-lo, dá sentido à sua vida no presente, construindo assim, indagações sobre futuros. E como se constrói ou se constitui este sentido? Através do pensamento histórico.

O pensamento histórico é uma articulação da consciência histórica. Para Rüsen (2015), há quatro operações mentais da constituição de sentido: percepção; interpretação; motivação e orientação. São articuladas e auxiliam a interpretação do homem e do mundo mediante um processo temporal que torna possível o ser humano se comunicar tendo como centro a sua experiência do mundo que articula no seu agir e sofrer. É necessário entender que a história surge não pelo amontoado de eventos que percorrem a linearidade da vida humana e, sim, da interpretação e análise deste passado. Sem entender tais fatores o homem carece de orientação cultural.

A história escolar, além de já ser carregada de elementos políticos em seu currículo, os temas históricos são analisados e colocados aos estudantes de modo que muitas vezes se tornam conteúdos para aprovação, sem uma teoria que permita o desenvolver do pensamento histórico individual. Ao pensarmos nestes estudantes, e entendendo que o homem só vive no mundo se o interpreta, como formar criticidade em sala de aula de modo que o indivíduo entenda a formação cultural a qual está vinculado?

O pensamento histórico constitui o sentido pela qual os homens produzem relação com o outro e consigo por meio de intencionalidades geradas pela experiência e interpretação. Assim, quando pensamos numa situação limite, qual sentido é colocado sobre o evento? Borries (2018) analisou como o *burdening history* na

sociedade alemã sob o debate do Nazismo seria uma perspectiva conceitual para entender temas socialmente vivos, difíceis ou sensíveis na sociedade. O agir é devido a orientação temporal da vida prática e é indispensável interpretar o tempo para agir com sentido. Dessarte,

Sentido torna possível a orientação. Ele situa a vida humana no horizonte das interpretações; torna o homem e o mundo compreensíveis; possui uma função explicativa; forma a subjetividade humana no constructo coerente de um “eu” (pessoal e social); torna o sofrimento suportável e fomenta o agir pelas intenções (Rüsen, 2015. p. 42).

O pensamento histórico se dá pela constituição de sentidos, então, como desenvolvê-lo? Por meio da interpretação do mundo em suas relações sociais, dos sujeitos históricos e grupos sociais e da cultura desses sujeitos. Não basta entender a si e o mundo, tem que interpretar. Precisa dar conta de seu passado, seja ele “difícil” ou não, mas que esse conhecimento histórico que circula através da cultura histórica da sociedade, carregada de interesses, memórias e exposta em esferas midiáticas, por exemplo, permita a construção de significados e sentidos frente ao passado no presente.

É cabido mencionar que as narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial e seus eventos no Oriente partem da perspectiva sobre a cognição dos alunos frente a um evento histórico e sua compreensão do passado, ao mesmo tempo que busca quais razões e causas determinado tema histórico é percebido no contexto escolar e fora. Assim, o uso público da didática da história por meio do mangá irá ser analisado sob as habilidades dos estudantes em refletir/perceber sobre sua experiência individual aos temas históricos trabalhados na escola e visto nos espaços públicos, como também, quais papéis desempenham frente a compreensão histórica do passado e das ações no presente a partir da interpretação.

Compreender o passado e agir sob uma orientação cultural faz da consciência histórica um campo transformador intelectual das representações e interpretações humanas sobre sua vida prática quando se há experiência nessa relação consciente do tempo onde o sentido desta experiência desenvolve a competência de interpretação e orientação cultural. Os seres humanos sempre precisaram dar sentido a suas ações. É inerente a eles produzir sentido sobre si e o outro. Está além de elementos biológicos, mas culturais e sociais. É na narração que o ser humano se compreende pela necessidade de interpretar, onde a consciência histórica produz o

sentido da vida. A formação da identidade humana e histórica se dá pela ponte passado-presente-futuro na assimilação do conhecimento histórico. As mudanças frente a ação são importantes na medida em que as memórias e as intenções e expectativas humanas formam a identidade, pois

A necessidade de entender a possibilidade e limites de ação é o que traz ação histórica para a província da consciência histórica. Consciência histórica pode até mesmo ser redefinida como a compreensão que coisas mudam ao longo do tempo em modos bem fundamentais – que mundos são feitos e desfeitos –, que pessoas comuns desempenham um papel na mudança histórica e que orientar a si mesmo em relação à mudança histórica é uma tarefa central para todas as pessoas (Seixas, 2012, p. 548).

O *burdening history* trata do conflito por uma história difícil e que os sentimentos de culpa, vergonha e medo são atuantes. De mesmo modo, a mudança é um caminho que através da compreensão do passado pelo presente, objetiva um futuro em esperança/vislumbres. É a ação pela interpretação que busca relevância para a vida e que faz desta história difícil, de conflitos e represálias, um objeto fundamental para a consciência histórica. É aqui que as experiências que precisam ser interpretadas, necessitam se relacionar não apenas consigo, mas com o outro, este outro que emerge e lidará com memórias históricas em disputa e que precisam ser compreendidas para permitir uma aprendizagem histórica.

Indagar as histórias difíceis requer se atentar às diversas particularidades em cada sociedade. Os discursos, sejam eles em prol de uma análise mais profunda nos temas sensíveis ou no revisionismo, precisam ser validados pela história a fim de permitir melhor entendimento do mundo e de si na construção de competências que visem o desenvolver do pensamento histórico em seus vários contextos. É uma relação entre teoria e prática que visa estabelecer necessidades de normas e conceitos que tornem o passado ao ser narrado historicamente e previamente racionalizado um produto do pensamento histórico.

Essa compreensão do passado através de uma comunicação cultural do presente permite a consciência histórica ser princípio organizador da vida prática humana por meio de sua memória histórica onde atua como um processo/teoria da aprendizagem histórica na aquisição de competências que são fundamentais para a vida prática onde são adquiridas capacidades para agir por meio da relação com o presente sob um olhar do passado.

Conforme abordado por Rüsen (2010), os homens têm que interpretar o mundo e a si. É o agir do homem diante do mundo na qual precisa tomar posse de suas intenções para haver a produção do sentido. Esse sentido, conforme visto, permite a orientação por meio das experiências do tempo, na qual se desenvolve parâmetros para o indivíduo sobre o seu agir e sofrer. Ele está centrado sobre o tempo, podendo este ser um obstáculo ou não para o homem, a partir de como suas intenções são feitas ou se se opõe a ele. O homem busca dominar o tempo para que haja transformação nele e no mundo ao seu redor.

Se é preciso interpretar as experiências para que não haja uma perda de si no processo de intenção sobre o tempo, pretende-se formar uma coesão no pensamento de modo que haja coerência no processo de especificar como a constituição de sentido sobre o tempo produz um pensamento histórico e conhecimento histórico científico. Assim, se a consciência histórica são operações mentais, uma forma de interpretar a experiência pela vida prática é a narrativa histórica. De acordo com Rüsen (2010, p. 61) ao tratar sobre a narrativa histórica, o autor afirma que é o “[...] resultado intelectual mediante o qual e na qual a consciência histórica se forma e, por conseguinte, fundamenta decisivamente todo pensamento-histórico e todo conhecimento histórico científico”.

A narrativa enquanto constituição de sentido sobre a experiência no tempo lida com duas vertentes: as lembranças para interpretar as experiências do tempo e pela memória induzida na narrativa histórica ao rememorar o passado no presente para perspectivar futuros. Nesse sentido, as narrativas são formas de representar as ações do homem quando o interpreta e produz sentido sobre a vida diante das mudanças a qual cada indivíduo está submetido no tempo. Assim a narrativa enquanto resultado intelectual da consciência histórica, é uma articulação temporal que inicia na experimentação do passado, compreender o presente sob a ótica da interpretação e orientar-se no tempo de modo a projetar futuros. A narrativa permite por meio da consciência histórica, o desenvolvimento da identidade.

A identidade trata da forma como o homem se vê ligado com seu grupo. Como a construção social ao longo do tempo tem permitido desenvolver um pensamento histórico que os torne pertencente ao outro. As narrativas não se constituem somente por discursos, como também, por imagens, símbolos e palavras que visem processos reais sobre os sujeitos e suas ações. A consciência histórica não é memória apesar

de estar envolto nela. Contudo, é por meio da memória que os homens tomam impulso pelo passado a fim de dar dimensão às suas interpretações.

4.1 O ensino de história por meio do mangá

A utilização das HQ em sala de aula vai além da discussão sobre determinada sociedade e os desdobramentos políticos, sociais, culturais, religiosos e ambientais. Como fonte, é um documento que possui um posicionamento em sua narrativa e que pode ser interpretada historicamente. Contudo, o seu uso proporciona entendermos a identidade cultural e memória histórica do autor e de sua sociedade no tempo de escrita e durante os fatos no passado, ou seja, o sentimento pertencente ao grupo.

Contudo, os quadrinhos japoneses ao tratar da Segunda Guerra Mundial, podem fornecer diversas estratégias para construção do conhecimento histórico em sala de aula. O primeiro ponto trata da memória histórica a qual está submetida na forma de experimentação do passado e do agir do homem diante das mudanças a qual o mundo lida. Segundo, a narrativa histórica é uma forma de problematizar e dialogar o ensino de história nas escolas de modo que os alunos possam refletir sobre o conhecimento do passado a partir de suas problematizações no presente. O desenvolvimento da consciência histórica permite ir além da conceituação do termo Segunda Guerra Mundial, construindo um conhecimento sobre a construção de sentido das experiências históricas dos estudantes e da memória histórica a qual é experimentada e interpretada por ele.

Rousso (2014), fala sobre a globalização das memórias devido a eventos traumáticos e de um espaço público mundial para a recordação, onde passado, presente e futuro possam coexistir unificados. Para ele, nesse mundo globalizado, a testemunha assume um papel importante na consciência dos crimes do passado. Evidentemente que o passado de um conflito como foi para o Japão, não possui um corpo fechado na temporalidade do fato, mas fenômenos como reparação do passado, buscam uma uniformização das práticas políticas na questão democrática, como também, seu uso em sala de aula fornece construções de problemáticas referente a interpretação do passado que possibilite sua aplicação na aula de história. Para o autor,

[...] a Segunda Guerra Mundial, no sentido amplo do termo, forma não apenas uma matriz histórica comum aos dois continentes, mas constituiu, tanto na Ásia como na Europa, um acontecimento central na história recente cujos efeitos se fazem ainda sentir, não apenas no plano da memória, mas também num plano político e social, e mais ainda no plano das relações regionais e internacionais (Rousso, 2014, p. 268).

Em relação a obra *Gen Pés Descalços*, a fim de tratar as memórias de Keiji Nakazawa em relação a sua produção do passado e o modo de sua interpretação da experiência como sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, o mangá é um produto da consciência histórica do autor que fundamenta as lembranças num produto cultural que é viabilizado como uma narrativa histórica. Para dar segmento, propomos entender por meio de sua narrativa, caminhos para desenvolver a aprendizagem histórica dos estudantes acerca da Segunda Guerra Mundial no Japão ao buscar compreender determinados contextos.

Ao utilizar a imagem, propõe-se discutir qual o objetivo dela na percepção dos estudantes. É prudente destacar que ao se utilizar imagens em sala de aula na disciplina de história, precisa anteriormente ser trabalhada a temática e um levantamento sobre a cultura de mídia dos estudantes para que a relação ensino-aprendizagem não seja desvalorizada. A imagem a seguir trata do simbolismo entre a vida e a morte. Questionamentos como a experiência dos alunos frente aos eventos do passado e como sua representação é interpretada é um caminho para entender suas visões acerca da história em si.

A imagem que Keiji buscou transmitir traz algumas reflexões para o ensino de história sobre a Segunda Guerra Mundial. Após o uso da bomba pelos Estados Unidos, Gen perde parte de sua família em meio ao fogo e escombros e na busca por tentar sobreviver com sua mãe grávida, ela entra em trabalho de parto. Sem nenhum médico disponível e com a saúde debilitada devido às restrições de alimentos por causa da guerra, Gen tem que ajudar sua mãe no nascimento de sua irmã. É aqui que o contexto das memórias do autor se relacionam entre a experiência e expectativa.

Pretende-se desenvolver nos estudantes sua capacidade de reconstruir e representar o passado sob uma forma de perceber as causas e consequências do conflito além de incitar a pesquisa histórica acerca do uso da bomba atômica em Hiroshima para permitir o exercício de desenvolver sua habilidade na pesquisa e do senso crítico frente a determinados eventos. Assim, analisar testemunhos de sobreviventes da bomba atômica desenvolverá a capacidade de perceber a guerra

por meio dos sobreviventes, de reconstruir as memórias através da análise temática e de se posicionar criticamente sobre o conflito. Nesse contexto, alguns questionamentos podem ser colocados para se trabalhar a imagem.

Figura 4 - Nascimento da irmã de Gen pós bomba atômica em Hiroshima



Fonte: Nakazawa (2011b, p. 22).

O primeiro questionamento acerca da imagem como fonte para análise do período estudado é se o estudante leu ou ouviu sobre algum testemunho da Segunda Guerra Mundial no Oriente. Em caso de resposta negativa, a utilização da obra contribui para sanar esta lacuna. Em caso positivo, busca-se entender dentre as possíveis respostas, o que mais chamou atenção do aluno ao se deparar com o testemunho. A segunda pergunta trata de quais memórias o estudante possui sobre o Japão na guerra. Uma resposta rápida, provavelmente, seria a bomba atômica. Caso o aluno seja do 3º ano do Ensino Médio, essa temática foi vista enquanto estava no 9º ano do Ensino Fundamental. A experiência enquanto estudante permite que possa

interpretar os acontecimentos passados com mais arcabouço teórico no Ensino Médio (Szlachta Junior, 2018).

Por último, uma pergunta seria sobre a visão que o estudante tem em relação a sua geração com a de seus pais ou avós no que tange o conhecimento histórico de determinados eventos. Ao analisar a imagem da mãe de Gen e sua irmã, o simbolismo entre vida e morte ou experiência e expectativa se torna mais próxima. A próxima geração terá toda experiência do conflito compreendido e interpretado, para que no futuro, possa agir de acordo com as ações que são expostas, pois “o que distingue a experiência é o haver elaborado acontecimentos passados, é o poder torná-los presentes, o estar saturada de realidade, o incluir em seu próprio comportamento as possibilidades realizadas ou falhas” (Koselleck, 2006, p. 312).

A memória de Nakazawa é uma forma de materializar a história vivida por meio de sua experiência e como suas expectativas são formalizadas no seu agir. O nascimento de sua irmã após as consequências da bomba e o discurso de sua mãe sobre levantar a filha e argumentar que quando crescesse, não deixasse que acontecimento como a Segunda Guerra Mundial houvesse mais uma vez, é uma forma de trabalhar o uso da memória para a construção da narrativa histórica por meio da experiência, interpretação e perspectiva de futuro.

Rüsen (2012, p. 34) fala que narrar é “[...] descrever intuitivamente a sequência de acontecimentos temporais concretos em seu contexto de sentido próprio, imediato”. Então narrar é o ato de vivificar a memória em contraponto à racionalidade ou a uma ação de narrativa discursiva que não prioriza a narração em sala de aula? A análise da imagem e do conteúdo para uma produção de sentido sobre a imagem e a guerra permite estruturar possibilidades de aprendizagem em que o pensamento histórico possa ser construído.

Na Figura 5 temos o impacto da bomba atômica sobre Hiroshima e sobre os corpos dos cidadãos. A ideia central é entender o uso de uma bomba nuclear e os efeitos da radiação sobre os corpos numa aula que envolva a relação da empatia com a aprendizagem histórica para que os estudantes compreendam a questão do outro e da política na Segunda Guerra Mundial.

Figura 5 - Impacto da bomba atômica em Hiroshima



Fonte: Nakazawa (2011a, p. 256-257).

O impacto da bomba atômica de urânio em Hiroshima, denominada *Little Boy*, causou inúmeras atrocidades a nível social e psicológico para a população japonesa. Por meio da imagem acima, algumas questões podem ser suscitadas para a análise. Ao apresentar ao aluno a figura, dois pontos podem ser discutidos: a bomba e a composição dos corpos com a radiação. Na imagem vemos a nuvem em forma de cogumelo no momento da explosão em Hiroshima e a imagem de pessoas com queimaduras.

O primeiro ponto a ser trabalhado é analisar com os estudantes os desdobramentos políticos que levaram à execução de civis pelo armamento nuclear. Primeiramente, sugere-se analisar a Declaração de Potsdam de 1945 que tratava da rendição das forças armadas do Japão e a ocupação das forças Aliadas em comparação a efetivação do uso da bomba sobre a cidade nipônica. Após o debate em torno da Declaração de Potsdam, é conveniente tratar da política japonesa na Ásia e o ataque em solo norte-americano na base de Pearl Harbor. Perguntas como:

a) Quais as intenções japonesas no Pacífico?

b) O uso da tecnologia nuclear demonstra uma preocupação com o estado político e social da guerra ou podemos também mensurar um vislumbre com o sistema político que ia se afirmando no período?

c) Já estudou sobre a questão nuclear? Se sim, o que aprendeu sobre a temática?

Essas perguntas possibilitam adentrar numa perspectiva que introduz o sentimento humano pela compreensão do passado referente ao outro ao mesmo tempo que analisa como o *burdening history* pode ser entendido e aplicado para a sociedade japonesa. É nesse sentido que o termo empatia histórica é utilizado, devido a forma de analisar e compreender o passado de tal forma que os estudantes não se tornarão historiadores, mas perceberão que há fontes e métodos para a História e que os testemunhos, de genocídios e catástrofes, ainda que possuam parcialidade e contradições, é uma fonte para entender as construções do passado e suas interrogações no presente.

Para entender o que é a empatia numa pesquisa histórica referente a esta temática, precisamos abordar o seu significado. Segundo Aguiar (2018) trata de um conceito de segunda ordem³⁹ onde tal conceito possui características específicas e relação com o passado histórico. Desta forma, seguindo Aguiar (2018, p. 111-112), a empatia histórica pode ser “[...] entendida como uma apreensão, uma forma de olhar, explicar e compreender as ações dos sujeitos no passado” e que tal conceito “[...] não está relacionada a sentir o que o sentiu o sujeito, e sim entender que sua ação foi motivada e limitada por fatores diversos internos e externos e pela correlação com outros sujeitos”.

A ideia da autora é ver que a empatia histórica é um ato mental de se colocar no lugar do outro no que tange a capacidade de compreender determinadas ações dos indivíduos, suas intencionalidades e entender que o passado pode ser analisado em suas sensibilidades e complexidades, não como um corpo fechado, mas ciente das reconstruções que os questionamentos podem aferir sobre ele e que podem conectar os sujeitos. Nesse panorama, segundo Lee (2003, p. 20), empatia histórica:

[...] pode ser melhor entendida como uma realização - algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais os seus objectivos,

³⁹ Germinari (2020, p. 182-83) aborda que análises e reflexões sobre ideias de segunda ordem buscam compreender o pensamento histórico a partir de debates contemporâneos acerca da filosofia e teoria da história relacionadas ao raciocínio e à lógica histórica.

como entenderam aquela situação e se conectamos tudo isto com o que aqueles agentes fizeram.

A ideia de Lee (2003) é tratar a empatia como uma reconstrução do contexto histórico de modo que está além do emocional. Para o autor, é na compreensão dos vestígios sobre o passado, ou seja, a forma como interpretam e questionam a fonte a partir do desenvolvimento do conhecimento histórico sobre um tema específico, é que haverá uma elaboração do conhecimento que fornecerá respostas a perguntas pertinentes no presente acerca do passado. Assim, a empatia histórica não é somente entender determinada cultura, se colocar no lugar do outro, há um distanciamento crítico na própria avaliação de si e do passado.

Nessa perspectiva, Okuno (2015), em seu estudo, elaborou uma tabela acerca das características e efeitos das bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki. A imagem a seguir permitirá discutir o tópico sobre as consequências da bomba nuclear na Segunda Guerra Mundial.

Tabela 1 - Características e efeitos das bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki

Características das bombas	Hiroshima (Little Boy)	Nagasaki (Fat Man)
comprimento	3,0 m	3,2 m
diâmetro	0,7 m	1,5 m
massa	$4,4 \times 10^3$ kg	$4,5 \times 10^3$ kg
elemento fissil	urânio-235	plutônio-239
rendimento (equivalente a)	16×10^3 kg de TNT	21×10^3 kg de TNT
altura de explosão	600 m do solo	503 m do solo
destruição das construções	92 %	35 %
número de mortes até dez/1945	entre 90 mil e 166 mil pessoas	entre 60 mil e 80 mil pessoas
principal causa da morte imediata	queimadura (60 %)	queimadura (95%)

Fonte: Okuno (2015, p. 212).

Ao utilizar a Figura 5 e a Tabela 1 os alunos terão maior compreensão do quão mortífera foi a bomba nuclear em Hiroshima. Ao avaliar as principais causas das mortes pós bomba, Okuno (2015), menciona três tópicos: ondas de calor, ondas de choque e radiação ionizante. Segundo a autora, 20% a 30% das mortes humanas num

raio de 1,2 km do hipocentro tiveram queimaduras fatais ao mesmo tempo que pessoas foram lançadas no ar pelo impacto da bomba, causando lesões anatômicas ou funcionais e morte. Por fim, a chuva negra que tomou conta de Hiroshima por algumas horas após a explosão, contaminou as pessoas devido aos raios gama e nêutrons emitidos, além da radiação emitida por átomos de césio-137 e de iodo-131.

Aqui, os discursos presentes nas imagens nos levam a entender os modos de pensar sobre o passado e de questionar sobre a posição dos indivíduos ao se colocar diante do outro. Outro fator importante é incitar os estudantes sobre a política internacional que foi imposta ao fim da Segunda Guerra Mundial a qual é resultado do longo processo traumático e de uma nova política para a paz. Nesse sentido, algumas perguntas acerca da relação conflitante entre Estados Unidos e Japão podem ser aplicadas a fim de entender não somente quem sofreu, e sim, se há empatia em quem cometeu o ato.

- a) Qual sua percepção sobre o impacto da bomba em Hiroshima?
- b) Qual a motivação e intenção dos Estados Unidos nesta guerra ao utilizar a bomba atômica?
- c) Qual a mentalidade predominante na Segunda Guerra Mundial?
- d) Qual seu sentimento acerca das causas que levaram os cidadãos japoneses a ficarem com sequelas ou falecerem diante da exposição da bomba?
- e) Você conhece o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares de 1968? Se sim, qual sua importância para a política internacional no cenário atual a partir do contexto japonês na Segunda Guerra Mundial?

A empatia histórica a partir do trabalho com fontes para entender e analisar o passado é pautada por uma ciência da história que além de oferecer uma racionalidade na compreensão do passado que em seu horizonte estejam solidificados as intenções, objetivos e circunstâncias que em uma análise profunda desta experimentação e interpretação do passado, haja uma sensibilidade às formas de complexidade do homem em suas ações e ideias no tempo.

A pergunta referente a letra E ainda que esteja delimitada além do objeto temporal da pesquisa, se faz pertinente pela construção do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares através dos países que desenvolveram o projeto. Durante a Guerra Fria, inúmeros combates, conflitos e guerras que pautavam lutas por independência e dominação territorial por meio de ideologia conflitante do

capitalismo e comunismo, a questão nuclear se fez presente, tornando o tratado abordado um acordo que permite utilizar a energia nuclear para fins pacíficos.

Assim, empatia histórica é mais que um entendimento que envolve o sentimento de determinada sociedade e está além de um desenvolvimento da capacidade de sentir dos sujeitos passados. Os estudantes serão propostos a compreender que relações existem entre as intenções que permeiam as ações. Como um dos signatários, qual a intenção dos Estados Unidos com este Tratado específico quando um pouco mais de 20 anos atrás, utilizou-se deste armamento para destruir duas cidades na guerra? Os estudantes buscarão analisar as circunstâncias e ações dos grupos políticos e nações sobre uma perspectiva no campo das relações internacionais.

Lee (2003, p. 21) aborda que “a empatia histórica pode ser pensada, não apenas como realização, mas também como disposição”. A capacidade de sentir o que as pessoas no passado fizeram em suas ações e intenções através do desenvolvimento da aprendizagem histórica é chamado de realização. Para tal, a disposição é o tratamento honesto dos sujeitos do passado por meio de suas intenções e ações em determinado contexto.

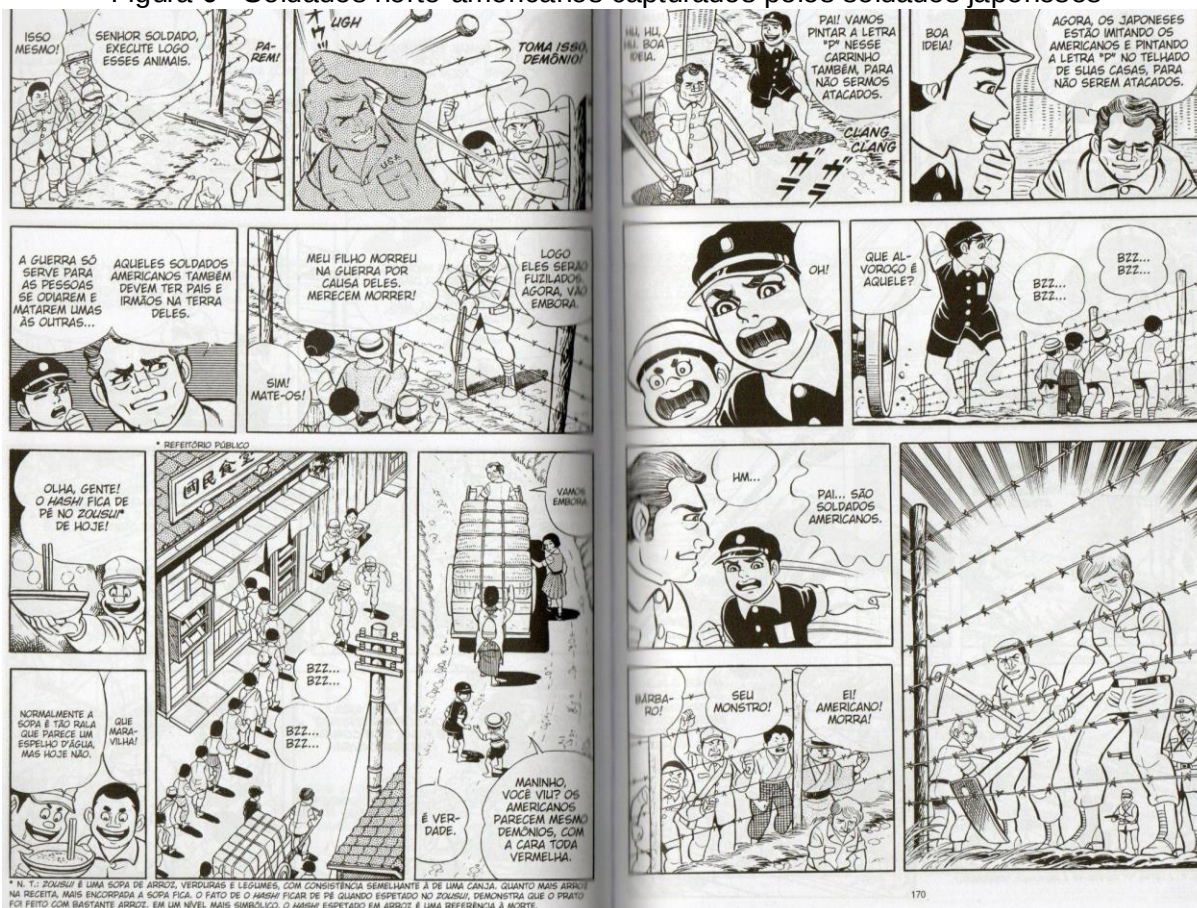
Ao pensarmos na Segunda Guerra Mundial e sua influência na mídia (televisão, cinema, documentários, internet, revistas, dentre outros) e no cotidiano do ser humano, na qual o senso comum faz parte do processo de desenvolvimento de uma compreensão histórica sem mediação, se faz necessário compreender como a consciência histórica do indivíduo é formada. Assim, trabalhar com as fontes permite ao aluno desenvolver um entendimento crítico de como o passado é mais do que uma informação. A empatia histórica possibilita que os vestígios do passado sejam analisados em sua totalidade, que as ações dos sujeitos não sejam julgadas e nem trazidas com um olhar atual, que os valores morais de determinada época foram exercidos entre as relações dos sujeitos. O passado já foi escrito, já se sabe o resultado dos eventos e a empatia histórica atua como uma reconstrução imaginária do contexto histórico. O passado não se torna estagnado.

Gen Pés Descalços permite um olhar além do próprio testemunho, possibilita entender ações e intenções. O que nos leva a problematizar as imagens a seguir. Os testemunhos podem ser parciais à medida que recorre a intencionalidade em seu discurso. Quando há histórias que tratam de temas sensíveis e que são autobiografias, torna-se uma interrogação a intenção do autor se não houver um

distanciamento, tendo em vista que a forma como entendemos e interpretamos o passado influencia como o projetamos. Para haver uma empatia histórica é necessário que haja uma distância entre aquele que observa e o que está sendo observado. O estudante retorna ao passado para compreendê-lo, afastando-se dos valores e morais de seu tempo.

As imagens das Figuras 6 e 7 constam no volume 1 e 2 da obra respectivamente e tratam de soldados norte-americanos presos pelos japoneses e trabalhando forçadamente nos campos sob vigilância dos soldados nipônicos e posteriormente mortos através da explosão da bomba em Hiroshima pelos mesmos efeitos que os japoneses foram acometidos.

Figura 6 - Soldados norte-americanos capturados pelos soldados japoneses



Fonte: Nakazawa (2011a, p. 170-171).

Figura 7 - Civis japoneses apedrejando soldados norte-americanos mortos pela bomba



Fonte: Nakazawa (2011b, p. 44-45).

As imagens do antes e depois da bomba nuclear nos mostram uma vertente importante para a empatia histórica. Investigar o passado de modo crítico e racional é uma ação da pesquisa histórica. Compreender as dinâmicas sociais no tempo é uma tarefa árdua quando o indivíduo está longe temporalmente de seu presente. Entretanto, a memória histórica por meio do mangá possibilita compreender ideias e valores, sentimentos e comportamentos. As Figuras 6 e 7 revelam um outro olhar da guerra sob a condição de sofrimento dos soldados norte-americanos.

Pensar o passado de uma sociedade em meio à guerra está além do individualismo e pautado num modo de vida. Ao atribuir as imagens abordadas acima, que tipo de empatia histórica é tratada? Ao mencionarmos as consequências da bomba em Hiroshima para os cidadãos japoneses, que tipo de narrativa pode ser desenvolvida? A partir da Figura 6 pode-se problematizar:

a) Como você percebe a ação dos soldados japoneses em tratar os soldados norte-americanos como prisioneiros de guerra e forçá-los a trabalhar?

b) A partir da alternativa A, e entendendo as consequências da bomba para o povo japonês, a atitude dos soldados japoneses é justificável devido ao conflito que estavam?

c) A colocação do irmão de Gen sobre os rostos dos americanos estarem vermelhos e comparar com demônios é uma forma de macular o “outro”? Há algum estereótipo?

d) Em seu conhecimento mediante as questões atuais, como percebes a relação entre sociedades da Ásia e Estados Unidos?

Lee (2003, p. 24-28) fala sobre progressão de ideias e de um Modelo de Progressão em Empatia Histórica. O autor destaca neste modelo sete níveis que funcionam como uma construção interpretativa a partir de evidência a respeito das ideias dos alunos. Evidentemente, Peter Lee trata este modelo não como um parâmetro a ser seguido e níveis a serem obedecidos, é um modelo que permite compreender as ideias de estudantes (Lee analisou o modelo criado com crianças) no presente, em sua escola e contexto cultural.

Contudo, dois níveis são importantes para tratar as imagens abordadas. O nível 4 trata da explicação através de papéis e/ou de estereótipos onde há tendência de explicar o passado a partir de estereótipos disponíveis, evidenciando um passado deficitário, devido a tensão na assimilação de crenças e práticas dos dias atuais e do passado e do nível 7 acerca da explicação em termos de um contexto material e de ideias mais amplo. Nesse caso, o nível prioriza o entendimento que a conduta e forma de vida do passado é referente ao período específico, não sendo uma postura individual. As condições materiais, valores e práticas são permeadas pela estrutura social que vigorava e influenciava no tempo estudado. A assimilação do comportamento do outro no tempo passado e poder analisar e problematizar a partir da fonte, é uma forma de empatia histórica que aproxima o estudante a um “fazer história em sala de aula”.

A Figura 7 permite discutir empatia histórica através da visão japonesa a partir da consequência da bomba. As percepções e entendimentos que os alunos trazem para a sala de aula podem influenciar significativamente a forma como eles abordam e assimilam novos conceitos, principalmente quando se tem visto a imagem anterior. A ideia em torno desta imagem em específico é buscar compreender se há estereótipos acerca de determinada sociedade ou uma informação formulada vista em outras esferas do conhecimento. Algumas perguntas podem ser estabelecidas:

a) A morte através da bomba atômica por parte dos soldados norte-americanos pelas mesmas condições dos japoneses é uma questão particular e circunstancial do conflito?

b) Em sua percepção, a palavra “bárbaro” dita pela senhora japonesa possui qual sentido? O que você entende por bárbaro?

Compreende neste ponto específico se o estudante lembra das discussões sobre o conceito da palavra para gregos e romanos em relação a sociedade divergente que lidavam. Caso o aluno compreenda o conceito e seu significado pejorativo, é interessante estimular sua compreensão acerca do tema e qual conhecimento histórico possui sobre o emprego deste termo na atualidade. Os estereótipos que são os conceitos atribuídos a grupos de pessoas a partir de uma imagem pré-estabelecida e generalizada será fundamental para perceber em qual ponto os estudantes refletem sobre a pergunta, tendo em vista

c) O marido, a filha e o neto da senhora que joga as pedras no soldado morto ao evocar sua solidão e questionar o motivo da bomba atômica conota uma imagem do conflito social e político que através das mortes, demonstra as consequências da Segunda Guerra Mundial?

d) A bomba atingiu a cidade de Hiroshima e não somente japoneses e norte-americanos foram pegos pela explosão. Chineses e coreanos foram vítimas apesar da esmagadora dizimação da população nipônica. Há alguma moralidade e retidão na guerra ou as ações eram desenvolvidas diante do cenário estabelecido?

Qual o outro lado da guerra diante de tanta destruição? A bomba atômica realmente precisava ser utilizada? A empatia histórica pode ser cultivada como uma competência essencial no processo de aprendizagem. Cabe aos profissionais incorporar métodos que promovam a compreensão e a identificação com as experiências de pessoas do passado, ajudando os alunos a desenvolverem uma apreciação mais rica da complexidade humana ao longo do tempo. A ideia de que as pessoas no passado pensavam como nós requer uma reflexão crítica. Incentivar os alunos a questionar essa premissa, explorando as nuances das mentalidades históricas e desenvolvendo uma apreciação mais profunda das mudanças ao longo do tempo para permiti-los entender que cada época possui sua mentalidade.

Germinari (2020) aborda que os eventos como guerras, catástrofes e genocídios permanecem influenciando o presente de grupos devido a seu teor traumático, onde o passado se mantém em diálogo com as gerações seguintes devido

à dificuldade em sua interpretação. O autor cita inclusive o conceito de *burdening history* para tratar de uma visão sensível do passado em que a empatia histórica pode ser um caminho para o ensino-aprendizagem de história e da produção do conhecimento histórico. Evidentemente, as memórias coletivas produzidas e a experiência da memória individual podem redimensionar a forma de tratar o passado e de lidar com o outro pelo senso comum e pela natureza interpretativa em que este passado é colocado. Por isso, a empatia histórica pode ser uma forma de lidar no presente com as várias formas do passado, criando uma compreensão pela forma em que o outro estava inserido e entendendo as formas particulares de cada indivíduo e de sua sociedade.

A compreensão das diferenças temporais por meio da empatia histórica destaca a importância de superar a tendência de projetar nossas próprias ideias e valores no passado. Instigar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais sofisticada das diferenças temporais, reconhecendo que as pessoas no passado tinham contextos culturais, sociais e individuais distintos. A noção de um "passado deficitário" refere-se à importância de evitar uma abordagem que subestime as contribuições do passado. É essencial reconhecer e apreciar a diversidade de experiências e perspectivas ao abordar eventos históricos e sociais. Estereótipos precisam ser discutidos e analisados para haver uma completa ressignificação na construção do conhecimento histórico.

Empatia histórica implica que entender alguém vai além de simplesmente compreender superficialmente suas palavras ou ações. Envolve uma compreensão profunda das perspectivas e experiências da outra pessoa. Entender que a guerra destrói e molda uma sociedade específica e que o sentimento que pairava em determinado período é particular as ações e motivações que existiam. A empatia histórica é determinante para o ensino-aprendizagem racional de história e é preciso não confundir com simpatia. Não é necessário se colocar no lugar do outro em seu favor e sim de compreendê-lo.

4.1.1 *O monumento, a preservação da história e a consciência histórica*

O conhecimento histórico se desenvolve satisfatoriamente quando há por parte do indivíduo um entendimento na capacidade de interpretar o passado e problematizar sobre o tema. O mangá é fonte para o ensino de história enquanto documento

histórico. Monumentos são espaços ou lugares de memória em que são preservadas no espaço público as lembranças de um passado e que se levados aos estudantes, o instiga a indagar sobre o tempo. O passado, o presente e o futuro conectados por meio de intencionalidades. Contudo, como a consciência histórica pode agir através dos monumentos se o ser humano não souber interpretar a si e o mundo? Quais monumentos se fazem vivos na memória do estudante para que ele compreenda que preservar não é somente manter intacto, é manter vivo diversas memórias coletivas que permeiam sua sociedade?

Keiji Nakazawa retrata bem um espaço de memória coletiva e individual. É por meio da bomba atômica, intitulada *Genbaku* (原爆) em japonês, que a Cúpula da Bomba Atômica, que discutiremos adiante, é um espaço preservado para a sociedade japonesa e para o mundo. O ensino de história em que o conhecimento adquirido fora do ambiente escolar é pautado por disputas em torno de sua narrativa, encontra nos lugares de memória, um local de produção do conhecimento histórico através de sua narrativa.

Discutir o ensino de história patrimonial requer contextualizar o ocorrido. Não há monumentos sem memórias para preservar e não há história sem problematizar as fontes. O mangá enquanto documento precisa ser analisado para se ter inferências sobre si. O monumento é uma memória viva que atua sobre o presente, perspectivando futuros. Monumentos levam a sentimentos por parte dos grupos e levam a imaginação histórica ser desenvolvida por parte de uma reconstrução do contexto histórico do qual os lugares de memória fazem parte. Tudo isso faz parte das deduções e observações sobre as fontes.

Interrogar o passado na construção de uma narrativa histórica por parte do aluno é fundamental para uma atitude interrogativa sobre o passado. Por que determinado monumento está lá? O que ele significa para mim? Ambas perguntas direcionam o olhar para uma sensibilização da própria história do ser humano que o convida a analisar monumentos contemporâneos e problematizar as funções sociais e políticas destes ao longo da história. Contudo, o que são monumentos e como interagem com a consciência histórica?

Segundo Le Goff (2013, p. 485-86):

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-europeia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo

monere significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado.

Le Goff (2013), ao elucidar o significado de monumento, nos mostra que tal conceito está ligado à memória coletiva da sociedade como referência a uma herança do passado. A capacidade de evocar o tempo passado através da perpetuação das memórias é o que faz dos monumentos um símbolo de sua cultura. Assim, enquanto parte de sua cultura, os monumentos formam a identidade de uma sociedade.

A bomba atômica em Hiroshima causou num raio de explosão inúmeras atrocidades físicas e humanas, contudo, um local permaneceu ainda que parcialmente destruído. Intitulado Cúpula da Bomba Atômica (原爆ドーム), o Salão Promocional Industrial da Prefeitura de Hiroshima (*Hiroshima-ken Sangyo Shoreikan*), criado pelo arquiteto tcheco Jan Letzel, em 1914, se tornou um memorial do bombardeio. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) instituiu em 1996 como patrimônio mundial pelo seu caráter cultural por meio do critério IV que diz:

[...] estar direta ou tangivelmente associada a acontecimentos ou tradições vivas, a ideias ou a crenças, a obras artísticas e literárias de notável significado universal (o Comitê considera que este critério deve ser preferencialmente utilizado em conjunto com outros critérios).⁴⁰⁴¹

A importância da UNESCO (1996) para o patrimônio mundial em salvaguardar locais de herança memorial se deve ao fato de sua criação em 1946, um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, que visa através de seis áreas: Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação, garantir a paz por meio da cooperação mútua entre as nações. É nesse contexto, que em 1972, almejando encorajar a identificação, proteção e preservação do patrimônio cultural e natural no mundo que foi criado a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural que atenta para a preservação de sítios não somente para uma sociedade específica, cabendo o patrimônio ser universal.

⁴⁰ No texto original, encontramos a seguinte grafia em inglês: *to be directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literary works of outstanding universal significance. (The Committee considers that this criterion should preferably be used in conjunction with other criteria).*

⁴¹ Os dez critérios segundo a UNESCO. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/criteria/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

No artigo 1º, ficou decidido pela Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (UNESCO, 1972) que serão considerados como patrimônio cultural: monumentos, conjuntos e locais de interesse. Os significados atribuídos a eles são:

Os monumentos. – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Esse artigo juntamente com o critério IV, institui o Memorial da Paz de Hiroshima, também chamado de Cúpula da Bomba Atômica, uma estrutura de edifício que permaneceu de pé diante da explosão, é uma memória viva para que não se esqueça da Segunda Guerra Mundial e dos esforços de erradicar o uso do armamento nuclear. A Cúpula é um exemplo de memória que evidencia a política destrutiva da guerra criada pelo homem. É um símbolo que permanece vivo e que carrega através de Gen Pés Descalços uma mensagem de pacifismo em meio a destruição, num confronto entre vida e morte. Sob a ótica japonesa, o Memorial da Paz de Hiroshima foi designado como local histórico pela Lei para a Proteção de Propriedades Culturais (*bunkazai hogo-hō* 文化財保護法), criada em 1950 e administrada pela cidade de Hiroshima, sob orientação do Governo da Prefeitura de Hiroshima e Governo do Japão.

A disciplina de história em sala de aula tem como uma de suas atribuições a discussão de monumentos para trabalhar a valorização do passado por meio da memória. A cultura enquanto manifestada, se torna a identidade de um povo. O monumento é um agregamento por parte dos homens de suas intenções e relações que foram pautadas diante das ações. Para Zarbato e Santos (2015, p. 65):

A preservação da memória, entendida aqui como elemento essencial para a valorização da identidade e da cidadania cultural em determinado lugar e situada num determinado tempo histórico contribui para a percepção do que fica registrado por diferentes grupos culturais acerca dos diferentes elementos patrimoniais.

A educação patrimonial desempenha um papel fundamental ao permitir que as pessoas reconheçam e valorizem suas identidades culturais. Ao compreender e apreciar a herança cultural, as comunidades podem fortalecer seus laços. O diálogo contínuo sobre a importância do patrimônio cultural é vital. Isso ajuda a aumentar a conscientização sobre a relevância da preservação e a garantir que as gerações futuras entendam e apreciem as riquezas culturais que moldaram sua identidade. A educação patrimonial não é apenas sobre o passado; ela é uma força dinâmica que molda o presente e o futuro, promovendo uma compreensão mais profunda, respeito e preservação das raízes culturais que fundamentam uma sociedade. De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4),

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Ao tratar sobre patrimônio e principalmente os monumentos que permanecem como fragmentos do passado, é preciso discutir como podem ser aplicados no contexto escolar. Primeiramente, é necessário discutir o que são monumentos e sua importância para a sociedade. O presente e o passado dialogam mutuamente e para o aluno, uma pesquisa histórico-cultural sobre determinado patrimônio, o leva a entender a historicidade da sociedade em questão. O patrimônio enquanto temática não pode estar somente na memória ao analisar as informações de seu estado, e sim com problematizações, explorações e observações do objeto estudado e o motivo de ações sobre sua salvaguarda. Logo, entender o mangá Gen Pés Descalços é entender o que foi a Prefeitura de Hiroshima e o seu estado atual (Figura 8). De início, após explanar o significado de monumento e de patrimônio para o ser humano, pode-se atentar para:

a) De acordo com a imagem acerca do Memorial da Paz de Hiroshima, que elementos do passado podemos compreender?

b) Como esse local influencia em seu estudo sobre a Segunda Guerra Mundial?

c) Como o passado influencia o modo de compreender lugares carregados de memórias (e sentimentos) a partir de experiências no presente de locais que simbolizam um sentido de pertencimento?

d) De que modo este lugar pode influenciar o presente por meio das relações sociais e políticas?

e) Há algum lugar no Brasil que possua um patrimônio que lide diretamente com as memórias do ser humano? Se sim, como este local se assemelha ou diferencia do Memorial de Paz de Hiroshima?

Figura 8 - Hiroshima Peace Memorial (*Genbaku Dome*)



Fonte: Site da UNESCO.

Estudar patrimônio na formação básica desenvolve a valorização dos bens culturais e contribui para a investigação por meio de fontes (Szlachta Junior; Gama, 2022). Entender que monumentos ao serem estudados independente de uma de campo, contribui para que os alunos pesquisem sobre sua história e das sociedades

por meio de imagens. A construção ou efetivação de monumentos possuem interesses políticos e lidam diretamente com a percepção e sensibilização do ser humano devido a sua experiência no tempo com o local. Só se pode compreender o legado de um monumento se o ser humano desenvolve a consciência histórica sobre seu passado. Segundo Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 6),

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e seus produtos e manifestações, que despertem nos alunos o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva. O patrimônio cultural e o meio-ambiente histórico em que está inserido oferecem oportunidades de provocar nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles.

Qual o valor de um monumento para a aprendizagem histórica de um estudante? Tratar de educação patrimonial requer discutir cultura histórica. Ao entendermos a cultura histórica como a relação da sociedade com seu passado, o patrimônio se torna um elo ético com o passado. Pensar o monumento e seu valor humanitário que carrega sentimento de perda e recomeço, é pensá-lo como um monumento testimonial. Essa percepção nos convida a analisar a imagem abaixo, na qual Keiji Nakazawa nos mostra Hiroshima destruída ao reconstruir a Prefeitura de Hiroshima e áreas próximas.

Entender monumentos é interrogar as temporalidades em que está situado. É possível dar valor a determinado monumento se analisarmos separadamente ou todo o contexto da guerra influencia na abordagem? Toda ação humana está situada no tempo e na condição existente própria em que está localizada. Intenções, anseios e motivações são pautadas em questões sociais, culturais e políticas. O monumento é um retrato do tempo na qual o futuro está sempre em diálogo com o passado, pois:

Assim, interrogar o patrimônio e seus regimes de temporalidades nos conduziu, de maneira inesperada, do passado ao futuro, mas um futuro que não é mais a conquistar ou a realizar sem hesitar e, se preciso for, violentando o presente. Este futuro não é mais um horizonte luminoso para o qual marchamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em direção a nós, enquanto parecemos marcar passo no presente e ruminar um passado que não passa (Hartog, 2006, p. 273).

Figura 9 - Cúpula da Bomba Atômica e arredores



Fonte: Nakazawa (2011b, p. 30-31).

a) Ao analisar a foto da atual Cúpula da Bomba Atômica e percebendo esta imagem em específico que Gen nos convida a refletir, este monumento japonês das vítimas da bomba atômica, só deve ser usado para homenagear as vítimas ou tem um valor social que abrange toda a sociedade mundial acerca das consequências da guerra?

b) Como você analisa o compromisso com o passado através do Memorial da Paz de Hiroshima?

c) Como você analisa a existência de um lugar central para lembrança da bomba atômica e uma efetivação no fim do armamento nuclear quando compreende a ação japonesa em subjugar seus vizinhos na Ásia? Deveria haver política de reparação no Memorial?

d) Pesquise sobre como China e Coreia do Sul analisam o Memorial e se possuem monumentos que tratam das vítimas da Segunda Guerra Mundial e da ocupação japonesa em seus territórios.

A ideia é não tratar dos monumentos como uma simples imagem com informação. É questionar através do conhecimento histórico, como os estudantes lidam com estes lugares de memória ao mesmo tempo que compreende a guerra e as ações japonesas. A capacidade de interpretar a si e o mundo a partir das experiências e entender por meio das fontes os contextos social e político de uma sociedade, faz do ser humano apto a viver no mundo. Os traumas, genocídios e guerras, por exemplo, fazem parte das ações humanas ao longo do tempo. A capacidade de agir do homem está estabelecida entre si e a natureza. A consciência histórica fornece a orientação temporal do homem que é mediada pela memória histórica. Os monumentos são heranças do passado que possuem disputas em torno de si devido à alta carga de memórias e a consciência histórica contribui para mediar essa relação da memória e história para o ser humano.

Pode a consciência histórica se relacionar ou conceitualmente ser tratada como identidade? Identidade local, regional, nacional ou de grupo? A História e a educação patrimonial contribuem para a identidade coletiva devido ao desenvolvimento de uma identidade cultural comum a todos. Monumentos são fragmentos do passado compartilhados pelo grupo em questão que revelam identidade local ou múltiplas. Nesse caso, qual a flexibilidade da identidade quando se há monumento?

O homem precisa interpretar a si e o mundo. O passado não se tornou dados fixos. A experiência precisa ser analisada porque carrega em si interesses dentro de si. O que há de útil no passado que pode ser significativo para o presente? Através do saber histórico. Há um conhecimento melhor do que outro quando tratamos do passado? O monumento carrega um aprendizado histórico por meio da narrativa e trata da identidade histórica em questão. Entender sobre estes lugares de memórias carregadas de sentimentos e simbolismos é uma forma de aprendizado histórico do homem com o tempo na qual dar sentido à temporalidade é produzir significados nas competências: experiência, interpretação e orientação. Nesse sentido,

Todas as três dimensões do tempo são temas da consciência histórica: através da memória o passado se torna presente de modo que o presente é entendido e perspectivas sobre o futuro podem ser formadas. A perspectiva sobre o passado domina, é claro, uma vez que a consciência histórica funciona através da memória (Rüsen, 2011, p. 79).

A relação da aprendizagem se dá em simbiose com a compreensão da consciência histórica, que desenvolve no indivíduo sua identidade frente a percepção

que este possui por meio das experiências de aprendizado. As estruturas mentais se desenvolvem mediante a formação de consciência do sujeito diante das perspectivas que lhe são colocadas, atribuídas e ensinadas em seu contexto histórico, social e cultural, que produzem sua interação com as operações de análise do aprendizado, gerando sua experiência enquanto sujeito histórico, interpretação enquanto lida com as demandas cognitivas das operações mentais de sua experiência e orientação, no que tange sua capacidade de lidar com as ações sobre si e de si.

Nesse sentido, vislumbramos a narrativa histórica como essa operação da interpretação histórica do sujeito mediante sua consciência histórica que lida diretamente com seu aprendizado. A narrativa vai lidar diretamente com a construção e constituição do homem e seu sentido de orientação e interpretação no tempo. As temporalidades norteiam a capacidade do indivíduo de mensurar sua experiência e desenvolver seu aprendizado quando este lida diretamente com o passado no presente, perspectivando o futuro, pois

A narrativa histórica pode então, em princípio, ser vista como aprendizado quando, com ela, as competências forem adquiridas através de uma função produtiva do sujeito, com as quais a história será apontada como fator de orientação cultural na vida prática humana. (Rüsen, 2011, p. 43).

Podemos indagar que a narrativa lida diretamente com a memória individual e coletiva pois esta produz uma aprendizagem ligada diretamente a compreensão dos fatores cognitivos e empíricos do homem em sua experiência no tempo. O homem lida com o passado no presente e vislumbra o futuro de acordo com as interpretações que obtém de sua relação de aprendizado. É atribuir sentido à vida quando se articula o individual e o social a partir do momento em que constitui identidade coletiva e individual ao passo que lida com o mundo e a si mesmo em uma ação de mudanças que se coloca e que está submetida.

Nesse contexto, é fundamental discutir a formação dos estudantes através das fontes, propiciando um contato mais íntimo com a História. O mangá Gen Pés Descalços de Keiji Nakazawa carrega uma visão específica do autor sobre a Segunda Guerra Mundial no Japão, passando por um olhar pacifista, democrático e antinuclear. Contudo, os usos políticos de um passado traumático carregam consigo um olhar contemporâneo acerca dos conflitos geopolíticos na década de 1970, período de sua publicação, e de um olhar mais incisivo sobre o meio ambiente e sociedade.

Atualmente, mangás históricos que tratem de temáticas cruciais para o ensino de história, vem contribuindo com discussões e reflexões sobre períodos turbulentos que evidenciam histórias sensíveis, instigando problematizações que objetivem um ensino-aprendizagem que priorize o conhecimento histórico. Trabalhar com testemunhos de sobreviventes de guerra potencializa o desenvolvimento do pensamento histórico quando há uma articulação reflexiva na experiência, viabilizando a interpretação e adquirindo a consciência histórica.

Perceber as narrativas históricas das experiências humanas no tempo e transformar em conhecimento faz parte de um processo de construção do ensino de história sob aprendizado histórico. O evento histórico quando entendido em suas várias feições permite um modo significativo de pensar o passado a partir do presente. É necessário construir um conhecimento que dê significância às várias narrativas do passado quando se constrói informações históricas específicas. Assim, Gen Pés Descalços é um mangá que convida a entender e interpretar um passado traumático que mobiliza anseios e disputas, sendo uma fonte imprescindível na construção do conhecimento histórico em sala de aula sobre a Segunda Guerra Mundial no Japão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou de analisar o mangá Gen Pés Descalços (はだしのゲン Hadashi no Gen) de Keiji Nakazawa (2011a; 2011b) como fonte para o Ensino de História. Discutir memórias traumáticas e toda sensibilidade que permeiam o contexto de um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial é uma tarefa árdua. Debruçar-se sobre sua própria vida como forma de perpetuar na sociedade as ações de seu país na guerra é buscar manter vínculo com o passado numa constante disputa entre silêncio e testemunho. Contudo, Gen Pés Descalços alcançou a atenção mundial com sua mensagem pacifista, emanando discurso antinuclear e explanando a política japonesa na guerra. Um mangá que retrata, através das mãos e lembranças do autor, os traumas e esperanças por um futuro mais pacífico.

Compreender o impacto do testemunho no Tempo Presente se dá pelos fenômenos que, em sua temporalidade, representam um 'passado que não passa' ou 'difícil, sensível e/ou traumático'. Estes fenômenos carregam uma noção de trauma pela potencialidade do evento histórico. O dever da memória, diante do possível esquecimento, passa pela abordagem horizontal de impulsos a favor de justiça consigo e sua sociedade. A sensibilidade em torno do conflito, ao elucidar o impacto de uma experiência traumática, quando se há gerações vivas que anseiam por pautas sociais, demonstra que a instrumentalização da memória é crucial para que ela permaneça viva.

Como as fontes autobiográficas que testemunham por meio de discurso escrito e visual podem manifestar vozes do passado? Tornando o passado um patrimônio. No século XXI, as lembranças são abordadas, publicamente, através da mídia. O uso de jornais, televisão e, sites, dentre outros, demonstra a valorização e o apelo da memória contra o possível esquecimento. O mangá é um uso público da sociedade que, quando entra no campo historiográfico, se torna uso público da história. Keiji Nakazawa não arrefeceu diante da experiência traumática, pelo contrário, como Leonor Arfuch discute acerca do “valor memorial”, tornou a sua obra um registro do passado, onde seu relato testemunhal legitima seu discurso, a partir da possibilidade do mangá se tornar uma narrativa subjetiva que, no presente, dá o acesso ao passado e vislumbra futuro.

Futuro este que ocorre quando a consciência histórica atua, plenamente, no ser humano, quando a capacidade de interpretar sua experiência permite construir uma compreensão acerca do tempo e do espaço no qual está inserido. O homem precisa analisar e entender a dimensão de sua vida, numa experiência consciente, para que o pensamento histórico, alicerçado pela narrativa, confira sentido aos eventos históricos.

Analisar os mangás em sua contribuição para conhecimento histórico ao compreender a sociedade japonesa, no período da guerra, através das narrativas apresentadas nos mangás, e como ferramenta de aprendizagem histórica possibilita a formação de sujeitos que construam sua identidade e alteridade em relação ao outro. A Segunda Guerra Mundial, no Japão, possui a mesma carga sensível de experiência traumática para uma sociedade que a de diversos crimes aos direitos humanos existentes no Ocidente.

Produzir conhecimento histórico, por meio de histórias sensíveis, é trabalhar, historicamente, a empatia pelo outro. A ideia deste trabalho passa por tratar o Japão não como vítima da guerra por causa dos ataques envolvendo bombas nucleares, visto que o país também subjugou seus vizinhos na Ásia, e sim entender como a Segunda Guerra Mundial produziu narrativas, além do que entendemos por Fascismo e Nazismo, que são fundamentais para discutir este tema em sala de aula. A sociedade japonesa, ao ser analisada pela obra, possuía em seu corpo social indivíduos que convergiam e divergiam com o discurso político. Porém, a guerra não faz escolha de vítimas e Gen Pés Descalços mostra que as consequências são compartilhadas por todos.

A consciência histórica se dá, efetivamente, na experiência e interpretação. Contudo, compreender a si e o mundo, através das dinâmicas que envolvem os corpos políticos, sociais e culturais, em que está inserido é fundamental para desenvolver a compreensão de sua própria história e da formação de sua identidade histórica em uma ideia de sentido sobre a experiência no tempo. Estudar sobre as memórias traumáticas da guerra é refletir sobre os lugares de memória que discursam sobre um passado sensível e que não cede ao esquecimento.

A importância da Didática da História para a metodologia do Ensino de História para tratar sobre passados traumáticos é uma perspectiva que atua não somente no campo escolar que envolve relações de aprendizagem; envolve, também, as implicações e relações da cultura e consciência histórica no meio social. É importante

ressaltar que a atuação da consciência histórica não se restringe somente a um conhecimento e interpretação do passado, ela atua entre o conhecimento histórico necessário para discutir o tempo presente e projetar o futuro.

Por fim, os estudos sobre mangá têm crescido exponencialmente na academia brasileira e internacional porque trazem consigo elementos pertinentes para se trabalhar a história. O Ensino de História é um campo fértil para as possibilidades de produção do conhecimento histórico e desenvolvimento do pensamento histórico dos estudantes. Esta pesquisa possui vertentes que podem ser exploradas para enriquecer o debate sobre memória, trauma e Ensino de História tendo o mangá como fonte. Como exemplo, interculturalidade e novo humanismo são propostas de Jörn Rüsen que dialogam com a temática e que podem alargar os estudos sobre a cultura e a identidade humana em sua relação com o tempo.

Pensar o Ensino de História por meio da Didática da História é se preocupar com metodologias de ensino e aprendizagem que levem o estudante a produzir e entender as formas de conhecimento histórico que estão representadas no tempo, pelo homem, mediante as elaborações de narrativas. A escolha de Gen Pés Descalços objetiva uma formação do pensamento histórico na qual o aluno pode se apropriar de metodologias que permitam uma análise da realidade e da formação de sua identidade e consciência histórica.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Homo Sacer III).
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGUIAR, Edinalva Padre. A Realização da Empatia Histórica no Ensino e Aprendizagem da História. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 33, p. 109-124, 2018.
- ALBERTI, Verena. Palestra. *In*: COLÓQUIO NACIONAL HISTÓRIA CULTURAL E SENSIBILIDADES, 4., 17-21 nov. 2014, Caicó, RN. **Anais [...]**. Caicó: Centro de Ensino Superior do Seridó (Ceres), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2014. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/17189?show=full>. Acesso em: 9 jul. 2023.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Violar memórias e gestar a história. **CLIO-Série História do Nordeste**, v. 15, n. 1, p. 39-52, 1994.
- ALEXANDER, Jeffrey. **Trauma: a social theory**. Cambridge: Polity Press, 2012.
- ARFUCH, Leonor. Narrativas del yo y memorias traumáticas. **Tempo e Argumento**, v.4, n. 1, p. 45-60, 2012.
- ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. *In*: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. **Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BONETE, Wilian Junior; FREITAS, Rafael Reinaldo. Cultura histórica, consciência histórica e identidade: contribuições conceituais para investigações sobre formação histórica docente. **Revista Labirinto (UNIR)**, Rondônia, v. 22, p. 156-176, 2015.
- BONETE, Wilian Junior. Notas sobre o conceito de consciência histórica e narrativa em Jörn Rüsen e Agnes Heller. **Revista eletrônica história em reflexão**, v. 7, n. 14, 2013.
- BORRIES, Bodo Von. Lidando com histórias difíceis: tipos de reconciliação com danos e culpas históricas. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. (Orgs.). **Jovens e consciência histórica**: Bodo von Borries. Curitiba: W.A. Editores, 2018.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1. ed. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2021.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje, [S. l.]**, v. 2, n. 4, p. 19–

34, 2014. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/90>. Acesso em: 6 fev. 2024.

DOWER, John W. **Embracing defeat**: Japan in the wake of World War II. New York: W. W. Norton & Company, 1999.

FALAIZE, Benoit. O ensino de temas controversos na escola francesa: os novos fundamentos da história escolar na França? Tradução de Fabrício Coelho. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 224- 253, jan./abr. 2014.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GERMINARI, Geyso Dongley. Empatia histórica. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; SOBANSKI, Adriane de Quadros (Orgs.). **Competências do Pensamento Histórico**. Curitiba: W.A. Editores, 2020.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Jaime. **Críticas em tempos de violência**. São Paulo, Editora: Edusp, 2012.

GORDON, Andrew. Democracy and High Growth. *In*: BARY, Wm. Theodore de; GLUCK, Carol; Tiedemann, Arthur E. **Sources of Japanese Tradition**: volume two: 1600 to 2000. New York: Columbia University Press, 2005.

GREVER, Maria; ADRIAANSEN, Robbert-Jan. Historical Culture: A Concept Revisited. *In*: CARRETERO, Mario; BERGER, Stefan; GREVER, Maria. **Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Tradução de Érico Assis. 1. ed. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. O papel da representação. *In*: ITUASSU, Arthur (Org.). **Cultura e representação**. Traduzido por Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANE, Mikiso. **Eastern phoenix**: Japan Since 1945. New York: Taylor & Francis Group, 1996.

HANE, Mikiso; PEREZ, Louis G. **Modern Japan**: a historical survey. 5. ed. Colorado: Westview Press, 2013.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. **Varia história**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 261-273, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina. MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

KOLTAL, Caterina. Entre psicanálise e história: o testemunho. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 24-30, 2016.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**: narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970). Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.

ITO, Kinko. Manga in Japanese History. *In*: MACWILLIAMS, Mark Wheeler (Ed.). **Japanese visual culture**: explorations in the world of manga and anime. New York: M.E. Sharpe, 2008.

KINGSTON, Jeff. **Nationalism in Asia**: A History Since 1945. United Kingdom: John Wiley & Sons, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Revisão da tradução por César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.

KURODA, Rikuri. 'Barefoot Gen' panels pulled from Hiroshima school textbooks. **The Asahi Shimbun**. Japão, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.asahi.com/ajw/articles/14841955>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LEE, Peter. "Nós fabricamos carros eles tinham que andar a pé": compreensão das pessoas do passado. *In*: BARCA, Isabel (org.). **Educação histórica e museus**. Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. Quadrinhos na sala de aula. **História em quadrinhos**: um recurso de aprendizagem, ano 21, boletim 1, abr. 2011. Disponível em: https://www.noticiasead.com.br/images/stories/pdf_ppt_Doc/181213historiaemquadrinhos.pdf. Acesso em: 9 jun. 2023.

MACWILLIAMS, Mark Wheeler. Introduction. *In*: MACWILLIAMS, Mark Wheeler (Ed.). **Japanese visual culture**: explorations in the world of manga and anime. New York: M.E. Sharpe, 2008.

MAYO, Marlene. The Occupation Years, 1945–1952. *In*: BARY, Wm. Theodore de; GLUCK, Carol; Tiedemann, Arthur E. **Sources of Japanese Tradition**: volume two: 1600 to 2000. New York: Columbia University Press, 2005.

MÉVEL, Yannick; TUTIAUX-GUILLON, Nicole. **Didactique et enseignement de l'histoire-géographie au collège et au lycée**. Paris: Publibook, 2013.

MIRANDA, Montgomery. Bomba atômica. *In*: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; MEDEIROS, Sabrina; VIANNA, Alexander Martins. **Enciclopédia de guerras e revoluções**: vol. II: 1919-1945: a época dos fascismos, das ditaduras e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

NAKAR, Eldad. Framing Manga: On Narratives of the Second World War in Japanese Manga, 1957–1977. *In*: MACWILLIAMS, Mark Wheeler (Ed.). **Japanese visual culture**: explorations in the world of manga and anime. New York: M.E. Sharpe, 2008.

NAKAZAWA, Keiji. **Gen pés descalços vol 1**. Tradução de Drik Sada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011a.

NAKAZAWA, Keiji. **Gen pés descalços vol 2**. Tradução de Drik Sada. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011b.

NAKAZAWA, Keiji. **Hiroshima**: the autobiography of Barefoot Gen. Edição e tradução de Richard H. Minear. New York: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2010.

OKUNO, Emico. As bombas atômicas podem dizimar a humanidade – Hiroshima e Nagasaki, há 70 anos. **Estudos Avançados**, vol. 29, n. 84, p. 209-218, 2015.

OTMAZGIN, Nissim. Introduction: Manga as “Banal Memory”. *In*: OTMAZGIN, Nissim; SUTTER, Rebecca. (Ed.). **Rewriting history in manga**: stories for the nation. New York: Palgrave Macmillan, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. *In*: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. (Orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIOUX, Jean-Pierre. A memória colectiva. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROTS, Aike P. Sacred forests, sacred nation: the Shinto environmentalist paradigm and the rediscovery of chinju no mori. **Japanese journal of religious studies**, v. 42, n. 2, p. 205-233, 2015.

ROUSSO, Henry. Rumo a uma globalização da memória. **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 265–279, 2014.

RUOFF, Kenneth. Hirohito, Emperor. *In*: BUCKLEY, Sandra (Ed.). **Encyclopedia of Contemporary Japanese Culture**. London: Routledge, Year: 2006.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Tradução de Pedro Spinola Pereira Caldas e Valdei Lopes de Araújo. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163–209, 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 18 jun. 2023.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011a.

RÜSEN, Jörn. Experiência, interpretação, orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011b.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. *In*: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, 2011c.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Tradução de Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Tradução de Peter Horst Rautmann; Caio da Costa Pereira; Daniel Martineschen e Sibebe Paulino. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Cultura histórica, formação e identidade**: sobre os fundamentos da didática da história. Curitiba, PR: WAS Edições, 2022.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 34, n. 02, p. 211-220, dez. 2012.

SCHMIDT, SIEGFRIED J. Memory and Remembrance: A Constructivist Approach. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar. **Cultural memory studies**: an international and interdisciplinary handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 2008.

SEIXAS, Peter. Ação histórica como um problema para pesquisadores em educação histórica. **Revista Antíteses**. Londrina: UEL, v.5, n.10, p. 537-553, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História**, v. 30, p. 71-96, 2005.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin. A técnica de Grupos Focais no Ensino de História: Uma nova perspectiva metodológica. **Revista Escritas**, v. 10, n. 1, p. 231-246, 2018.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin; RAMOS, Márcia Elisa Teté. As contribuições da History Education para a pesquisa em ensino de História. In: ANDRADE, Juliana Alves de Andrade; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs). **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo, RS: Oikos, p.96-113, 2021.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin; GAMA, Ana Camila Tarquino da. PATRIMÔNIO HISTÓRICO E HUMANIDADES DIGITAIS: o uso do *mymaps* no Ensino de História sobre a ditadura civil-militar no Recife. **Revista Espacialidades**, v. 18, n. 2, p. 379-403, 2022.

SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin. Ensino de História não é Educação, mas calma que eu explico!. **Palavras ABEHrtas**, v.1, n. 1, 2021.

SYLLA, Bernhard. Trauma coletivo: notas sobre um conceito disperso. In: MACEDO, Ana Gabriela; SOUSA, Carlos Mendes de; MOURA, Vítor (orgs.). **Conflito e trauma / XVI Colóquio de Outono**. 1. ed. Braga: Universidade do Minho; Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, 2015.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, v. 15, p. 51-84, 1997.

TRUJILLO, Janny Amaya; ALLENDE, Adrien José Charlois. De la historia a la memoria. Desplazamientos para pensar el lugar de la ficción televisiva en la construcción de sentidos sobre el pasado. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 18, n. 32, 2020. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/578>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TSURUMI, Shunsuke. **A cultural history of postwar Japan**: 1945-1980. New York: Routledge, 2011.

UNESCO. **Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

UNESCO. Hiroshima Peace Memorial (Genbaku Dome). **UNESCO**, 1996. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/775/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

UNESCO. The Criteria for Selection. **UNESCO**, [s.d.]. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/criteria/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de história. *In*: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ZARBATO, Jaqueline A. M; SANTOS, Caio Vinicius dos. Memória e patrimônio na aula de História: o uso do monumento histórico-cultural na aprendizagem histórica. **Revista Fronteiras de História**, Dourados-MS, v. 17, n. 30, jul-dez 2015, p. 64-79.